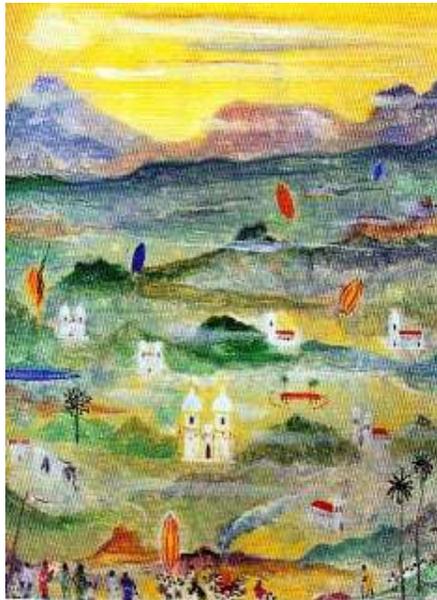




MHA
CAPÍTULO 8 - ARTES VISUAIS



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e www.mariahenaandres.blogspot.com.br

Apresentação

Maria Helena Andrés foi discípula de Guignard em Belo Horizonte e de Theodorus Stamos em Nova Iorque. Ela teve contato com Portinari, foi amiga e colega de artistas sobre os quais escreveu: Franz Weissmann e Amílcar de Castro, Lygia Clark, Mary Vieira, Marília Giannetti, Sara Ávila, Mário Silésio, Célia Laborne. Neste capítulo ela relata suas observações sobre exposições de artistas plásticos mineiros, brasileiros e estrangeiros. Tendo se dedicado à fotografia, também escreveu sobre o tema. Seus escritos sobre artes visuais e artistas plásticos nos Estados Unidos estão reunidos no capítulo sobre viagens àquele país.

SUMÁRIO

1. GUIGNARD, O MESTRE I	7
2. GUIGNARD, O MESTRE II	9
3. GUIGNARD, O MESTRE III	11
4. GUIGNARD, O MESTRE IV	12
5. GUIGNARD – CIRCUITO ATELIER	14
6. NOSSA SENHORA E O ANJO, TEMA DE GUIGNARD	17
7. INAUGURAÇÃO DO ACERVO DE GUIGNARD	18
8. GUERRA E PAZ	20
9. GUERNICA, 80 ANOS	22
10. ALEIJADINHO	24
11. DUAS CASAS, DOIS ESCULTURES: FRANZ WEISSMAN E AMILCAR DE CASTRO	28
12. LYGIA CLARK E O TRABALHO COM O CORPO	30
13. A ARTE DE MARY VIEIRA	31
14. MARÍLIA GIANNETTI, COLEGA E AMIGA	33
15. NOTURNOS DE SARA ÁVILA	35
16. MEMÓRIAS DE MÁRIO SILÉSIO, PINTOR E MURALISTA	36
17. CÉLIA LABORNE, ARTISTA MÚLTIPLA	38
18. CÉLIA LABORNE TAVARES	40
19. ARTES VISUAIS EM MINAS GERAIS	43
20. EXPOSIÇÃO ARTE E PÓLITICA	44
21. EXPOSIÇÃO DE LÊDA GONTIJO NA GALERIA DO MINAS TÊNIS CLUBE	47
22. MAPAS DE ARLINDO DAIBERT	49
23. EYMARD BRANDÃO NA ÍNDIA	51
24. DUAS ARTISTAS UNIDAS NO TEMPO: SONIA DELAUNAY E BEATRIZ MILHAZES	53
25. GTO E O ENCONTRO COM O ORIENTE	54
26. DUAS EXPOSIÇÕES NA PAMPULHA: PAULO BRUSCKY E EDITH DERDIK	55
27. ARTE NA CONTRA CULTURA I - FLUXUS	58
28. ARTE AMBIENTAL NA REITORIA DA UFMG: SHIRLEY PAES LEME E FABRÍCIO FERNANDINO	60

29. DUAS EXPOSIÇÕES NO PALÁCIO DAS ARTES: RONALDO FRAGA E ARTES PARA CRIANÇAS	62
30. KÁTIA SANTANA	64
31. ARTE SUPERANDO BARREIRAS	66
32. NEMER E ANNIE, UM CASAL DE ARTISTAS	69
33. TRÊS ARTISTAS, TRÊS PROPOSTAS: TEREZINHA SOARES, MARILÁ DARDOT E ROSÂNGELA RENNÓ	71
34. QUEM TEM MEDO DE TEREZINHA SOARES?	72
35. TEREZINHA SOARES, UMA GUERREIRA DAS ARTES	76
36. CINCO ARTISTAS, CINCO PROPOSTAS: EYMARD BRANDÃO, PAULO LAENDER, JORGE DOS ANJOS, ROBERTO VIEIRA, JAYME REIS	78
37. PAULO LAENDER, UMA TRAJETÓRIA	80
38. EXPOSIÇÃO “DESENHOS” DE PAULO LAENDER	81
39. NELY FRADE NA HISTÓRIA DO DESENHO E DA PINTURA DE MINAS	83
40. CELSO RENATO, 100 ANOS	85
41. EXPOSIÇÃO DE LÓTUS LOBO	87
42. EXPOSIÇÃO 75 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD NA GALERIA AM	90
43. YARA TUPINAMBÁ	93
44. EXPOSIÇÃO LAMA DE ROBERTO SUSSUCA	95
45. LINHAS SENSÍVEIS	99
46. A REVELAÇÃO DO AVESSO, EXPOSIÇÃO DE FERREIRA GULLAR	101
47. TRAMA, UMA EXPOSIÇÃO DE JOÃO DINIZ	103
48. EXPOSIÇÃO “VETOR VIVO”	105
49. PAULO MENDES, ARTISTA ENGENHEIRO	107
50. LIVRO OBJETO	110
51. EXPOSIÇÃO LIVRO DE ARTISTA	111
52. REFLEXOS DA ART RIO	113
53. DIÁLOGO ÁFRICA-BRASIL	114
54. VIAGENS ESPACIAIS ONTEM E HOJE: MARIKO MORI	115
55. NUNO RAMOS	118
56. ESCHER, UM DESPERTAR DO “VER”	119
57. MONDRIAN E A VANGUARDA RUSSA	121
58. KANDINSKY EM BELO HORIZONTE	123

59. EXPOSIÇÃO DE AI WEIWEI NO CCBB	125
60. PHOTOSHOP, UMA LIÇÃO DE VIDA	128
61. A MUSA PARADISÍACA DE THOMAS NÖLLE	130
62. MARCELO XAVIER, OTIMISTA INCORRIGÍVEL	132
63. ARTE NO COTIDIANO	135
64. EXPOSIÇÃO SOTURNOS NOTURNOS	136
65. GIOVANNI FANTAUZZI, ARTISTA E ARTESÃO	138
66. NAVEGANTES	142
67. SÔNIA LABORIAU	143
68. EXPOSIÇÃO “MEUS BICHOS DO SERTÃO”	146
69. MONICA SARTORI E VICTOR BRECHERET NO MUSEU INIMÁ DE PAULA	

GUIGNARD, O MESTRE I

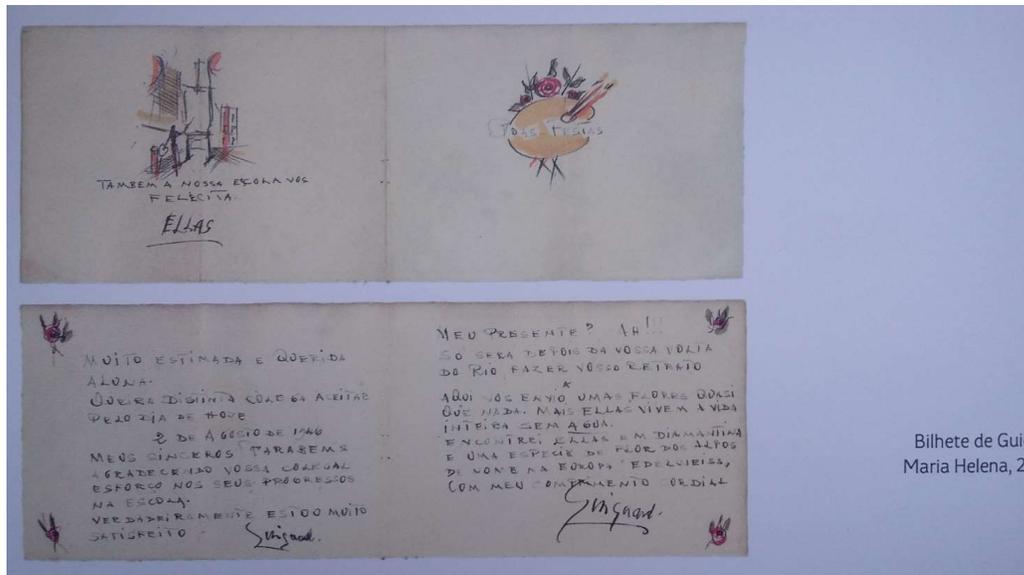


Foto: arquivo Maria Helena Andrés

Quando Alberto da Veiga Guignard chegou a Minas Gerais, em fins de 1943, a convite do então prefeito Juscelino Kubitschek, trouxe consigo uma bagagem artística já consolidada pela crítica. Desde essa época, era respeitado como grande artista e reconhecido internacionalmente. Na década de 40 passou três anos em Itatiaia, estado do Rio, e foi ali que recebeu a notícia de que sua *Noite de São João* acabara de ser adquirida pelo Museu de Arte Moderna de New York.

Guignard sempre se deu bem nas montanhas. Em carta a Portinari, dizia: "Sabes que sou montanhês e por isso, forte de saúde". Deslocando-se para Belo Horizonte, descobriu a luminosidade dos céus de Minas. As montanhas lhe ofereciam cenário para paisagens líricas, transparentes, igrejas surgindo da bruma, balões coloridos subindo aos céus.

Naquela época, a arte em Minas Gerais ainda estava ligada a um academismo formal. A presença de Guignard em Belo Horizonte trouxe uma completa renovação para o meio artístico. Juscelino Kubitschek abria novas direções para a arquitetura, criando o conjunto da Pampulha, convidando o maestro Bosmans para dirigir a orquestra sinfônica e Guignard para tomar sob sua direção a Escola de Belas Artes.

Um grupo de jovens se reuniu em torno desse artista vindo do Rio de Janeiro, amigo de Portinari, Di Cavalcanti e Santa Rosa. O Parque Municipal servia de inspiração para o mestre e seus

discípulos. Exuberante, cheio de entusiasmo, conduzia seus alunos a longas caminhadas pelas alamedas do parque. Antes de começar o desenho, eles teriam de aprender a ver, a sentir a natureza em seu silêncio. A atenção consciente no agora, a observação da realidade exterior com a interioridade de cada um, possibilitava o despertar da liberdade criadora.

A carreira de Guignard como mestre teve início na Fundação Osório, no Rio de Janeiro. Desde essa época, ele estimulava o crescimento interno do aluno.

Guignard não perdeu a inocência das crianças. Durante toda sua vida manteve a espontaneidade criadora e pintou naturalmente, como cantam os pássaros. A espontaneidade, a alegria, o entusiasmo pela vida, o prazer de descobrir cores novas nos céus e nas montanhas, nos reflexos das águas, nos cortes das árvores, nas manchas dos muros velhos, eram qualidades inerentes à sua personalidade.

Guignard estendia esse entusiasmo aos seus alunos. A natureza era seu ponto de referência. "Olhe, o colorido dos céus de Minas Gerais tem um brilho diferente, repare as árvores, as folhagens, as raízes...".

Sua disciplina não se fundamentava em conceitos teóricos, mas na experiência: era observação, concentração e integração total da pessoa com a paisagem. O aluno, desprovido de recursos fáceis, submetido ao lápis duro, sem borracha, acabava afinando-se com a beleza de um olho humano e tinha uma semana para terminar o desenho de um rosto. O prazer não estava em terminar rápido, mas na própria concentração exigida pelo trabalho, no próprio ato de fazer, paciente e silencioso, no uso das mãos, no artesanato metódico e limpo. O desenvolvimento da percepção era também um dos caminhos para o autoconhecimento e a auto expressão. Criatividade e disciplina, liberdade e concentração, espontaneidade e reflexão fundiam-se dentro do mesmo estímulo.

5 de fevereiro de 2012

GUIGNARD, O MESTRE II



Foto: Maurício Andrés

A personalidade de Guignard como mestre delineia-se com maior nitidez mediante o confronto de seu método revolucionário de ensino, baseado no apoio à iniciativa pessoal, com o ensino nas escolas de arte de orientação acadêmica. As escolas acadêmicas prevaleciam nos grandes centros brasileiros quando Guignard chegou a Minas. Aos conhecimentos adquiridos na Europa, ele aliava seu grande poder intuitivo para desvendar o caminho ainda obscuro do ensino moderno, no qual técnica e capacidade criadora se desenvolvem de maneira conjugada, o lápis não reproduz a fria documentação de um objeto, mas transmite toda a força emocional de um momento de criação.

Nessa orientação artística, o aluno não visa apenas o recebimento de um simples diploma ao final de um currículo, mas a vivência de uma formação estética que não termina no período de aprendizagem, mas prolonga-se por toda a vida. De acordo com essa visão, a arte constitui uma riqueza insubstituível, porque se apoia numa estrutura viva e espiritual e não apenas no interesse imediato. Procura a integração do homem ao universo, através do desenvolvimento de suas aptidões individuais.

Mais do que ninguém, Guignard conseguia vislumbrar a coisa nova, a individualidade que se revela na variedade de temperamentos humanos, agora estudados com grande interesse à luz da psicologia moderna. Observações feitas à margem de um catálogo, referindo-se às tendências de cada aluno em particular, revelam esse senso profundo para descobrir vocações e conhecer temperamentos. Uma concepção ampla da realidade humana o levava a valorizar tanto o aluno que desenhava realisticamente um retrato a lápis duro, quanto aquele que se afastava por completo do modelo, para imprimir na tela imagens subjetivas. Ao se dirigir ao aluno, seus olhos enxergavam através da insegurança, conseguiam vislumbrar o traço feliz, a mancha de cor e todas as possibilidades que se escondem atrás de um tímido desenho.

Guignard era simples e possuía humildade daqueles que são realmente grandes. Não via no aluno um futuro concorrente, mas um companheiro de arte que despertava diante de seus olhos. Muitas vezes, ao criticar um trabalho, seu entusiasmo chegava a ser comovente: "Você desenha melhor do que eu", escutei-o dizer a um colega, "mas deixa estar que ainda chegarei lá". Ao corrigir o trabalho de um aluno ele muitas vezes se entusiasmava e o assinava.

Em 1947, Guignard me presenteou com um quadro, representando um caminho no Parque Municipal de Belo Horizonte. Esse quadro sugeriu o título para o meu livro *Os caminhos da arte*. Mais tarde, depois de sua morte, descobri debaixo de um de meus desenhos uma pequena aquarela de Guignard representando os céus de Minas. Foi exatamente na época em que iniciei a minha fase de naves espaciais.

Trabalhando junto com seus alunos, Guignard reviveu de maneira quase única o antigo mestre, figura desaparecida nos tempos modernos. Atualmente, o ensino se distribui em diversas cátedras, com horários marcados e contato reduzido do professor com os alunos. Anteriormente às academias de Belas Artes, o mestre - fosse ele filósofo ou artesão - trabalhava lado a lado com seus aprendizes e a eles se misturava, sem preocupação de superioridade, desejando apenas transmitir experiências. Assim foi Guignard, o mestre moderno, que ensinava uma arte de vanguarda, não ditava leis, mas fazia o aluno descobrir o equilíbrio e a proporção no próprio trabalho, sem demonstrações dogmáticas.

Mestre autêntico, não julgava segundo suas inclinações e preferências, mas desinteressadamente, compreendia o aluno e o conduzia. Ele não trazia valores fixos a decretar - despertava valores novos no contato de sua presença, de seu estímulo.

13 de fevereiro de 2012

GUIGNARD, O MESTRE III

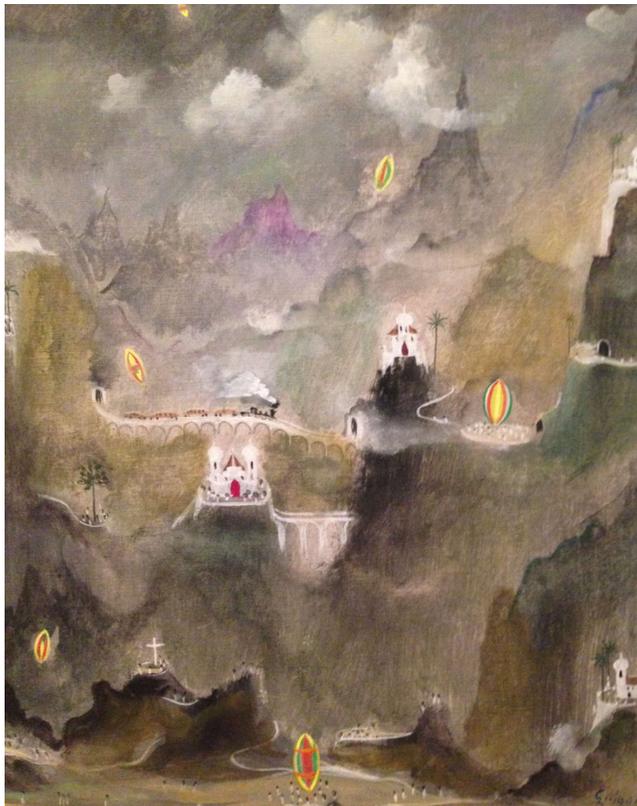


Foto: Maurício Andrés

No mercado de arte, os intermediários disputam entre si o privilégio de vendas, daqueles que muitas vezes sofreram privações para realizar suas obras.

Guignard foi um deles. Viveu de forma simples, morreu pobre. Dava os quadros de graça para os amigos, era generoso também em seus ensinamentos. Não guardava segredo de nada. Pintava na frente de seus alunos, para que eles aprendessem a sua maneira de pintar, mas não exigia seguidores. Respeitava as tendências individuais dos jovens. Era admirado por intelectuais. Viveu numa época em que os artistas plásticos tinham a liberdade de criar dos poetas e por isso mesmo Guignard foi um poeta das cores. Pintava livremente como cantam os pássaros celebrando a beleza dos céus de Minas, das ruas e montanhas de Ouro Preto.

Cecília Meireles em seu artigo “Estrela Breve” registra de forma sensível a trajetória de Guignard e sua morte repentina, no momento em que poderia desfrutar de uma vida mais confortável. Num domingo, ela recebeu a notícia de que Guignard seria finalmente amparado por

uma Fundação, teria casa própria, automóvel, motorista e segurança para trabalhar. “Com a Fundação Guignard tinham acabado aquelas incertezas que afligiram o artista ao longo de sua existência”.

Em seu livro, continua Cecília: “No domingo, refletíamos sobre o mistério da vida: um homem passa a maior parte da existência em sofrimento, abandono, miséria. De repente, brilha sobre ele uma nova estrela e tudo muda. No domingo, despedimo-nos contentes porque uma estrela bondosa viera iluminar o destino por tanto tempo melancólico do pintor Guignard. Na segunda feira, veio a notícia de que o grande pintor morrerá. ”

Isso nos faz refletir sobre a condição da arte e dos artistas. A mesma história se repete ao longo dos tempos.

Na sociedade capitalista em que vivemos tudo vira mercadoria.

Esta visão imediatista e consumista muitas vezes constitui um embaraço para pesquisas históricas que poderiam ser feitas em torno daquele artista.

Esquece-se que uma obra de arte autêntica nascida de um contato direto com o ser interno do artista merece ser divulgada, conhecida e estudada.

O valor de um trabalho artístico, suas qualidades expressivas, não se limita a números e cifrões, mas atinge um espaço que lhe assegura realmente a permanência no tempo e sua equiparação com as demais artes.

Este espaço, fora do circuito mercadológico, os artistas conseguiram alcançar em vida e é justo que eles possam servir de exemplo para outros.

22 de fevereiro de 2012

GUIGNARD, O MESTRE IV

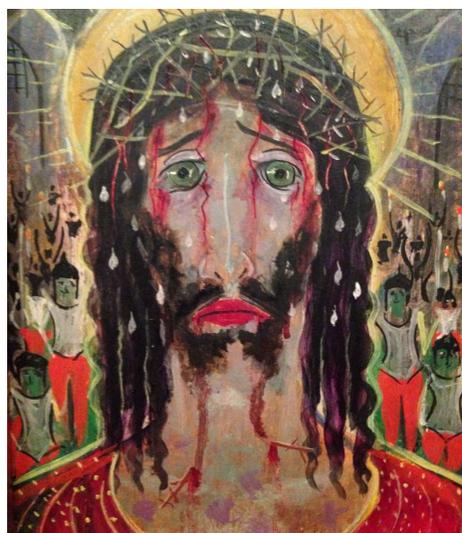


Foto: Maurício Andrés

A influência de Guignard sobre seus alunos não pode ser medida pela melhor maneira de copiar o mestre em suas telas, mas na maneira de segui-lo em seu entusiasmo pela arte, seu amor pela natureza e pelas crianças, seu lirismo perante a vida, seu despreendimento pelo dinheiro, seu estímulo à pesquisa e à iniciativa individual. Juntamente com o aprendizado técnico, Guignard procurava formar no aluno toda uma filosofia de vida.

Sua disciplina não se fundamentava em conceitos teóricos, mas na experiência. Guignard era curioso, gostava de observar cenas de rua e registrá-las em pequenos croquis. Escondia-se atrás das árvores para não ser visto. Um dia, encontrei-o numa avenida central de Belo Horizonte, captando as cenas dolorosas de um enterro. Tentava passar despercebido, mas as crianças, sentadas no meio-fio repetiam em coro:

- Ei, Guignard!

Guignard tentava impedir a imprudência das crianças, mas elas continuavam a importunar o mestre, gritando mais alto ainda:

- Olha o Guignard desenhando!

Os pequenos croquis que fazia nas ruas serviam de motivação para futuros quadros. Recomendava registrar os acontecimentos do cotidiano, captar o momento presente em sua intensidade emocional, para depois recriá-los no papel ou na tela:

- "Façam croquis do natural, estejam atentos ao movimento das ruas, aos mercados, às feiras, às festas de S. João, aos casamentos, aos enterros... O croqui é necessário, ele é a base de tudo!"

Guignard detestava o academismo gerador de formas estereotipadas. O importante era o nascimento do novo. O que realmente pertencia à essência do aluno. Disciplina e liberdade se conjugavam para a formação dos alunos, não somente no nível estético, mas também no plano do desenvolvimento humano.

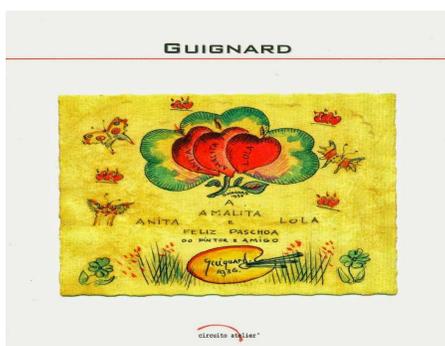
Guignard sempre foi conhecido por seu despreendimento e generosidade. Conta-se que em uma ocasião admirava um de seus quadros, a imagem de um Cristo, numa Galeria do Rio de Janeiro. A jovem atendente, não o reconhecendo, comentou com ele sobre o grande artista, autor daquela obra. Guignard se identificou e lhe disse que estava admirando a moldura que haviam colocado no quadro. No final da conversa ela lhe perguntou a quem havia vendido aquele quadro. Ele então lhe contou que havia dado o quadro de presente para uma estudante de Ouro Preto.

Foram alunos de Guignard, em Minas Gerais, entre outros, os seguintes artistas plásticos:

Aparecida Carvalho Barbosa, Bax, Chanina Sznbejn, Heitor Coutinho, Amílcar de Castro, Holmes Neves, Laetitia Renault, Álvaro Apocalypse, Jarbas Juarez, Wilde Lacerda, Aneto, Vilma Rabelo, Ione Fonseca, Santa, Sara Ávila, Leda Gontijo, Haroldo Matos, Wilma Martins, Maria Helena Andrés, Lizete Meinberg, Eduardo de Paula, Ruth Michel Perrela, Yara Tupinambá, Solange Botelho, Jeferson Lodi, Amarylles Coelho Teixeira, Marília Giannetti Torres, Mário Silésio, Estevão José de Souza, Mary Vieira, Gavino Mudado Filho, Nina Xavier, Melo Alvarenga, Augusto Degois, Washington Filho e Célia Laborne Tavares.

1 de março de 2012

GUIGNARD – CIRCUITO ATELIER



Fotos: Acervo Escola Guignard

A Editora C/Arte acaba de lançar seu mais recente livro do Circuito Atelier, desta vez dedicado ao mestre Guignard. O livro é pequeno, ilustrado com desenhos de sua autoria dedicados

à Amalita, Anita e Lola, figuras femininas que lhe deram inspiração. O livro é todo uma canção de amor à vida e à arte, mostrando aspectos ainda não conhecidos da vida do grande pintor, educador e pensador que foi Guignard. Organizado com muito carinho por Marília Andrés e Jacqueline Prado, este livrinho é uma joia que nos permite ter acesso ao processo de criação do mestre, suas aspirações, suas ideias e, principalmente, seu amor a Minas Gerais e a Ouro Preto. Gosto de livros pequenos que nos permitem viajar com as ideias, levá-las para onde caminhamos. Os livros grandes ficam em casa, em cima da mesa e dificilmente conseguimos carregá-los. O livrinho de Guignard está me acompanhando para onde vou.

Ali está concentrado seu pensamento, suas aspirações e os depoimentos de artistas e críticos sobre sua vida e obra. Procuramos destacar algumas palavras do mestre, através de pensamentos que ele transmitia em seus depoimentos.

“Sou um apaixonado por Leonardo da Vinci, pintor e desenhista...” nos dizia ele.

Em suas aulas na Escola do Parque, na década de 40, em Belo Horizonte, Guignard colocava nas paredes da sala as estampas dos grandes mestres europeus tais como Da Vinci, Miguel Ângelo, Boticelli, Dürer. Anos depois, durante uma viagem à Florença, constatei nos desenhos de Boticelli, uma afinidade muito grande com os desenhos de Guignard.

Sua orientação para observarmos a natureza antes de começarmos a desenhar, permitia uma educação do olhar e nos conduzia a um encontro com esses grandes mestres do passado.

Guignard sempre valorizou o desenho como forma indispensável para a realização de qualquer obra de arte.

Voltamos ao seu depoimento onde ele focaliza a educação do olhar através da observação da natureza.

“Há em todo indivíduo sinais de sensibilidade pela pintura. Não se manifesta, muitas vezes, tal sensibilidade, porque não foi convenientemente observada e aproveitada. Para que vamos à Escola? Não é para aprender a ler e escrever? Da mesma forma poderíamos todos aprender a desenhar. Esteja certo: uns determinados maus gostos que ainda existem nesse mundo, são o resultado da falta de educação mais apurada e enérgica no desenho. E essa educação consiste em apurar a acuidade dos nervos óticos. É um exercício longo, eu confesso, mas dá excelentes resultados”.

Como ex-aluna de Guignard tive a oportunidade de acompanhar o mestre nesses exercícios de atenção que muitas vezes se assemelham ao treinamento de um discípulo da meditação vinda do Oriente.

“Minhas exigências são três”, nos dizia Guignard: “Faço questão de que meus discípulos

tenham esses atributos – disciplina, tenacidade e amor à arte, o resto vai bem pois o meu ensino consiste em demonstrações práticas tanto no desenho quanto na pintura. Porque – digamos a verdade – desenhar não é brincadeira. É uma arte muito séria e nela, só chegaremos a resultados, que podem ser ótimos, com uma grande força – na observação e na perseverança. Mas não se deve forçar o entusiasmo: ele nasce de si mesmo ou... não chega a nascer. Mas já entrei em contato com a maioria dos meus futuros alunos mineiros, e estou confiante no êxito do meu curso. Tenho certeza de que, para coroar vitoriosamente os trabalhos deste ano, com resultados práticos, poderei fazer uma bela “mostra”. Vocês hão de ver-me trabalhar! O meu obstinado interesse pelo desenho chega, muitas vezes, a tal concentração visual e do espírito, que me esqueço de tudo mais...até do almoço.”

Este entusiasmo o Guignard conseguiu passar para seus alunos e aqueles que continuaram e desenvolveram seu próprio caminho receberam do mestre um entusiasmo pela arte que o tempo não conseguiu apagar.

Guignard gostava de pintar ouvindo música. Numa entrevista com Frederico Morais ele evidencia o seu gosto pela música:

“A música é mais divina e muito mais importante porque é como um pássaro, está no ar, em todo lugar. E sempre age assim. (...) a música é a verdadeira arte, a única que tem possibilidade de expansão. A pintura pertence a um público restrito, apenas àqueles que frequentam as exposições.”

Segundo o comentário de Frederico, “quando Guignard ministrava na escola de Belas Artes de Belo Horizonte queria a todo custo que os alunos comprassem uma vitrola – e eles não tinham dinheiro nem para tinta- e queria discos para poder pintar e ensinar pintura. Achava que só poderia ensinar com música. Não foi atendido”.

Com todas as dificuldades enfrentadas por sua escola, Guignard conseguiu estimular seus alunos para considerar a música uma companheira inseparável da pintura.

14 de abril de 2015

NOSSA SENHORA E O ANJO, TEMA DE GUIGNARD



Foto: internet

Nas ruas de Florença lembramos os passos de Guignard ainda jovem, estudante de arte. Florença nos faz lembrar Ouro Preto, com suas ruelas escondidas, onde se sente a arte ressurgindo de um passado histórico. Em Florença viveram Miguel Ângelo, Leonardo, Botticelli, perpetuados nas praças, nas igrejas e museus da cidade. Filas enormes de turistas desfilam diante das obras de arte e pode-se ver a primeira criação de Leonardo, um anjinho pintado na tela “Batismo de Cristo” de seu mestre, Andrea de Verocchio. O gênio de Leonardo foi revelado a partir daquele anjo onde o discípulo superou o mestre em qualidade e beleza. Guignard, estudando em Florença, deve ter aprendido com as obras dos mestres renascentistas e pré-renascentistas. Guignard colocava nas paredes da escola de belas Artes reproduções de Botticelli, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Dürer e outros. “Olha como eles sabiam desenhar! Nunca começavam a pintura sem uma cuidadosa dedicação ao desenho. O desenho é a base para se chegar à pintura.” E muitas vezes esses desenhos rabiscados espontaneamente, hoje não são considerados apenas estudos, mas nos ensinam como nasce a criatividade.

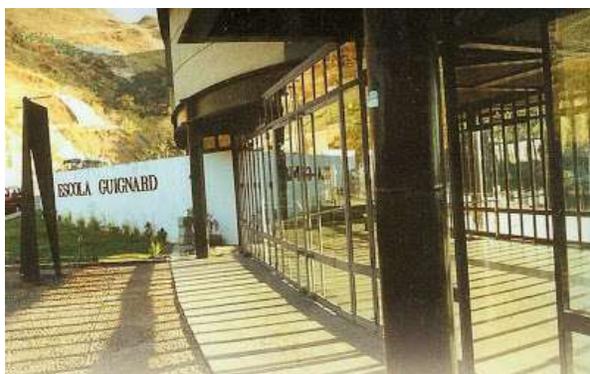
O importante não era reproduzir o modelo de forma acadêmica (Guignard detestava o

academismo), mas transmutá-lo de acordo com o temperamento de cada um. Assim, caminhando através da admiração de Guignard, também aprendíamos a amar os artistas que hoje constituem o grande acervo cultural da humanidade. Os temas escolhidos por esses artistas também eram passados nas aulas de desenho e pintura. No início do curso Guignard nos dava um tema para ser ilustrado: “Nossa Senhora e o Anjo...”. Muitas vezes indaguei o porquê deste tema bíblico. A resposta está na Galeria Uffizi, interpretada por Leonardo, Rafael, Filippo de Lippi, Botticelli e outros. Mergulhando no tempo, vejo Guignard se inspirando naquele tema bíblico cheio de poesia, para transmitir mais tarde aos alunos a intensidade mística de suas experiências. A arte, transcendendo as limitações da época, nos conduz ao mergulho no inconsciente coletivo, além do tempo e do espaço.

Dante e Botticelli percorreram os caminhos da alma até a redenção final glorificada. Olhando com os olhos de Guignard ainda estudante, sentimos o quanto a poesia e transcendência de um sentimento religioso influenciou o artista que mais tarde revelaria o céu a seus alunos, num país distante e numa região cheia de poesia e de religiosidade que é a região de Minas Gerais. Guignard nos revelou a tradição cristã sem impor dogmas ou regras de conduta. Tendo como base os artistas florentinos ele nos transmitiu a grande lição que aprendeu na Europa.

3 de novembro de 2009

INAUGURAÇÃO DO ACERVO DE GUIGNARD



Imagens: A escola Guignard hoje, em 2012 e a Escola Guignard no parque na década de 1940

(Arquivo de Maria Helena Andrés)

A Escola de Belas Artes Guignard, situada no bairro Mangabeiras, aos pés da Serra do Curral, tomou no momento um visual majestoso: escadarias, salões, salas envidraçadas e um imenso pátio onde os jovens se encontram e trocam ideias.

Adequada à contemporaneidade, a escola continua a ser ponto de encontro de ações

criativas.

Dia 14 de abril foi inaugurado o acervo de papéis antigos do mestre Guignard: cartas, documentos oficiais, rascunhos de aula, desenhos e fotos da época.

Este acervo afetivo – cultural está sendo colocado à mostra no grande Salão de Exposições da escola.

Alguns ex-alunos foram convidados a prestarem depoimentos. Éramos sete convidados, cada um representando a sua época, mas unidos pelo mesmo fio condutor que impulsionou o ensino de arte em Minas. Naquela ocasião (década de 40), a escola foi considerada pelo grande artista Portinari como a melhor escola do Brasil.

Foi emocionante a espontaneidade dos depoimentos. Quando um de nós terminava a sua fala, o outro dava continuidade, focalizando novos aspectos. Lembramos o passado cheio de lutas e quase sufocado pela falta de recursos econômicos (em 1965 a escola esteve à beira de ser fechada, mas os ex-alunos imediatamente se prontificaram a trabalhar de graça até que a escola se estruturasse), todos tínhamos à frente como bandeira a chama de entusiasmo iniciada por Guignard.

Observou-se que cada aluno ali presente seguira o seu próprio caminho, sem se prender ao estilo do mestre. Isso veio testemunhar o respeito que Guignard tinha pela individualidade e expressão artística de seus alunos.

Testemunhamos a ênfase dada pelo mestre ao desenho como fundamento de todas as artes plásticas. Conquistava-se a disciplina no desenho de observação feito com lápis duro, e a liberdade nos croquis rápidos, que buscavam a essência do movimento e da forma. Esses dois fatores contribuíram para o nosso desenvolvimento nos caminhos da arte.

Considero de grande importância esse encontro de gerações, pois é através do depoimento das gerações anteriores que se pode compreender o caminho percorrido e o seu resultado no presente.

28 de abril de 2009

GUERRA E PAZ



Fotos: arquivo pessoal

O Cine Brasil me lembra a infância, quando foi inaugurado na década de 30. Vestíamos roupas domingueiras, chapéu na cabeça, para assistir às matinês de domingo, com os filmes desfilando aos nossos olhos: Marlene Dietrich, Greta Garbo, Robert Taylor, Tyrone Power e Shirley Temple com seus sapateados. Entrei até para uma aula de sapateado com Natália Lessa, professora de dança das meninas do society belorizontino. Agora restaurado pela Vallourec, o Cine Brasil está proporcionando ao público da cidade uma exposição monumental da obra de Cândido Portinari, um documentário maravilhoso de um dos maiores pintores brasileiros.

O catálogo Raisonné desfila o seu itinerário em projeções de desenhos, estudos, a caminhada longa e muitas vezes dolorosa do artista de Brodowski. Consegui permanecer sentada por muito tempo porque a obra do mestre é realmente grande e empolga os espectadores mais

interessados em sua curta caminhada por este planeta. É um exemplo de tenacidade e persistência na arte, a seriedade em preparar cada painel com estudos, croquis, até chegar ao resultado final já com cores.

Portinari morreu pela arte, intoxicado por tinta. Foram apenas 53 anos de vida, deixando uma obra que se prolonga no tempo com a força e a energia de um grande artista.

Conheci-o pessoalmente, como aluna de Guignard, fiquei horas diante do painel da Igrejinha da Pampulha, vendo Portinari, ajudado por uma equipe de bons artistas vindos do Rio, preparando as tintas, misturando cores para a realização de um mural que é hoje um símbolo para todos nós de Belo Horizonte.

Naquela ocasião João Cândido era criança, mas o acompanhava sempre em suas viagens, em seu trabalho. Hoje João Cândido é também artista, coordenando e promovendo a obra de seu pai. Elaborou o Projeto Portinari e organizou o Catálogo Raisoné, com toda a trajetória do mestre.

Agora, no Cine Teatro Brasil, o público acompanha os passos dos dois painéis pertencentes à ONU, com o desdobramento dramático da Guerra e da Paz.

Assisti Portinari pintar Guerra e Paz no Rio de Janeiro, hoje aqui estou, admirando o itinerário histórico do artista.

Guerra e Paz continua a ser o tema do momento, sua mensagem é perene e não tem fronteiras. Guerra e Paz nos emociona porque está presente, dentro de cada um de nós em cada momento, enquanto percorremos nossa trajetória de vida no planeta.

No 5º andar do Cine Brasil, pode-se apreciar uma releitura da obra de Portinari realizada em bordados pelo grupo Matizes Dumont de Pirapora. O drama e a poética do mestre continuam inspirando artistas tais como Sérgio Campos, formado pela UFMG, que há dez anos se dedica ao estudo da obra de Portinari. Selecionei alguns trechos do catálogo, sobre os painéis “Guerra” e “Paz”:

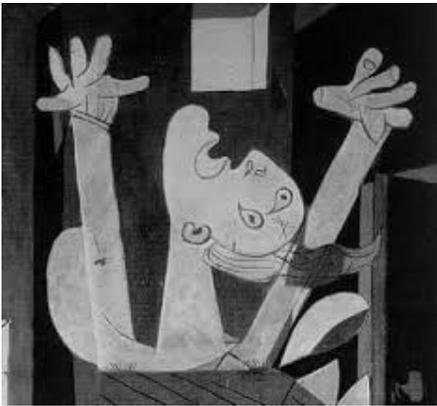
“Portinari não identifica guerra alguma, como se afirmasse que em sua essência todas se equivalem no desencadeamento de horror e animalidade... Figuras em grupo compacto, genuflexo, braços levantados com as mãos espalmadas e rostos voltados para o céu, nesse cenário de morte deixam transparecer uma aragem de força e vida, de condenação à própria existência da guerra”

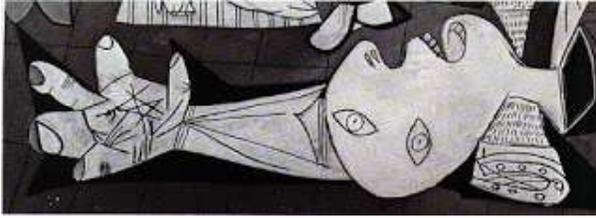
“O que emana do painel *Paz* nos enleva e encanta, mais que a ideia de paz, é a própria paz que nos invade ao contemplá-lo. É a sensação de penetrarmos num universo de paz, de comunhão fraterna no trabalho produtivo, num reino mágico de cores reluzentes, do som da ciranda de jovens num canto universal de fraternidade e confiança, ou da candura dos folguedos infantis. Com

todos esses tons dourados, alegres, crepitantes de vida, o pintor parece nos dizer: a paz é possível. Dia virá em que a humanidade desfrutará da paz sem limites no espaço e no tempo.”

13 de novembro de 2013

GUERNICA, 80 ANOS





*Fotos da internet

80 anos de Guernica
E o mundo
Continua violento.
Uma cidade foi
Destruída na Espanha.
Virou notícia na época
E a Guernica se
Eternizou com
Picasso.
A arte se uniu à
Política
Testemunhou
A violência
E continuou
Na força expressiva
Da própria arte.
Não precisou de
Palavras,
De adesão
A grupos
De manifestos.
A própria arte
Carrega em si
A energia propulsora
Que espalha a denuncia
Sem palavras.
Apenas o gesto
As cores
Os braços levantados
Pedindo socorro
As mães
Chorando
Pelos filhos mortos.
Guernica está viva.
Não precisa dizer
Nada
Só olhar
Sentir
Compartilhar o sofrimento

Do mundo
80 anos atrás.
Picasso criou
A Guernica
E ela está viva
Até hoje.
E continuará
Viva através
Dos séculos.
Picasso enxergou a
Agonia do mundo
Ultrapassou o
Problema local
Da Espanha.
Guernica.
Esta palavra nos
Remete ao passado
Está viva no presente
E se projeta para o
Futuro como uma
Advertência.
Os clamores da Guernica
Estão aí
Nos refugiados
No medo da morte
Na fome
Nos oprimidos.
Ao abrir o jornal de
Cada dia
Enquanto tomamos
Café, vamos lendo outras
Guernicas
Se espalhando
Pelo mundo.
No meu entorno
O dia amanheceu
Em paz.
Guerra e paz
São palavras
Que movem ideias.

17 de julho de 2017

ALEIJADINHO

Há alguns anos, estando em Brasília, visitamos na Galeria da Caixa Econômica Federal, a mostra “O Aleijadinho”, que representa o apogeu do barroco Brasileiro. Penetramos num

ambiente escuro e, na penumbra apenas iluminada por pequenas lâmpadas, reconhecemos o recolhimento das igrejas barrocas de Minas Gerais.

Altars recobertos de ouro e pátina revelam a nossa história, povoada de lutas e conquistas em busca das riquezas minerais de Minas.



Ali está exposto uma pequena amostra do que foi o nosso passado de escavações e buscas em torno do ouro.

O “Ciclo do ouro” como foi denominada esta fase da exploração de nossas riquezas, nos deixou como legado a obra de grandes artistas, arquitetos, pintores, escultores, poetas.

A ênfase desta mostra está na obra do Aleijadinho, comparada por Germain Basin com outro gênio da pintura e escultura, que foi Miguel Ângelo.





Abaixo transcrevo um texto que faz esta comparação.

Germain Basin, curador chefe do Museu do Louvre, compara Aleijadinho a Miguel Ângelo, dizendo que são artistas da mesma estirpe, porém extemporâneos (viveram em épocas distintas), sendo enquadrados na categoria de gênios da humanidade.

O Aleijadinho ultrapassou as fronteiras de Minas para um reconhecimento internacional.

O barroco teve início em São Paulo, mas foi nas Alterosas de Minas Gerais que pudemos descortinar um Novo Mundo, criado por um gênio.

Estas palavras, do catálogo da mostra, nos introduzem às obras do Aleijadinho.

Esta trajetória de glória nos é mostrada na citação abaixo:

“Este mundo novo criado por um gênio, ungido pela glória de Nossa Senhora, para que criasse uma verdadeira Cidade Divina aqui na terra, entre os mortais, demonstrando que todo o desenvolvimento obtido até então na trajetória da Arte Barroca Brasileira seria superado pela beleza, perfeição e graça da obra do Mestre Aleijadinho, cravada, não só na pedra, mas de modo indelével nos templos de Sabará, São João Del Rey, Tiradentes, Congonhas do Campo, Mariana e Ouro Preto, mostrando ao Brasil e ao Mundo a presença divina entre nós.”

Com estas palavras introdutórias iniciamos nossa visita ao Barroco Brasileiro, tendo como carro chefe o Barroco Mineiro, com seus santos de devoção, seus altares e os santos de andar,

conduzidos pelos devotos. Debaixo da penumbra da exposição recordamos toda a beleza da arte de Minas Gerais e fomos levados à lembrança dos Inconfidentes.



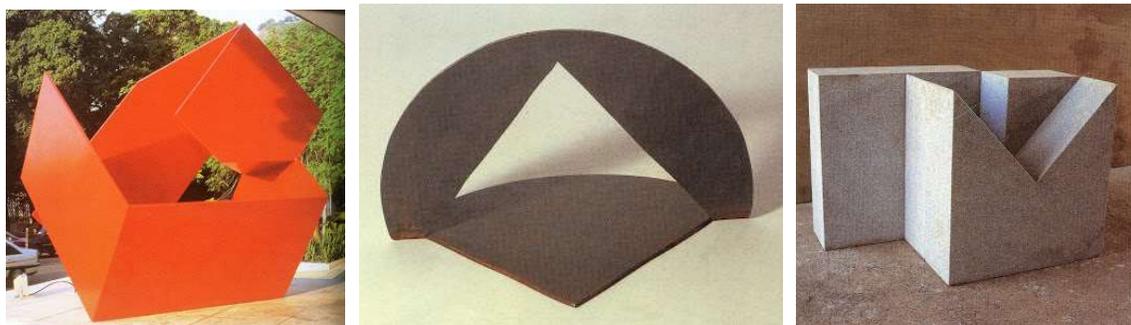
A exposição do Aleijadinho, considerado o apogeu da arte Barroca no Brasil, vai nos mostrando também um pouco de Minas Gerais, terra do minério, das riquezas naturais e da luta pela liberdade.

A Basílica de Nossa Senhora da Piedade em Caeté, onde tenho dois painéis em azulejo, possui na sua nave central uma impressionante imagem de Pietá de autoria do Aleijadinho.



*fotos da internet

DUAS CASAS, DOIS ESCULTORES: FRANZ WEISSMANN E AMILCAR DE CASTRO



Fotos: internet

Quando a família se mudou para o castelinho, papai alugou a casa de baixo onde eu nasci, para a sogra de um jovem escultor. Enquanto ela usava a máquina de costura na parte de cima da casa, o escultor modelava a argila em seu atelier situado no porão. Da minha janela eu podia ver os moldes de uma escultura figurativa saindo das mãos de um grande artista – o jovem escultor era Franz Weissmann, que mais tarde se tornou um dos maiores nomes da escultura brasileira. Naquela época, década de 40, ele ainda não era famoso, mas sua presença ali na casa onde eu sempre vivera, me mostrava um caminho novo para a arte – o caminho do tridimensional. Nunca fui aluna de Weissmann, mas por uma coincidência, ele foi inquilino de meu pai e meu vizinho.

Franz Weissmann foi professor da Escola Guignard e deixou inúmeros seguidores. Depois foi morar no Rio, andava a pé no calçadão, fez parte de movimentos concretistas, ganhou prêmio de viagem e chegou a conhecer a Índia.

Minhas viagens à Índia eram o ponto de referência para nossas conversas. Ninguém consegue esquecer uma viagem à Índia, me dizia ele.

Lembrava-me de Varanasi e do impacto que o forno crematório lhe causou.

Weissmann, com suas esculturas, atravessou as fronteiras do Brasil.

Nas minhas memórias da casa de papai o Franz deixou sua vibração de um escultor que nunca será esquecido.

Seguindo os passos da escultura em Minas, lembro-me de outro artista, Amílcar de Castro, que também morou numa casa onde eu frequentava quando era criança. A casa do meu avô na confluência da rua Cláudio Manoel com Piauí.

A casa foi vendida quando meu avô se transferiu para o Rio na década de 20. Lembro-me daquela construção antiga, com paisagem pintada na varanda, um jardim construído geometricamente. Ali, naquela casa de corredores compridos, quartos estreitos à moda antiga, foi criado o meu colega e amigo Amílcar.

Ele morou naquela casa e ali conheceu Dorcília, que morava em frente e que mais tarde se tornou sua esposa. O pai de Amílcar era Juiz de Direito no interior de Minas e Amílcar também estudou e se formou em direito. Conheci-o na Escola de Belas Artes na década de 40, quando Guignard dava aulas no parque. Naquela época, Amílcar já demonstrava inclinação para o desenho e a escultura. Aprendemos com Guignard a usar a linha contínua, como forma de busca do essencial no desenho, sem enfeites. Escolhi como base o desenho de linha contínua, que me permitia eliminar o supérfluo. As lições do mestre Guignard eram uma bússola no campo da simplificação da forma. A busca da Essência era necessária na arte e na vida.

Na arte era o caminho para o concretismo. Dentro do concretismo, Amílcar pesquisou o tridimensional, participou do movimento concretista no Rio de Janeiro, foi paginador do Jornal do Brasil, ganhou o prêmio Guggenheim, morou 3 anos nos Estados Unidos. Encontrei-o em 1973 na Escola de Belas Artes Guignard, onde era professor de expressão tridimensional, tendo marcado sua presença como professor e continuador da obra de Guignard.

O incentivo dado aos seus alunos, ele, generosamente o distribuía também aos colegas. Transcrevo as palavras de Amílcar, que me ajudaram a prosseguir no meu caminho de cores, antes de iniciar o tridimensional.

“O desenho é fundamento, uma maneira de pensar. E pensar, em arte, é desenhar, porque sem desenho não há nada. Existem outros escultores que fazem esculturas sem desenhar. Eu não sei fazer nada sem desenhar.”

As minhas esculturas, realizadas a partir de 2004, aconteceram após a morte de Amílcar. Porém elas já estavam contidas no desenho, geométrico, realizado na década de 50.

Transcrevo aqui a dedicatória que Amílcar escreveu por ocasião do lançamento do seu livro

“Circuito Atelier” (Editora C/ARTE, BH, MG):

“À minha queridíssima Maria Helena Andrés, pintora magnífica, com um abraço do eterno admirador, Amílcar de Castro 30/10/99”

22 de julho de 2013

LYGIA CLARK E O TRABALHO COM O CORPO



Fotos: Maurício Andrés

Fui colega de Lygia Clark no Colégio Sacré Coeur de Marie em Belo Horizonte. Sentávamos-nos juntas, na mesma carteira dupla, e desenhávamos o tempo todo, em qualquer papel que aparecesse. Sempre acompanhei, com muita admiração, a sua trajetória na arte. Quando nos encontrávamos, nas encruzilhadas de caminhos diferentes, sempre aproveitávamos a oportunidade para uma troca de experiências.

O texto abaixo foi selecionado da primeira edição do meu livro “Os caminhos da Arte.”

“Se observarmos o itinerário de Lygia Clark, podemos sentir a sua trajetória acelerada através de vários espaços partindo da tela bidimensional, até alcançar a realidade do ser humano a fim de transformá-lo. Lygia não se deteve nas aquisições do passado. Sua inquietação constante a conduziu da realidade visível para a invisível, da arte feita para a arte vivenciada, não verbal. Despojando-se desde o início dos elementos sensíveis da cor e matéria, Lygia penetrou na organicidade de onde vieram as primeiras esculturas, os bichos, permitindo a participação do

espectador e o despertar da criatividade. Suas experiências com o corpo marcaram o rompimento definitivo com as artes plásticas. Seu trabalho, naqueles oito anos de permanência em Paris, supõe a desmistificação de conceitos e o desbloqueio dos fantasmas do corpo.

“No meu curso, nos diz Lygia, eu peço depoimentos, vivências e eles começam a se desenvolver também no sentido da palavra, da linguagem. O trabalho com o corpo traz os fantasmas, a palavra é usada para exprimir estes fantasmas e os jovens começam a se expressar como nunca conseguiram em qualquer outro curso da Sorbonne. Cria-se uma comunicação tão viva e intensa que eles acabam se tornando amigos, encontram-se fora do curso, trocam vivências e codificações de comportamento”.

Segundo suas próprias palavras: “Se você analisar tudo o que fiz até agora, vai notar que o que pretendo é o aprofundamento deste trabalho, só que num nível mais coletivo ainda, menos pessoal, menos individual, e menos artístico. Cada vez menos obra de arte. No momento estudo antropologia e a cultura dos índios. ”

Tendo se libertado do objeto como obra de arte, Lygia deu continuidade às suas pesquisas buscando a visão arcaica do mundo e das pessoas. O trabalho com o corpo, a liberação das fantasias levaram-na à conscientização de uma unidade entre as pessoas a que ela denominou “corpo coletivo. ”

A retrospectiva de Lygia Clark no MOMA, em Nova York, denominada “O Abandono da Arte” reuniu seu trabalho desde as pinturas figurativas e os desenhos de 1940, passando pelas abstrações geométricas de 1950 até os revolucionários “objetos sensoriais” de 1960, uma proposição que ela denominou “terapêutica”.

O trabalho de Lygia é experimental e visa à liberação do ser. Desbloqueia, conscientiza, facilita a troca no relacionamento humano e amplia a vivência do ser, tão necessária ao mundo em que vivemos.

16 de setembro de 2015

A ARTE DE MARY VIEIRA



Fotos: internet

Foi guiada por um sentimento espiritual de busca da perfeição que Mary Vieira, artista brasileira, nossa colega na Escola Guignard, embarcou para a Suíça, há décadas atrás. Mary era movida por uma necessidade interior de desenvolver sua capacidade criadora dentro da escultura concreta, que exige do artista a adesão completa à forma pura. A pureza na arte concreta é imprescindível. Talvez seja ela a ponte que liga a arte à ciência, à matemática e à física, penetrando também no plano onde elas se encontram com o espiritualismo inato do ser humano.

O caminho seguido por Mary foi o de buscar sempre a perfeição dentro da arte. Hoje seu nome é conhecido internacionalmente e suas esculturas integram jardins, praças e museus da Europa e das Américas. Pioneira do cinevisualismo plástico internacional, Mary Vieira realizou seus primeiros “Multivolumes”, estruturas concretas multicomponíveis à participação direta do espectador, quando ainda estudante da Escola Guignard, em 1947, em Sabará, Poços de Caldas, Lambari e na Bahia. Em 1948 ela construiu a primeira estrutura cinética monumental animada eletricamente: “Formas Rotatórias Espirálicas à Perfuração Virtual”, que foi executada em Araxá para o conjunto da Exposição Nacional das Classes Produtoras brasileiras.

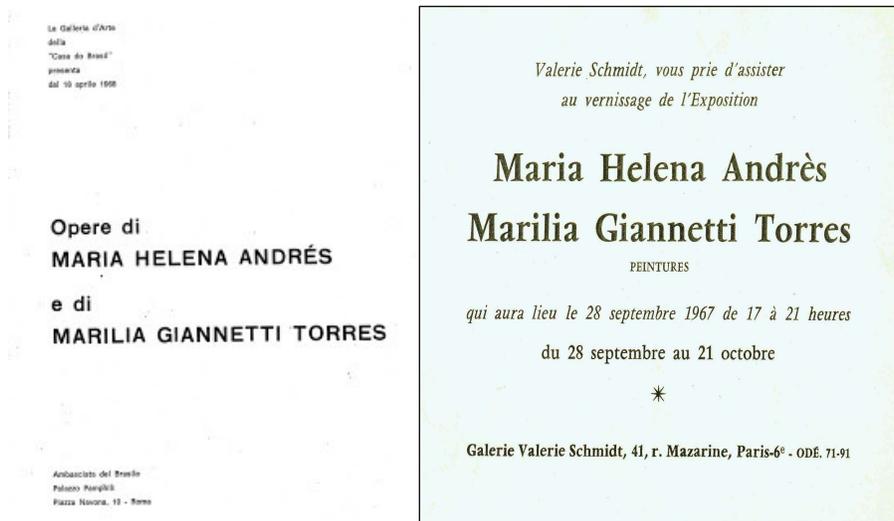
Mary revela em suas esculturas uma possibilidade dinâmica do espaço-tempo. Seus polivolumes permitem ao espectador participar também do momento de criação e sentir-se de certa forma coautor da obra de arte. Aí o sentimento lúdico funde-se com o sentimento estético e permite a criação de novas formas no espaço, sustentadas por uma estrutura básica. Encarregada de realizar uma escultura para o Instituto de Anatomia Patológica da Universidade de Basileia, Mary dedicou 4 anos a esse monumental trabalho, realizado em aço inoxidável e denominado “Função de Forças Opostas”. Ali os elementos horizontais e verticais se conjugam e se movem, oferecendo várias formas de composição aos alunos que transitam no imenso salão. Os elementos, os polivolumes se movem nas mãos dos estudantes. A arte, para Mary, é o canal por onde flui espontaneamente o sentimento espiritual ao encontro do eterno. A sala de meditação do Instituto

de Medicina Social de Bürgerspital do Cantão de Basileia contém uma grande tapeçaria de Mary, baseada também na forma vertical e horizontal, símbolo da vida e da morte. Referindo-se a esse grande trabalho em tapeçaria tecida em lã crua, os críticos suíços comentam: “É a redescoberta da cruz, como forma primordial na sua gênese rítmico-estrutural. Duas linhas se põem em marcha, ao longo da parede, para encontrar a sua própria horizontal e a sua própria vertical. Uma cruz surge no centro como evento metacromático de cor verde. Uma linha se dissolve no curso do próprio caminho, no limite do espaço ambiental. Os dois elementos fundamentais deste mistério, a vertical e a horizontal, se isolam ao lado, preparados para construir-se dia a dia, em uma nova crucificação ininterrupta.”

9 de setembro de 2009

MARÍLIA GIANNETTI, COLEGA E AMIGA





Fotos: internet e de Ricardo Giannetti

Marília Giannetti Torres, grande artista e colega acaba de falecer no Rio de Janeiro. Quando desliguei o telefone, comecei a lembrar nossa trajetória no caminho das artes de Minas Gerais. Relembro fatos históricos como a criação da Escola de Belas Artes Guignard no Parque Municipal e um bando de jovens acompanhando o mestre pelas alamedas do parque. Ali também se reuniam os estudantes de filosofia, que se tornaram nossos amigos. Debaixo daquelas árvores trocávamos ideias, fazíamos amizade com a turma, desenhávamos.

Juntas iniciamos nossa carreira com uma exposição na Cultura Francesa de Belo Horizonte em 1947. Ao mesmo tempo organizamos também nossa família, nossos filhos têm quase a mesma idade.

Marília morava numa casa em estilo moderno projetada pelo arquiteto Sylvio de Vasconcelos. Ali nos reuníamos para realizar nossos quadros e promover mudanças no estilo de arte que recebemos de Guignard. A primeira Bienal sacudiu os alicerces da arte figurativa e nós, como jovens artistas percebemos um caminho novo que se abria diante de nós. Havia uma energia propulsora que nos conduzia às mudanças, à busca de um vocabulário novo. Pertencíamos à vanguarda da época e era preciso expressar em cores a nossa colocação no Construtivismo Brasileiro. São Paulo abria espaços para os artistas e foi em São Paulo que atuamos juntas nas primeiras Bienais. O atelier de Marília era frequentado por críticos de arte, alguns vindos de São Paulo, e o próprio Guignard sugeriu que formássemos um grupo de artistas herdeiros de seus ensinamentos.

Seus ensinamentos eram preciosos, mas seu estilo teria de ser abandonado. Trabalhávamos lado a lado, formando o grupo de concretistas de Minas Gerais, já completamente diferentes do

estilo Guignard. Marília, Mário Silésio, Nely Frade e eu continuamos pesquisando o suporte em telas. Amílcar, Mary Vieira e Franz Weissmann se dirigiram para a terceira dimensão, tornando-se grandes escultores. Nós continuamos na pintura, deixando nossas obras principais nas mãos de grandes colecionadores de Minas, Rio e São Paulo. Passaram-se 10 anos de pesquisa incessante dentro do concretismo. Na década de 60 quase todos os concretistas tomaram caminhos diversos.

Foi nesta ocasião que Marília descobriu uma técnica própria de pintura em relevo. Mudou-se para o Rio de Janeiro e ali, num atelier situado na Av. Copacabana, 10º andar, ela expandiu seus grandes painéis em relevo. Os quadros eram pesadíssimos e às vezes desciam de guindaste, tumultuando o trânsito da Avenida. Em 1967 expusemos juntas em Paris e Roma, ela com os painéis em relevo e eu com a minha fase de guerra. Lembro-me daquela viagem que se estendeu também para a Itália, onde inauguramos o Centro Cultural do Brasil em Roma. Em Paris expusemos na Galerie Valérie Schmidt, na rue Mazzerine, com grande sucesso. Marília subscritou convites para todos os brasileiros, que ali compareceram para nos cumprimentar. Ficamos hospedadas na Embaixada do Brasil em Roma. Tínhamos de subir muitas escadas para chegar até nossos apartamentos localizados num departamento destinado ao batalhão de Suez, naquela época desativado. O secretário da embaixada nos advertiu: “Vocês tomem cuidado, não andem pelos corredores à noite, pois o fantasma de uma mulher costuma aparecer por esses corredores.” Lembro-me de que ficamos doidas para ver o fantasma, mas ele nunca apareceu. Devia ser brincadeira do secretário...

Em Roma ficamos conhecendo Deoclécio Redig de Campos, embaixador junto ao Vaticano. Deoclécio era irmão de Olavo, casado com minha prima Maria Letícia. Com uma carta de apresentação chegamos até ele e pudemos visitar departamentos do vaticano fechados para o público. Vimos a restauração de um painel de Rafael pintado sobre um afresco de Piero de la Francesca. Assistimos ao processo de retirada da obra de Rafael, colocada em partículas sobre uma grande mesa, para depois de muita documentação fotográfica, voltar ao lugar de origem. Foi uma aula importante e inesquecível.

Marília já expusera em 1964 na Galeria d’Arte della “Casa do Brasil” e em catálogo consta observações de críticos italianos.

A arte de Marília continua viva, como suas “superfícies vivas”, e a sua memória ficará na lembrança de todos aqueles que a conheceram de perto.

8 de dezembro de 2010 e 22 de fevereiro de 2012

NOTURNOS DE SARA ÁVILA



Fotos: internet

Quando conheci Sara Ávila, nos idos tempos da Escola Guignard, quando ainda no parque municipal, ela era uma menina de um desenho muito sensível. Desenhava e pintava aquarelas de flores, muito apreciadas pelo mestre Guignard. Agora, sentada numa cadeira em frente ao grande painel “Noturno de Belo Horizonte”, fico pensando nas flores que me lembravam estrelas e este imenso e monumental painel que me lembra o céu estrelado. Pintado pouco antes do seu falecimento, o painel “Noturno de Belo Horizonte” é uma maravilhosa despedida do planeta, para habitar espaços superiores, cheios de luz.

Sara, com sua fase de “flotagem”, ficou reconhecida internacionalmente, mas não fazia uso disso, para se colocar acima dos colegas. Era discreta ao receber convites e homenagens fora do Brasil. Pertenceu por muitos anos ao grupo “Phases”, sediado na França e com o grupo percorreu a Europa e as Américas.

Na Escola Guignard foi professora de desenho e de criatividade, com um trabalho semelhante ao de Lygia Clark. Quebrar os condicionamentos através de jogos criativos, foi sua tarefa por muitos anos na Escola Guignard, e com isto conquistou a amizade dos jovens iniciantes nas artes.

Conversávamos muito sobre os projetos de cada uma e Sara se tornou uma grande amiga.

Agora, contemplando o painel “Noturno de Belo Horizonte”, exposto na sala de exposições da Escola onde ela estudou e se tornou professora e diretora, fico pensando no grande poder que a arte tem de transmitir vibrações de deslumbramento e alegria perante a vida.

Ao se transferir de sua residência na Savassi para o bairro Belvedere, Sara se encantou com a cidade vista do alto, totalmente iluminada.

Esta série de “Noturnos” está aberta à visita pública, na Escola Guignard e merece ser vista.

17 de julho de 2015

MEMÓRIAS DE MÁRIO SILÉSIO, PINTOR E MURALISTA



Fotos: Maurício Andrés e internet

No dia 13 de maio de 2015, Mario Silésio completaria 100 anos de idade. Resolvi, como artista e amiga, prestar-lhe uma homenagem neste meu blog.

Conheci Mario Silésio nos anos 40, quando foi inaugurada a Escola Guignard. Fomos da 1ª turma da escola. Guignard conduzia 40 alunos pelos caminhos da arte, despertando o potencial de cada um sem impor regras e conceitos. Mario Silésio logo se destacou por seu imenso desejo de aprender. Formara-se em direito como seu colega Amílcar de Castro, mas a sua vocação verdadeira era a arte, especialmente a pintura, à qual se dedicou até o fim da vida.

Lembro-me de Mario no parque, desenhando com a maior atenção troncos de árvores, com lápis duro, um desenho de grande precisão, lembrando gravura em metal.

Guignard nos levava sempre para o atelier da escola, um grande salão onde todos nós desenhávamos modelo vivo, retratos e “naturezas mortas”. Armava com cuidado alguns objetos, garrafas, frutas ou flores e, dentro daquela composição figurativa, Mario sobressaía com a limpeza de cores e a exatidão de formas, que mais tarde seriam o veículo principal de suas abstrações.

Pintar com muita gente perto, cada um colocando o seu modo peculiar de expressão era para mim grande novidade.

Essa diversidade foi de grande importância para seguirmos à frente cada um assumindo o

seu caminho.

Guignard nos levava ao Rio para ver os alunos que deixara lá, e ali conhecemos o grande artista Iberê Camargo.

O intercâmbio com o Rio era necessário e também com São Paulo onde estavam as maiores oportunidades.

E foi justamente São Paulo o ponto principal da grande mudança que ocorreu na arte brasileira nos anos 50.

Foi a chegada de Max Bill no Brasil e a inauguração da I Bienal de São Paulo, que possibilitou essa mudança.

Íamos a São Paulo, entrávamos em contato com Mario Pedrosa, Volpi, Maria Leontina, Milton da Costa. Mario Pedrosa vinha a Minas Gerais e visitava nossos ateliês.

O abstracionismo que já começaria a se manifestar em Minas, tomou novas características com a chegada das ideias vindas da Europa. André Lhote, grande artista francês, veio a Belo Horizonte e teve contato com a Escola de Belas Artes Guignard e, após este contato, Mario Silésio obteve uma bolsa do governo francês em Paris.

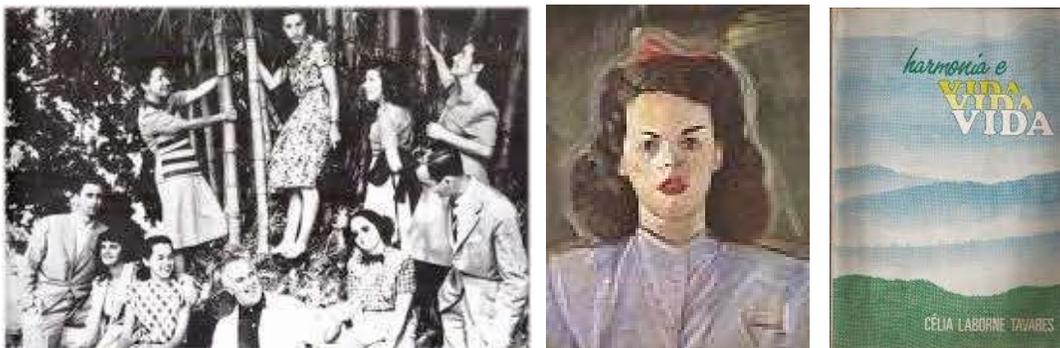
Voltando ao Brasil, entre 1957 e 1960 executou diversos painéis em edifícios públicos e privados em Belo Horizonte, como o painel do Banco Mineiro de Produção, Condomínio Retiro das Pedras, Teatro Marília, Escola de Direito da UFMG, Departamento Estadual de Trânsito – Detran.

No Rio criou em Araruama um grande mural para o clube dos engenheiros. Em 1964 executou os vitrais da Igreja de Ferros em Minas.

Este foi o grande percurso de um artista que começou a pintar na Escola Guignard, à sombra das árvores e mais tarde levantou voo para novos caminhos internacionais.

4 de junho de 2015

CÉLIA LABORNE, ARTISTA MÚLTIPLA



Fotos: internet

Conheci Célia Laborne desde criança, quando da criação do Minas Tênis Clube. Célia morava em frente, era nadadora oficial do Minas, conquistando ali várias medalhas.

Aquela coragem de se jogar nas águas da piscina, percorrer espaços, conquistar prêmios, não era para qualquer adolescente da época. Lembro-me de ficar sentada na arquibancada, torcendo por aquela nadadora mirim que, aos 12 anos de idade, conquistava troféus.

Mais tarde fui encontrar Célia na Escola de belas Artes Guignard, onde ela se inscreveu na primeira turma. Célia era muito sensível, desenhava flores e paisagens do parque e dava preferência às aguadas transparentes. O elemento água preponderava em seus trabalhos muito elogiados pelo mestre Guignard.

Transparência, sensibilidade, observação da natureza, das árvores, dos céus de Minas. As aquarelas e o desenho de linha com lápis duro, estimulados pelo mestre, caminharam juntos com outra forma de expressão da artista, a palavra escrita e falada. Surgiram versos espontâneos, líricos. O lirismo próprio de nossas montanhas, transbordava nos versos e nas cores, conjugando as duas formas de arte numa só inspiração.

Célia guardava os versos, que lhe vieram muito antes da pintura, desde os 13 anos de idade. Eram seus, o seu colóquio com os níveis mais profundos de consciência, uma abertura para o campo imensurável da poesia. Seus poemas surgiram da necessidade de expressão de uma jovem de Minas Gerais que, das montanhas lançava o seu canto.

Ser artista é um caminho neste planeta, um caminho de abertura de consciência, um diálogo com Deus.

Seus textos espiritualistas despertaram a atenção de pessoas ligadas à mesma sensibilidade, muitas vezes residindo em lugares distantes. Foi do Oriente que ela assimilou a profundidade dos pensamentos filosóficos e poéticos.

Célia foi cronista de vários periódicos da cidade de Belo Horizonte e sua coluna ficou conhecida através do jornal “Estado de Minas”, onde ela ocupava o espaço denominado “Vida Integral”. Célia foi a primeira e quase única jornalista que divulgou as filosofias orientais e as técnicas de meditação, relaxamento e a importância da respiração. Seus seguidores são múltiplos, e sua mensagem transpôs as fronteiras de Minas, para alcançar outros espaços mais amplos. Atravessou os mares, foi bem recebida em Portugal, na Europa e nos Estados Unidos. Em Florianópolis eles se transformaram em vídeo, através da iniciativa de um seguidor.

A mensagem de Célia é poética e espiritual, e penetra num espaço pouco explorado pelos poetas modernistas. Situa-se numa linha bem própria, estudando mestres de Yoga tais como Vivekananda, o primeiro a introduzir a Yoga no mundo ocidental. Sua mensagem é ecumênica,

abrange religiões, filosofia e as ciências mais modernas tais como a física quântica. Ela partiu do estudo mais denso para os mais sutis.

Seu universo está situado em níveis mais altos de consciência, naquele espaço onde a palavra toca a alma das pessoas para ajuda-las a transcender o cotidiano.

O cotidiano é importante, mas existe um espaço além, onde muitas vezes a palavra não consegue penetrar.

Os textos de Célia nos conduzem para este espaço além do noticiário dos jornais. Célia é jornalista e poeta e continua divulgando suas mensagens através de seu blog “Vida em Plenitude”.

Ali a palavra é o toque mágico que nos conduz ao infinito, para uma dimensão transcendente, além da Terra.

Todos nós devemos um pouco a esta mensageira da paz e da harmonia entre os seres vivos.

Abaixo, segue um dos poemas de Célia Laborne:

*Quem será Este que apenas antevejo e já me transfigura? E amplia em mim doação e paz –
como um aroma a indicar amanhecida flor?
Quem é Ele que ainda não o vi e já o pressinto como o mais caro, amável e luminoso?
Comandando o tempo e o espaço, Ele chega...
Quem é Este que ainda não toquei e já vibra em mim e se comunica e se transmite?
Quem é Este que o silêncio desvenda?
Quem se oculta atrás de tanta força e harmonia e sabe fazer-se pequeno em minhas
palavras?
Quem se vai tornando dádiva nas minhas humílimas mãos que transbordam em oferenda?
Ah! O Teu nome que é flor e canto e vento leve e suave cor... Teu nome mutável, maleável
que se instalou em mim como seiva e fruto!*

*Este nome repercute e vibra para encher minhas horas e meus dias e dizer-me tudo sobre
Teus caminhos.
Ah! O Teu nome violento, sem fronteiras, campo de amor e de conquista. O Teu nome que só
o silêncio conhece...
Esse nome indecifrável que me acorda e se funde no meu próprio nome para fazer-me viva.
O Teu nome que me dissolve e recria.
Enquanto o ouço desdobram-me como flor à espera da revelação...
Já não sou a voz, a palavra, a ideia, o gesto, mas e tão só, o instrumento dócil da entrega.
Entretanto, assim sendo, cresço em harmonia e tudo em mim se alarga e se faz ilimitado.
Sou o rio por onde navega o Criador da fonte; por isso posso identificar-me à vida, à luz, ao
amor.
Agora, já não canto meu canto, entoo o hino do que está em mim.*

6 de janeiro de 2015

CÉLIA LABORNE TAVARES





Fotos de Kelly Dabés e de arquivo

Célia Laborne Tavares foi companheira desde os tempos da escola Guignard. Juntas, percorríamos as alamedas do Parque Municipal, em busca da árvore certa para realizarmos o desenho a lápis duro, sugerido por Guignard.

A alegria própria da juventude nos estimulava, e cada uma se debruçava sobre o papel, horas a fio, sentadas em banquinhos, desenhando e meditando. A inclinação de Célia para a meditação deve ter vindo desses momentos felizes de aprendizado e introspecção. O caminho das artes e da espiritualidade começou no Parque, no silêncio de um papel branco, onde todas nós desenhávamos a árvore escolhida. Naquela ocasião, Célia já se inclinava para as cores transparentes das aquarelas.

Guignard descobriu nela esta tendência para a poesia das cores transparentes.

Seus desenhos da época já traduzem esta forma lírica, suave, de lidar com as artes.

Célia era também escritora. Seus textos começaram a se projetar e o lirismo da poeta se espalhou como um canto de luz sobre as montanhas. Minas é terra de grandes poetas, o ar das montanhas favorece. Poesia é a arte que nos permite atravessar o mundo e nos transporta para outras dimensões, por meio da palavra.

Ser poeta é desvendar seu próprio sonho e compartilhá-lo.

Com inspiração oriental, Célia está relançando, agora, seu livro “O quinto Lótus”, repleto de mensagens atemporais, propícias para a época atual. Esse livro foi editado pela primeira vez, em 1972, pela imprensa oficial, quando já entrara para o jornalismo. Célia me entregou o livro para que eu fizesse as ilustrações.

Naquela ocasião eu lançava também o meu primeiro livro “Vivência e Arte” e, juntas, fizemos o lançamento de nossos livros.

A trilha das artes se unia ao despertar de um novo caminho aberto para todos nós como um deslumbramento.

O “Quinto Lótus” é a revelação desta descoberta.

A flor de lótus, símbolo da filosofia do Oriente, é uma flor pura, de rara beleza, que nasce nas águas turvas e só se abre quando encontra a luz. Seu significado é a subida do Kundalini, energia espiritual que ascende em todos os que já estão preparados.

O quinto lótus é o chacra laríngео, que se abre quando a pessoa já está pronta para divulgar a mensagem vinda de outras esferas.

Ao longo de sua trajetória, Célia foi a grande mensageira da espiritualidade em Minas Gerais.

Seus versos e seus textos se ampliaram pelo mundo através da internet e sua mensagem é aplaudida em vários países, desde Portugal até a Rússia.

Suas palavras transmitem o lirismo da poeta que teve sua origem na Escola do Parque.

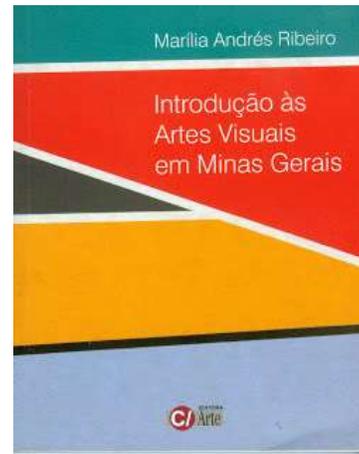
Fico lembrando os tempos da Escola Guignard e descubro um retrato de Célia pintado por mim. Guignard também a retratou.

Célia experimentou várias formas de arte e sempre me convidava a participar de suas descobertas. Além da pintura, fizemos juntas aulas de Yoga, dança e canto. Na Yoga fiquei conhecendo, através de Célia, os mestres da filosofia da Índia, entre eles Vivekananda, o primeiro a divulgar os Vedas na América.

Célia Laborne Tavares não viajou pelo mundo, mas seus versos e textos poéticos já são conhecidos e divulgados nas Américas e na Europa.

21 de outubro de 2019

ARTES VISUAIS EM MINAS GERAIS



Fotos: Marília Andrés

A historiadora Marília Andrés Ribeiro acaba de lançar um novo livro *Introdução às artes visuais em Minas Gerais* onde aborda um panorama da arte mineira moderna e contemporânea desde a implantação da Escola Guignard até os projetos atuais. Marília discute o contexto histórico e o circuito artístico, e divide o livro em três momentos interligados: o modernismo (anos 1940/50), as neovanguardas (décadas de 1960/70) e a arte contemporânea (anos 1980 até o início do nosso milênio).

Em 1997, Marília publicou o livro *Neovanguardas: Belo Horizonte, anos 60* que, segundo o crítico Frederico Morais “é uma referência bibliográfica obrigatória para todos os estudiosos da história da arte moderna e contemporânea brasileira, em um de seus capítulos mais atraentes”. No seu prefácio para o este novo livro, Frederico Morais continua: “Bastaria aquele livro sobre as neovanguardas em Belo Horizonte na década de 1960, para consagrar Marília Andrés Ribeiro”.

As neovanguardas ilustram uma passagem histórica de grande importância para a compreensão da arte como rompimento de estruturas arcaicas e incentivadora de novos caminhos. “Com efeito”, nos diz Frederico, “foi na capital mineira, entre 1964 e 1973, aproximadamente, que se levaram a cabo algumas das propostas mais arrojadas e polêmicas da plástica brasileira de vanguarda, apoiadas por uma crítica militante e criativa”.

O prefácio de Frederico, muito claro, vai mostrando os acontecimentos que impulsionaram os artistas a se manifestarem. Nos salões da Reitoria os artistas e os críticos se reuniam para combater o paisagismo repetitivo dos seguidores de Guignard, e, principalmente, a situação de extrema repressão que se instalou no Brasil com o regime militar. No itinerário das neovanguardas, Marília transmite a sua alma de política libertária.

Frederico Morais, escolhido pela autora para prefaciar seu livro, exerceu em Minas um

grande papel, como incentivador de novos caminhos e defensor da liberdade de expressão. Ninguém melhor para prefaciar este livro sobre as artes visuais em Minas Gerais do que Frederico Moraes, crítico e artista, radicado no Rio de Janeiro, mas grande conhecedor dos movimentos de arte que tumultuaram uma sociedade arraigada à tradição: a “tradicional família mineira”.

Neste livro atual, Marília analisa as artes visuais em Minas, acompanhando as diversas fases e mudanças que nos fizeram chegar até a arte contemporânea e a nossa mineiridade como uma energia sempre atuante fora do eixo Rio/São Paulo. De Minas para o mundo é o que eu sinto quando acompanho a nossa mutação, desde o esplendor do barroco mineiro até os dias atuais. Arte e vida sempre juntas, levantando bandeiras!

Lembramos aqui as palavras de Cecília Meirelles para o Romanceiro da Inconfidência:

“E a bandeira já está viva e sobe na noite imensa, mas seus tristes inventores já são réus pois se atreveram a falar de liberdade que ninguém sabe o que seja”.

18 de junho de 2013

EXPOSIÇÃO ARTE E POLÍTICA





*fotos de arquivo

Foi um trabalho de muitos dias, muitas horas, nos porões do museu de arte da Pampulha (MAP), onde estão as obras dos artistas que mereceram prêmios ou doaram quadros para o acervo. Depois de escolhidos de acordo com o tema – arte e política – os quadros ou vídeos (naquele tempo eram chamados de audiovisuais) foram organizados para a exposição do Sesc Paladium e poderão ser vistos até o dia 30 de julho.

A proposta reúne artistas que se utilizaram espontaneamente de sua energia criadora para denunciar os erros da nossa sociedade, as injustiças, as torturas, as prisões por motivos ideológicos, as reivindicações sociais, as guerras, os crimes contra a natureza humana.

Não existe doutrinação, mas a evidência está explícita nas obras e na sinceridade com que foram criadas. A arte, como testemunho da sociedade se revela como uma porta voz dos oprimidos, como uma denúncia que se perpetua no tempo. Vejamos agora a exposição arte e política, quase um documento da década de 1960, quando sofremos a ditadura militar no Brasil.

Os artistas que viveram aqueles anos de chumbo se manifestaram através de suas obras, de forma não verbal. viveram uma época que não se podia bater palmas para quem estivesse fazendo

um discurso contra o governo.

Hoje, felizmente os tempos mudaram. Estamos em 2016, na galeria de arte do Sesc Paladium, na exposição organizada por Marília Andrés ribeiro com a colaboração de Ana Luiza neves e as equipes do MAP e SESC. Ali estão expostas as reivindicações de artistas que viveram épocas tumultuadas e deram a sua mensagem.

Ali estão os meus colegas Jarbas Juarez, Terezinha soares, beatriz Dantas, José Alberto Nemer, Marisa Trancoso, Júlio Espindola dentre outros, cada um representando uma mensagem pessoal, uma conscientização do momento político. Fui convidada a participar deste grupo com um trabalho da minha fase de guerra, intitulado *radioactive ship*, uma denúncia à guerra atômica. Na década de 1960 estive nos EUA em viagem de estudos.

Foi por ocasião da guerra fria quando o medo de um ataque atômico pairava no ar. abrindo a gaveta de um armário do hotel onde estava hospedada em são Francisco encontrei um panfleto alertando sobre as providencias a serem tomadas no caso de um eventual ataque atômico.

“Quando as sirenes da defesa civil tocarem, aqui está o que você deve fazer: 1º alerta - um som ininterrupto de sirene. Você terá tempo de fugir levando apenas um pequeno rádio de pilha.

Seguir as instruções. 2º alerta – ataque imediato, não sair de casa, deitar-se de bruços no chão e esperar o estrondo longe das janelas. Depois de meia hora, se ainda estiver vivo, poderá sair em busca dos parentes, mas quando voltar terá que tomar um banho de chuveiro e mudar as roupas para se livrar da radioatividade. 3º alerta - é preciso lembrar que, em caso de terremoto, os avisos serão diferentes.”

Estes alertas me horrorizaram. Um mês depois, já as vésperas de regressar ao Brasil, um novo aviso, desta vez com a população correndo para os metrô. Senti o impacto do drama dos japoneses em Hiroshima e Nagasaki. A destruição atômica é o grande drama da humanidade.

Regressando ao brasil, voltei para o meu ateliê em belo horizonte e a minha pintura sofreu grande mudança. A obra *radioactive ship* é um documento trágico da época. Realizada com uma técnica de acrílica e colagem sobre cartão, usando pedaços de isopor molhado na tinta para

permitir que a energia fluísse com mais intensidade, essa obra marcou o início de uma nova série, denominada série de guerra. Trabalhei nesse quadro e em vários outros com a mesma intensidade e o mesmo propósito interno de denunciar a guerra fria e também as torturas e a violência que estavam acontecendo no brasil durante a ditadura militar.

14 de julho de 2016

EXPOSIÇÃO DE LÊDA GONTIJO NA GALERIA DO MINAS TÊNIS CLUBE



Fotos: Maria Helena Andrés e internet

Logo na entrada, chama a atenção o título da exposição: “Força estranha”.

Fui visitá-la na tarde de quinta-feira; Leda acabara de dar um curso de cerâmica para iniciantes interessados. Estava eufórica, sentada numa cadeira de rodas dirigida por ela mesma. Com aquela cadeira já percorreu sozinha a orla da praia de Copacabana, sem ajuda de ninguém.

Acredita na vida e está sempre de bom humor diante dos outros. Já sofreu três quedas que lhe valeram a condição de cadeirante, mas não conseguiram abatê-la. De cada tombo saiu mais fortalecida.

Esta estranha força vem de acreditar com entusiasmo na sua arte e na sua missão neste mundo como artista e como mãe de família. Em Lagoa Santa, onde mora, Leda já liderou movimentos sociais em defesa dos hospitais da região.

Lembro-me de Leda quando entrou na escola de Belas Artes Guignard em 1944, tendo sido minha colega na primeira turma. Ali ficou por algum tempo, mas logo se afastou da escola, para se dedicar de corpo e alma à escultura, como autodidata, preferindo seguir o seu chamado interno.

Dali partiu para a cerâmica, a pedra sabão e mais recentemente a madeira, como veículos para a realização de sua obra figurativa. Esculpiu figuras e santos, com a mesma energia que conduziu as mãos dos antigos artesãos de Minas Gerais.

Quando estava esculpindo um São Francisco de Assis, dirigiu-se ao santo com a espontaneidade que lhe é peculiar: “Quando eu chegar ao céu (é claro que vou para o céu...), vou encontrar com você que sempre proclamou a pobreza. Perdoe-me São Francisco, se eu faturei às suas custas...”. As esculturas de São Francisco fizeram sucesso, foram todas vendidas...

Agora, aos 101 anos de idade, recebe os visitantes com a alegria de uma adolescente. A exposição é um sucesso, mostrando a biografia da artista desde o seu nascimento até os dias de hoje. Logo na entrada, uma árvore genealógica mostra os antepassados e os descendentes desta artista considerada um fenômeno de longevidade e energia.

A dedicação à arte e à família durante todo o seu percurso de vida está ali, entregue aos visitantes. Leda acredita no que faz.

Lembro-me de Leda Selmi Dei de short branco praticando tênis no Minas Tênis Clube. Eu acompanhava aquela campeã que era também minha companheira na Escola Guignard. Duas campeãs do esporte dedicavam-se também às artes. Ela no tênis e Célia Laborne na natação.

Hoje vejo cada vez mais a importância de se aliar o esporte às artes. Segundo os ensinamentos de Sri Aurobindo na Índia, o corpo tem de ser exercitado no esporte, na dança, no Yoga, a fim de prepará-lo para o despertar de energias superiores. Corpo e alma têm de estar afinados para o despertar desta força estranha que conduz o ser humano a uma longevidade sadia e produtiva.

Volto novamente ao passado para reencontrar Leda, como anfitriã de uma casa na Serra, em Belo Horizonte, recebendo a turma da Escola Guignard. Revejo Guignard, trepado numa escada pintando o teto da casa. Com a chegada de seus alunos, o vozerio, os palpites, Guignard parou o

trabalho, cruzou os pincéis, perdeu a inspiração. A obra ficou paralisada e só muitos anos depois foi terminada.

Agora, em 2016, reencontro Leda no Minas Tênis Clube, sentada numa cadeira de rodas que ela mesma dirige. Seus 101 anos, sempre ativos e produtivos, estão sendo comemorados pelos seus seguidores e descendentes. Tiramos fotos juntas e fui ver sua árvore genealógica, onde minha neta Alice está incluída, como esposa do Paulo, neto de Leda...

Leda é filha de uma artista plástica e suas irmãs também se dedicaram às artes, inclusive Lizete, artista e diretora da Escola Guignard.

Cercada de filhos, genros, noras, netos e bisnetos, Leda soube coordenar sua vida de artista, dona de casa, mãe de família, professora e líder social.

29 de março de 2016

MAPAS DE ARLINDO DAIBERT



Fotos: Marília Andrés, Rafael Chemicatti e Nino Andrés

André Melo Mendes desvenda, no seu livro sobre o artista Arlindo Daibert, duas expressões artísticas que tradicionalmente eram consideradas diferentes: o texto e a imagem.

Antigamente, a imagem, considerada ilustração do texto, tornava-se uma arte menor, subordinada à escrita. Havia um preconceito com o trabalho artesanal, feito com as mãos, em relação ao trabalho intelectual. Nesse momento, em que existe uma intermedialidade entre as artes e as mídias, esse preconceito antigo está sendo questionado e as artes caminham juntas, sem que exista superioridade de umas sobre as outras.

Trazer luz sobre essa ideia é o que André Mendes propõe em seu livro. Ali, ele destaca que Arlindo Daibert tem o seu lugar no cenário das artes plásticas como um grande artista, que se

inspirou no livro “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa, outro grande artista da literatura brasileira.

O livro de Rosa tem servido de inspiração para vários artistas que trabalham com as artes visuais, a exemplo de Poty, ou com a música, como Alexandre Campos e Bernardo Maranhão. O nome Vereda sugere o lugar onde a água pura brota da terra e vai crescendo na medida em que recebe novos afluentes. Visitei uma Vereda em Brasília e ali me informaram que aquela água chegaria ao Rio da Prata. As novas recriações sobre as Veredas são como novos afluentes de um mesmo rio que, percorrendo várias terras, se jogará um dia no mar.

Na minha vida de artista plástica e escritora sempre questioneei a colocação da imagem como arte menor em relação à literatura. No livro “Pepedro nos Caminhos da Índia” fui colocada como coautora da obra cujo texto foi escrito por Aparecida Andrés. Para dar exemplo do passado, tenho em minha casa um exemplar belíssimo da “Divina Comédia” de Dante Alighieri, ilustrada por Gustavo Doré. Ali, as imagens falam por si, são compreendidas imediatamente, sem o auxílio de um tradutor. Essas imagens me acompanharam desde a infância e sempre continuaram causando impacto para mim e minha família.

André Mendes, escritor e pesquisador das imagens, ressignifica a obra tanto de Arlindo Daibert, quanto de Guimarães Rosa e aponta a possibilidade de novas releituras da obra desses autores. De acordo com as palavras de André: “Esse trabalho de Daibert está longe do conceito tradicional de ilustração, entendida como explicação visual da narrativa e se aproxima muito mais da postura do tradutor ou mesmo do criador. Seus desenhos e xilogravuras podem ser entendidos como imagens que pensam sobre o romance de Rosa – entre outros assuntos. Basicamente, a diferença entre as imagens que argumentam e aquelas que pensam é que as primeiras não dão espaço para a subjetividade do leitor, enquanto as imagens complexas se propõem a pensar junto com ele”.

E o autor continua seu pensamento: “Rosa criou um mapa sobre o sertão, um mapa que não era igual ao território. Daibert criou, a partir desse mapa, um novo mapa. Ao criar esse novo mapa, ampliou o mapa de Rosa e do sertão”.

O livro de André Mendes “Mapas de Arlindo Daibert. Diálogos entre imagens e textos” deixa para o leitor a possibilidade de conhecer esses mapas e de perceber a integração entre a literatura e as artes visuais.

11 de setembro de 2011



Foto: Pedro Ariza González

Foto: Maria Helena Andrés



Foto: Eymard Brandão

Foto: Jayme Reis

Foto: Catálogo da Exposição Fotografia e Natureza

Visitei a exposição de Eymard Brandão na Galeria da C/Arte, na Pampulha, espaço muito próprio para seus quadros, onde se destaca a busca do aproveitamento de recursos da terra. Fui relembrando acontecimentos que, de certo modo, marcaram a arte de Eymard.

Sua viagem à Índia em 1979 certamente contribuiu para esse trabalho contemplativo que busca na terra a sua referência. Eymard tem seu atelier e, nessa região onde as mineradoras estão sempre em busca do lucro extraído da terra, Eymard, serenamente dela extrai sua arte. Recolhe tintas e pedras do chão de Minas e, como alquimista, vai construindo painéis coloridos que, vistos em seu conjunto, alinhados na exposição Livro-objeto, me recordam os sáris da Índia. A Índia está presente nessa exposição também no depoimento do próprio artista em seu livro da série Circuito Atelier. Transcrevo em seguida trechos desse texto:

“A ecologia não surgiu em meu trabalho. Foi sendo a ele incorporada gradativamente, por uma série de fatores externos e internos. Estava me preparando para fazer o curso de pós-graduação em Londres, no Royal College of Arts, quando assisti a uma palestra de Maria Helena Andrés. Nessa palestra ela abordava, entre outros assuntos, uma escola que conheceu no sul da Índia chamada World Academy of Wonder (a palavra wonder significa uma forma específica de percepção na arte). Essa escola era uma das unidades de uma universidade que englobava diversas áreas como arte, literatura, música, fotografia, dança, teatro, etc. Mudar os referenciais e viver

esse encontro de Oriente e Ocidente através da arte passou a me atrair profundamente. Enviei o currículo e recebi uma resposta promissora, juntamente com a explanação dos cursos oferecidos. Consegui uma bolsa de estudos e tive, naquele país, uma experiência de arte e de vida extremamente gratificantes.”

“Estudantes do mundo inteiro conviviam nessa escola, com novas possibilidades de lidar com seu potencial. Estruturas circulares eram desenvolvidas dentro de padrões milenares e, ao mesmo tempo, contemporâneas, para o trabalho realizado nas formas de ensino ali experimentadas. A história da arte era abordada pelo aspecto psicológico. E as cores da natureza eram relacionadas com nossas emoções, para depois serem aplicadas no papel, na tela ou em formas na terceira dimensão. Com folhas e flores, construíamos belas mandalas. Uma estrada pela floresta levava a um grande e bonito lago. Em frente a ele, subindo para a montanha, uma placa de madeira indicava a entrada da escola. Nela, sugestivas palavras nos convidavam a deixar as sombras de nossos egos para trás e lidar com as formas de estudo ali propostas, onde conviver com os ritmos e mistérios da natureza eram um ensinamento diário, por ser o universo em si, como um próprio campo no qual o jogo cósmico da arte vem acontecendo desde tempos imemoriais.”

Relembrando minhas viagens à Índia, vou encontrando referências também na arte de Eymard Brandão que é, sem dúvida, uma manifestação de seu próprio self de artista. A palavra self, usada por Jung para significar o centro psicológico do “ser” tem diferentes denominações nas diversas religiões do mundo. Significa o Cristo interno dos cristãos, o Atman dos hindus, a Luz interna de Krishnamurti.

O verdadeiro “eu” se encontra na parte interior, mais profunda de nosso ser, nos disse Sri Aurobindo em seus ensinamentos.

8 de julho de 2012



Fotos: arquivo pessoal

Escrevo da varanda de minha casa escutando os passarinhos que chegam saudando esta manhã de sol. Ao meu lado, dois livros de arte descrevem a presença das mulheres nos movimentos que surgiram nos séculos XX e XXI.

Escutar a voz destas mulheres é importante para esclarecer a história e clarificar caminhos semelhantes ou contraditórios.

Tomei como exemplo duas artistas que viveram em épocas distantes, mas se unem no espaço e tempo com formas e pensamentos semelhantes. São elas: Sonia Delaunay e Beatriz Milhazes.

“Não sei como definir minha pintura, o que não acho ruim, porque desconfio de classificações e categorizações. Como e por que definir algo que vem de dentro de nós?” Estas palavras de Sonia Delaunay esclarecem muitas vezes o que nós artistas sentimos quando realizamos um quadro, um desenho, uma escultura. O que parte do sentimento, da emoção, da alma, dificilmente pode ser definido. Sonia Delaunay participou da vanguarda russa, casou-se com Roberto Delaunay, radicou-se em Paris durante a revolução russa. Mas em seus quadros abstratos, ligados ao construtivismo, as curvas sinuosas sugerem o movimento das danças da Ucrânia, sua terra natal.

“Lembro-me dos casamentos dos camponeses na minha terra, em que os vestidos vermelhos e verdes, enfeitados com muitos laços, balançavam durante a dança. ”

Agora voltemos à outra exposição que está, no momento ocupando um espaço no Sesc

Paladium. Beatriz Milhazes é uma referência do movimento denominado “Geração 80”, uma artista que se firmou no plano internacional como uma representante brasileira: o Brasil do carnaval, dos desfiles das escolas de samba, do movimento das danças.

Sonia Delaunay se refere às danças ucranianas, Beatriz Milhazes registra as danças carnavalescas. Em suas telas e serigrafias sentimos a movimentação das cores em ritmo contido pelas origens construtivas da artista. O construtivismo brasileiro está contido como base estrutural de suas serigrafias, expostos em Belo Horizonte. Sonia Delaunay, ao mesmo tempo, ocupa uma sala no CCBB da Praça da Liberdade, integrando a exposição “Elles, mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou”. Os depoimentos de ambas são testemunhos de que duas terras tão distantes podem se tornar próximas através das manifestações artísticas.

22 de setembro de 2013

GTO E O ENCONTRO COM O ORIENTE



Fotos:

internet

GTO, Geraldo Teles de Oliveira, tornou-se figura conhecida e admirada no mundo das artes. Nascido em Divinópolis, Minas Gerais, ele se projetou além das fronteiras do Brasil, como artista cujo potencial criador ultrapassou os limites impostos pelo eixo Rio-São Paulo, criando diretamente de Minas para o mundo. Sua arte é atemporal e alcança o inconsciente coletivo de forma segura e firme.

GTO realizava seus trabalhos a partir de sonhos. Percorrendo a exposição de GTO na Cemig, no espaço reservado à Arte Popular, vou sentindo, passo a passo, a integração de culturas que a arte espontaneamente promove.

Meus passos na Índia me conduziram a reflexões sobre essa unidade formal que se projeta no tempo e nos faz visualizar obras afins em artistas que descobrem o seu caminho próprio em

países distantes. Percorrendo os museus de Delhi, senti a semelhança dos nossos artistas do vale do Jequitinhonha com a cerâmica indiana, e, agora revejo a Índia na obra de GTO.

Na Índia, artistas anônimos cavaram na pedra bruta esculturas de animais e seres humanos. Não havia a preocupação de vender ou expor em Galerias. Mas sob o impulso mágico da criação artística, ali deixaram um documentário belíssimo do poder criativo do homem. Percorrendo a Índia, encontramos nessas esculturas pertencentes a civilizações remotas, uma grande afinidade com esse artista mineiro.

GTO foi um grande visionário e em seus sonhos captou a mensagem das antigas civilizações, desde a pedra do sol dos maias no México, até os templos de Kajuraho na Índia. Os roteiros da arte são os roteiros da vida, porque arte e vida não se separam. Os trabalhos de GTO vão nos revelando uma unidade formal existente nos caminhos percorridos por artistas que viveram neste planeta, afastados no espaço, mas unidos no tempo com a grandeza de suas criações espontâneas brotadas diretamente da intuição.

O gesto do artista se irmana no tempo num grande abraço de confraternização. GTO considerava a escultura como um legado divino e uma missão. Seus entalhes em madeira atravessaram fronteiras e aproximaram povos.

5 de outubro de 2015

DUAS EXPOSIÇÕES NA PAMPULHA: PAULO BRUSCKY E EDITH DERDIK





Fotos: Maurício Andrés e Marília Andrés

Paulo Bruscky

No Museu de Arte da Pampulha, a mostra conceitual do artista pernambucano Paulo Bruscky nos envia mensagens políticas da década de 70, em plena ditadura militar, quando os artistas davam seu recado, denunciando a repressão. A injustiça contra o ser humano proibido de pensar, injustiça contra a destruição da natureza. A força autoritária da repressão não conseguiu impedir que esses artistas se manifestassem contra o poder central que reprimia, prendia e matava os jovens rebeldes.

Agora, no meio da sala, o artista conversava com os visitantes. “Conheço a senhora há muito tempo, desde a década de 60, através de seu livro “Vivência e Arte”. Realmente, pensei, os livros transmitem nossas ideias e este artista de Pernambuco aqui estava me conhecendo, agora pessoalmente. “Vivência e Arte” deu o seu recado, percorreu o Brasil de norte a sul, viajou até os Estados Unidos, chegou à Biblioteca do Congresso e à Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Volto a apreciar a mensagem do artista. Ali estão os seus livros objetos, dentro de uma vitrine. São mensagens, anotações costuradas e formatadas pelo próprio artista, num carinho imenso pelo livro e a palavra escrita em suportes pequeninos, intimistas. Do lado de fora do Museu, uma escultura de barras de gelo foi erguida em forma de fogueira. Aos poucos o gelo vai derretendo, formando uma lagoa no chão. Não seria esta uma alusão ao efeito estufa derretendo as geleiras? Paramos em frente a uma série de microfones. O artista captou a música de várias fontes e cachoeiras em suas viagens pelo mundo. Agora também podemos ouvi-las logo na entrada do Salão.

A Arte Contemporânea, com seus recursos que se ampliam para a vida, sensibiliza o público de forma direta. Ela não procura o conhecimento científico, mas atinge o ser humano através da sensibilidade e emoção.

Paulo Bruscky abre questões para a arte atual em torno da ideia de unicidade da obra de arte. “Valendo-se de canais alternativos de circulação, Paulo Bruscky, pioneiro da arte postal no

Brasil, ativou ampla rede de correspondência disparada a partir de Recife, cidade onde nasceu e sempre viveu, para várias partes do mundo, o que acabou por gerar um rico arquivo de arte conceitual com cerca de 70 itens, que incorpora desde trabalhos de artistas/ativistas integrantes do Fluxus até artistas do grupo japonês Gutai. (...) O subterrâneo estourou, tornando a arte simples. Será que arte é sempre única e original. O que é a arte? Para que serve?”, pergunta o artista.

Edith Derdyk

Na mesma tarde de sábado, a Galeria Livrobjeto da C/Arte dava continuidade à sua programação de livro objeto com uma exposição da artista paulistana Edith Derdyk. A artista veio para a inauguração e trocamos ideias. Ela também está interessada na Índia, viajou do Rajastão até o Nepal, conheceu os Himalaias e os monges budistas na sua busca do Vazio. Em sua proposta conceitual para a exposição na Livrobjeto, Edith nos trouxe livros fotografados, xerocados, costurados, empilhados na estante, livros sem palavras, livros que refletem o vazio, o presente, o agora como o espaço a ser descortinado pela linha. “A linha é uma divisória incerta. Mede e potencializa a sutileza do limite, prevê um ponto de partida e um ponto de chegada que às vezes pode nunca mais chegar.” Assim como a vida, os pensamentos são costurados e avançam no tempo, perpetuando o agora. Edith nos traz em seu livro “Linha e Costura”, a ação de costurar como uma forma de caminhar. “Escrevo como costuro, costurando, ligando, furando, recortando, costurando pensamentos e tudo o mais.” Edith vai costurando seus pensamentos contidos no livro. “O livro canta a sua partitura inacabada, sua tessitura. O tempo conta sua extensão topográfica, superficial. A destruição do tempo se reduz à apreensão do impossível. Confinado na matéria, o tempo se expande, contrai, estira, retrai. O tempo suporta a vida, sustenta o homem, pressiona a matéria.” Em seu pequeno livro de reflexões, Edith nos traz a mensagem escondida no fazer e vai, através do costurar linhas, pensamentos, ideias, elaborando também uma filosofia própria do fazer ligado ao sentir e ao pensar.

25 de setembro de 2010

ARTE NA CONTRA CULTURA I - FLUXUS



*Fotos da internet

Em 2003 publiquei o artigo abaixo no jornal "O Estado de Minas", seção "Pensar".

Uma exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil, em Brasília, acenava com um grande

cartaz: “*Fluxus*”. Caminhei despreocupada em sua direção, sem ter programado com antecedência. À porta, comprei uma camisa com uma enorme seta e a legenda “*Fluxus*”. Afinal, pensei, já vestida com a camisa, o que será “*Fluxus*”? Lá dentro, meninas vestidas de preto com botas alaranjadas conduziam grupos, explicando o significado das obras. “Então, qualquer um de nós pode ser artista?”, indagou uma senhora, entusiasmada com a ideia.

Acompanhei com curiosidade os debates, sem me apresentar. Aquelas ideias me tocavam de perto, lembravam meu próprio posicionamento sobre a comercialização da arte, os happenings dos anos 60, os domingos de criação que possibilitavam a todos a oportunidade de criar. Aos poucos fui me sintonizando com as ideias do grupo, refletindo sobre o que já havia escrito na década de 70 no meu livro “Os Caminhos da Arte”:

“Quadros não são feitos para combinar com tapetes e cortinas, nem para ser colocados como títulos na bolsa de valores do mercado de arte. A preocupação comercial leva o artista a concessões imperdoáveis, que o fazem esquecer a razão de ser da arte como força vital da civilização, para colocá-la no plano da especulação comercial. O valor de um trabalho artístico, suas qualidades expressivas, não se limita a números e cifras, mas alcança lugar que lhe assegura realmente a permanência no tempo e sua equiparação com as demais artes.

Assim como a música e a poesia, também o quadro que vemos numa exposição contém toda uma vida de lutas e experiências. Não se podem separar as inquietações da alma humana, seus momentos de sofrimento ou alegria, de violência ou de paz, de revolta ou de submissão, daquela forma que espontânea e diretamente lhe sai das mãos.

A Arte é a mais pura manifestação da liberdade, hoje tão limitada à mecanicidade do mundo moderno. Toda e qualquer forma de imposição, ao atingir o domínio da arte, impede-lhe o progresso e a conduz à mediocridade. O sentido de liberdade é expresso com grande veemência por meio da arte, porque ela se fundamenta e nasce num clima no qual a opressão não tem lugar. Pode-se proibir o homem de falar, mas nunca de sentir. A arte é a expressão do sentimento humano, desse sentimento tantas vezes bloqueado por slogans e rótulos, mas que desperta quando se desenvolve a capacidade de inventar, de renovar, de contactar a essência do próprio ser. O verdadeiro humanismo brota das mãos dos artistas e da alma dos poetas, dos cineastas, dos escritores, dos músicos, que proclamam espontaneamente a compreensão entre os povos. O

humanismo autêntico tem suas raízes no sentimento, e não na razão.”

No Brasil, o artista pernambucano Paulo Bruscky, integra o movimento “*Fluxus*” com suas instalações e performances de contracultura.

15 de outubro de 2018

ARTE AMBIENTAL NA REITORIA DA UFMG: SHIRLEY PAES LEME E FABRÍCIO FERNANDINO



Fotos: Foca Lisboa

Quando a arte se desligou do suporte bidimensional que a colocava inserida no muro, ganhava espaço e vida participativa. Novas propostas surgiram e o campo do artista se ampliou para instalações, performances, vídeos, unindo de forma holística arte, ciência, religião e filosofia. No hall da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, duas exposições me chamaram a atenção: Shirley Paes Leme e Fabrício Fernandino.

Shirley Paes Leme

Nascida em Uberlândia e atualmente radicada em São Paulo é uma artista mineira que circula com grande sucesso não só nos meios artísticos brasileiros, como também nos grandes espaços internacionais. Em 1986 doutora-se em Artes Visuais pela John F. Kennedy University, Berkeley, USA. Hoje é professora titular da Faculdade Santa Marcelina nos cursos de graduação e mestrado. Como artista, Shirley pesquisa vários caminhos, experimentando o desenho, o vídeo, o cinema e a escultura. O desenho como ponto de partida para novas experiências se projeta em campos mais vastos, Shirley é inquieta e registra em suas instalações o seu cotidiano no interior do Brasil – a terra trincada do sertão cearense, os gravetos enfileirados formando paredes, as velas

que ao se derreterem se transformam em pequenas esculturas, as aquarelas feitas com pólen de flores e os grandes painéis desenhados com a fumaça -, tudo isto nos mostra uma Shirley pesquisadora também de materiais novos, não convencionais. A arte do momento proporciona ao artista um campo mais vasto de experiências novas, um laboratório que não pode ser comparado com o laboratório científico, mas que no próprio fazer artístico amplia também o conhecimento no campo das artes. Seus grandes painéis de fumaça expostas no Palácio das Artes causaram grande surpresa aos visitantes. Esta é uma das funções da arte contemporânea, ampliar o campo sensorial do expectador, tira-lo de sua passividade repetitiva para perceber, juntamente com o artista, novas formas e novos caminhos. Na exposição da Reitoria, Shirley apresentou um grande tapete espelhado para que o visitante pudesse sentir o teto e o chão como uma unidade que existe, mas não é percebida ao transeunte distraído. Pisar sobre um chão de espelho nos proporciona uma nova dimensão do mundo. Voltamos à infância, às aventuras de Alice no país dos espelhos. A arte de Shirley permite este jogo sensorial que nos leva às vivências da infância repletas de conteúdo lúdico.

Fabício Fernandino

“O cerne de toda a minha obra é a vida”, nos disse Fabício Fernandino, professor e artista da UFMG, que apresentou um trabalho de consciência ambiental no hall da Reitoria. Ali, professores e alunos passavam e se detinham diante de um paisagismo ecológico, uma denúncia silenciosa e instigante, à devastação do meio ambiente e ao corte de árvores. Todo um bosque da Universidade Federal foi cortado para a construção de uma passarela cuja finalidade é ligar a Avenida Antonio Carlos ao Mineirão, atendendo às necessidades da Copa do Mundo. Fabício não precisou usar palavras, sua instalação nos fala com muito mais ênfase. Tocos de madeira cortada, fotos do bosque em pôsteres transparentes feitos em acrílico, vão conduzindo o visitante à consciência de que a natureza está sendo sacrificada em nome do progresso. Em sua tese “Cultura Essencial” Fabício busca, através de reflexão histórica e experimentos de campo, a constatação do fato que “reafirma a importância da cultura e da arte como mola propulsora para a promoção de um conhecimento mais amplo tanto da arte, como da ciência e da vida”. Para Fabício, a consciência da ligação arte e vida não foi conquistada apenas teoricamente, mas veio ao longo do tempo de sua experiência com o fazer artístico. Ele continua realizando a síntese das artes com a ciência, tecnologia, educação. Com sua formação em cursos técnicos, ele domina também este campo de atividades. Fabício é diretor do Museu de História Natural da UFMG que se transforma para ele num potencial de conhecimentos científicos ligados à educação ambiental e à preservação

da vida no planeta. Como curador dos Festivais de Inverno da UFMG, Fabrício entusiasma os jovens à criação de uma arte contemporânea posta à serviço da vida. Seu projeto “Natureza quase morta”, uma instalação feita com alunos no espaço externo da Escola de Belas Artes da UFMG, em 1993, é uma impressionante forma de denúncia ambiental em torno das queimadas.

A arte promove mudanças no comportamento sem o uso de discursos. Esta possibilidade de realizar mudanças é o que a arte contemporânea está fazendo neste momento crucial da humanidade. Ou mudamos o nosso comportamento em relação à natureza, ou vamos todos desaparecer juntos. A postura transdisciplinar de Fabrício é um exemplo vivo do que pode ser feito pelos artistas em relação ao panorama destruidor do planeta movido pela ambição do homem.

Diante de um auditório interessado Fabrício e Shirley expuseram suas ideias no debate promovido pelo Fórum Arte das Américas. Estes dois professores e artistas oferecem com suas instalações um traço comum: abertura de consciência para a questão ambiental. A madeira está presente na arte de Fabrício e de Shirley, troncos de árvore em forma de bancos, galhos de árvore organizados em forma de muro, tudo isto nos faz lembrar o cerrado, o sertão e sempre o corte de árvores para abrir passarelas de asfalto ou espigões de concreto.

6 de outubro de 2010

DUAS EXPOSIÇÕES NO PALÁCIO DAS ARTES: RONALDO FRAGA E ARTES PARA CRIANÇAS





Fotos: Maria Helena Andrés

Uma viagem pelo São Francisco nas passarelas do sonho

A exposição de Ronaldo Fraga vai nos conduzindo na semiobscuridade da sala, para os cenários da população ribeirinha do Rio São Francisco, povoada de lendas e superstições. Andamos por lugares onde o peixe é sobrevivência, e as redes nos contam histórias de nosso povo simples. Escutamos a voz de Maria Betânia e lemos os versos de Bené Fonteles, o artista de Brasília que sempre esteve à frente das reivindicações ambientais.

Crianças, jovens e adultos se divertem com o aspecto lúdico da mostra, onde o espectador participa pescando os peixes da região frente a uma projeção de vídeo tirada do fundo do rio. Enquanto escrevo, passa um cartaz anunciando “Terça Poética”.

Aqui no Palácio das Artes, as artes se integram, poesia, música, pintura e agora a coleção de roupas de Ronaldo Fraga, inspiradas no rio São Francisco. O rio vai contando histórias de assombração. Ele nos mostra também uma coleção de malas de tamanhos variados que remetem sempre aos viajantes pobres, carregando seus pertences pelo rio. Viajar de barco é também prazeroso. A orla do São Francisco vira capital da sanfona, nos diz um jornal de São Paulo.

“Um ônibus transformado em palco móvel percorre bairros e distritos de Juazeiro e Petrolina em mini shows que atraem centenas de pessoas e transformam as margens do Velho Chico em capital do forró Jazz Sanfoneiro por uma semana”. Enquanto Ronaldo Fraga nos mostra em Belo Horizonte, a riqueza cultural desta região do Brasil, acontece este festival em Pernambuco e na Bahia, de onde participam artistas internacionais e brasileiros com abertura de Hermeto Pascoal e homenagens a Dominginhos e Oswaldinho do Acordeom.

Crianças aprendem a gostar de música erudita

Crianças da periferia escutam atentas às aulas. Aprendem o nome dos instrumentos, a variedade de sons. A música vai sendo compreendida por aquela plateia jovem, e os ouvidos vão

se acostumando com a diversidade de sons correspondentes aos instrumentos. No palco, a orquestra filarmônica de Minas Gerais segue as explicações da professora. Cada instrumento é representado por um animal e assim as crianças aprendem música. A música é a forma de harmonização e as crianças da periferia precisam deste toque iniciático.

O Palácio das Artes está aberto a todas as classes sociais. As aulas são gratuitas e os visitantes também podem participar e fotografar. Lá embaixo, no subsolo, visito uma exposição de artes plásticas, organizada pela equipe do “Valores de Minas”. Ali também as aulas são dadas diretamente, no local da exposição. Vou percorrendo a mostra e fotografando. A professora explica: o principal objetivo destas aulas é despertar a auto estima no aluno. “Eles transformam em cerâmica os fantasmas do inconsciente”. Ali estão, reproduzidos por mãos adolescentes, pequenas esculturas representando o medo, o ciúme, a inveja, a competição. Lembro-me do que vi na Índia, nas escolas de Krishnamurti. Ali também um grupo de adolescentes discutia o significado das palavras que perturbam o comportamento das pessoas. A discussão do grupo em torno das palavras que identificam os defeitos básicos do ser humano vai desmistificando os seus significados e ajudando a melhorar o comportamento. Aqui, no Palácio das Artes a cerâmica feita por alunos jovens dos bairros pobres também é uma forma direta e prazerosa de colocar a arte como auto- conhecimento. Vou fotografando e registrando o que eu vejo, o “bem e o mal”, feito por uma equipe de 5 alunos, e uma Medusa em forma gigante, também trabalho coletivo. Realmente, no mundo violento em que vivemos, a arte continua a oferecer espaço para um aprendizado de vida.

19 de novembro de 2010

KÁTIA SANTANA



Fotos: Leandro Luppi

Conheci Kátia Santana durante o 3º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, realizando uma performance de pintura diante de um público curioso e admirado. Ali, diante dos olhares atentos, Kátia, ignorando o burburinho ao redor, dialogava diretamente com a tela e as tintas. Para ela, só existia esse diálogo, em seus níveis mais profundos de consciência, onde as mãos faziam uma ponte direta entre as emoções e a mente. Não havia um caráter premeditado, mas sim uma ênfase no aqui e no agora, em uma pintura espontânea e gestual, com cores que surgiam da jovem artista como os sons que saem dos dedos de um músico. Para mim, a música tem uma grande relação com a pintura, onde as cores significam notas musicais.

Naquele dia, sentada em sua cadeira de rodas, Kátia irradiava luz. Estava feliz, pintando, e, depois do quadro pronto, também se alegrava com a receptividade do público e com uma comunicação que superava palavras.

Kátia é portadora de paralisia cerebral desde o nascimento e a possibilidade de expressar seu mundo interior através da arte a vem conduzindo a um despertar de consciência cada vez mais intenso. Apesar de ter dificuldades com a fala, Kátia escuta bem e se comunica através do computador, tendo, inclusive, começado a escrever um livro sobre sua própria vida.

A arte de Kátia é um colorido que se desdobra como jardins de flores variadas, sem a preocupação em delinear uma forma, mas que se conduz e se expressa de maneira abstrata, em uma linguagem muito própria. Dentro da trajetória da arte moderna, sua arte lembra grandes mestres franceses que usavam cores puras e justapostas, deixando-as vibrar e respirar.

Kátia é aluna de Ivana Andrés, psicóloga e artista, desde 2002, e seu aprendizado ocorreu rapidamente, sem bloqueios. Atualmente, ela pode ser considerada uma artista com um alto QS – Quociente de Superação –, um dos índices de inteligência mais reconhecidos nos dias de hoje.

4 de dezembro de 2009

ARTE SUPERANDO BARREIRAS



Fotos: Ronaldo de Oliveira e Ivana Andrés

Fico muito feliz de ver o resultado de um trabalho de 7 anos que vem sendo realizado pela Ivana com a jovem Kátia Santana que, a meu ver, não sofre influências externas, mas pinta com o coração e a sensibilidade. Nos seus quadros as cores substituem as palavras. O Evaldo está junto com Ivana e o Luciano há 25 anos, num trio de Voz e Poesia. Ele supera a barreira da cegueira com música, muito bom humor e talento musical.

Ambos expuseram no Senado Federal em Brasília com grande sucesso. Transcrevemos aqui a reportagem feita por Marcelo Abreu, jornalista do *Correio Braziliense*.

“Uma moça que nunca andou, fala com dificuldade extrema e tem comprometimento de todo o aparelho locomotor. Um homem cuja última lembrança na vida foi a de ter visto o jaleco branco do médico que o operou. Ele contava 8 anos. Está com 53. A professora de artes que um dia conheceu esse homem, depois essa moça. Uma mãe que, ao saber que a filha tinha paralisia cerebral, demorou três dias para ter coragem e perguntar à médica o que aquilo queria dizer para o resto da vida. E uma produtora cultural que viu toda essa história e escreveu um projeto. E o projeto virou arte. Juntou pintura e música. A melhor de todas.

História danada de boa essa. A moça que não anda e vive cheia de limitações é uma pintora. Das melhores. O homem que não enxerga é compositor, arranjador e instrumentista. No violão, ninguém o detém. A professora de artes que um dia conheceu ambos virou curadora. A mãe que não sabia o que fazer com aquela sentença nunca mais perguntou por que aquilo havia acontecido com sua filha. A produtora cultural é autora de um projeto de sucesso, há um ano e meio correndo estrada.

E hoje, às 15h, no Salão Branco do Senado Federal, a pintora de sorriso encantador e o tímido músico mineiro estarão juntos, inaugurando a exposição Arte superando barreiras. Kátia

Santana mostrará 11 pinturas abstratas, em acrílico sobre tela. Evaldo Leoni cantará músicas de própria autoria e de compositores consagrados da Música Popular Brasileira. Enquanto Evaldo estiver cantando, Kátia pintará mais uma obra.

Ivana Andrés, 59 anos, a professora de artes, que há sete anos acreditou que essa moça poderia pintar de verdade, vai estar ao lado da aluna. Simone Senra, 41, a produtora cultural, verá seu projeto, mais uma vez, ganhando espaço e elogios rasgados do público. E Izabel Nedina, 48, cabeleireira, a mãe, certamente chorará em algum canto daquele salão do Senado Federal. E toda lágrima que derramar não terá sido em vão.

Na tarde de ontem, o Correio foi ao encontro de Kátia e Evaldo, que haviam acabado de desembarcar de Belo Horizonte (MG), onde moram. Ela, aos 29 anos, é pura alegria. A primeira vez em Brasília. Ele, aos 53, é mineirinho de tudo: fala baixo e tem no violão o melhor confidente. Ela, de cabelos pintados de loiro, com uma borboleta tatuada no ombro esquerdo e piercing discreto no nariz, diz, num esforço sobre-humano: “É com a arte que expresso a minha alegria e minha tristeza”. Ele, sentadinho, com o violão no colo, declara, com sinceridade comovente: “A música é toda minha vida”.

Izabel olha para a filha, para os quadros da artista que começavam a ser colocados na exposição e reconhece: “Ela é o meu maior orgulho. Meu maior aprendizado”. Ivana, também pintora, filha da mestra Maria Helena Andrés, admite: “Para pintar, é preciso ter coragem. E Kátia não tem medo de perder um quadro e refazê-lo, transformá-lo”. Sobre a dificuldade motora da aluna em pegar o pincel, a professora é categórica: “O olho é mais importante que a mão”. Evaldo, que não enxerga, usa as mãos ágeis para fazer mágica com as cordas do seu violão. A pintora com paralisia cerebral e o músico que nada vê se completam. E se entendem nas suas diferenças.

Durante um ano e meio, Kátia e Evaldo expuseram em Belo Horizonte, em Nova Lima (MG), no Rio, em São Paulo, e agora chegaram a Brasília, para o encerramento do projeto que mudou a vida de ambos. “Ela ficou mais confiante, mais feliz”, percebe a mãe. Kátia escreveu, em seu computador adaptado: “Comecei a pintar há cerca de oito anos porque estava com depressão. Logo comecei a me sentir cada vez melhor e mais livre.... Penso que quando alguém desiste de sonhar desiste da vida”.

Evaldo, com o projeto, passou a apresentar semanalmente o programa A arte de superar barreiras, numa rádio comunitária de Belo Horizonte. No espaço, histórias de superação de pessoas com qualquer tipo de deficiência são abordadas. Ele canta e Luciano Luppi recita poesias — de vários autores e também dos convidados entrevistados. Evaldo nunca tocou tanto quanto agora no Voz e Poesia, grupo musical do qual faz parte.

A música de Evaldo tem cheiro das Minas Gerais. É suave, baixa e tem um quê de Clube da Esquina. O compositor é fã de carteirinha de Milton Nascimento e de toda aquela turma que se formou naquela época. Gosta do verso, da poesia dita com honestidade. E foi essa música, estudada à exaustão, que fez o menino que perdeu a visão aos 8 anos, em decorrência de um glaucoma avassalador, acreditar a que a escuridão não seria o fim. “Aconteceram tantas coisas boas na minha vida que não penso mais na cegueira”, diz o homem que se casou pela terceira vez e tem dois filhos, um deles também músico.

E é no Senado Federal, lugar onde o país se reconhece, se espanta e de quando em vez ainda se enche de esperança, que a exposição terá seu desfecho. Mônica de Araújo Freitas, presidenta do Programa de Acessibilidade do Senado Inclusivo, elogia o trabalho da dupla.

Ela conta que a Casa, há seis anos, passou a tratar como prioridade o direito de ir e vir dos que têm limitações. “Fizemos reformas e adaptações estruturais, compramos equipamentos, temos intérprete de Libras e realizamos um censo para saber quantos funcionários são portadores de necessidades especiais. Todo ano, em dezembro, realizamos a Semana do Senado Inclusivo. Virou um sucesso, nosso compromisso. ”

Kátia olha os quadros sendo colocados nos painéis. Dá palpite. Quer ver sua obra mais bonita. Sentadinho, Evaldo afina as cordas do seu instrumento. É hoje, daqui a pouco, a abertura da exposição da pintora e do músico. Pergunto a ela como está a emoção. Ela responde: “Tô muito feliz, o coração tá batendo cada vez mais forte”. Ele só quer fazer o que mais gosta: tocar, tocar e tocar. Em seu computador, Kátia escreve páginas do livro que vai lançar, Um sonho de vida: “Sou assim, livre, presa, triste, alegre, segura do que faço e firme nas decisões. Desejo aprender sempre mais e acreditar que tenho forças para continuar. Sinto a luz de Deus dentro de mim”. Não há mais o que perguntar. Deixa a música de Evaldo seguir.

Essa história é boa demais. Boa pra contar. Melhor ainda pra ver e ouvir. E sentir.”

27 de agosto de 2010

NEMER E ANNIE, UM CASAL DE ARTISTAS



Fotos: Rafael Motta

A exposição “DUO” do casal de artistas José Alberto Nemer e Annie Rottenstein, que estará aberta ao público até o dia 15 de abril, oferece ao visitante momentos de reflexão. Este casal de artistas, ele nascido em Minas e ela na França, se completa também dentro da arte, na magia de uma mostra que nos fala direto ao coração.

“Nestas aquarelas eu busco entender a natureza”, nos disse ele em seu depoimento. Citando Albert Einstein: “O que eu vejo na Natureza é uma magnífica estrutura que só compreendemos com muita imperfeição, mas que pode satisfazer uma pessoa com sentimento de humildade”

Em seguida, Nemer continua:

*“Agradeço ao céu daquela noite
Em que a lua conversava com a nuvem
O sólido e o etéreo
O construído e o aleatório
O concreto e o fluido
A geometria e a abstração
A luz e a sombra
A opacidade e a transparência.
Eu não teria feito uma pintura à altura
Ainda assim, foi uma lição de sincronicidade
Uma confirmação de que
Nestas aquarelas
Busco entender a natureza”*

Realmente a fluidez e a transparência das aquarelas, realizadas corajosamente nos grandes espaços sem perder a sensibilidade, nos permite contemplar os céus na obra do artista. Suas palavras completam o que sentimos diante desses painéis.

Em Annie, a “Criação do mundo” nos faz refletir sobre a unidade existente nos diversos

povos do planeta: da antiga sabedoria da Índia até os nossos índios brasileiros mergulhados nas florestas, existe uma unidade que só é permitida perceber por aqueles que buscam além da mecanicidade repetitiva dos grandes centros. As mãos de Annie tecem formas e tiram esculturas do cipó para reconstruí-los no silêncio das invenções. Sua exposição deve ser vista de forma silenciosa fora do tumulto das inaugurações. No seu depoimento sobre a criação do mundo, extraído dos Upanishads, Annie revela uma profunda busca espiritual.

“O nascimento do mundo”

“Desde sempre o Uno reinando sobre o Caos Primordial, abismo repleto do Todo em fusão, rodopiando como cachoeira circular em suspensão. Seu caudal de materiais vaporosos e incandescentes revolve forças latentes, elementos em simbiose, à espera da expansão. Chegado o tempo de distinguir as infinitas gotas da Criação, O Uno dirige seu sopro numa longa expiração. No meio do abismo, uma condensação de vapor se eleva e forma um lago. O sopro penetra sua superfície. O espelho d’água tremula com essa união. O Invisível se torna então visível ao fazer emergir da água o Primeiro Dragão, espírito ardente dotado de luz própria, de visão, do Todo. Olha faminto ao seu redor. Busca com olhar fugaz e vê na água seu próprio reflexo. Inesperado encontro com seu par? Crava seus olhos nos olhos do “outro” tomado pelo desejo de conhece-lo. Atraído, mergulha no escuro da água. Engolindo a si mesmo, se fecunda. Eis o *ouroboros* com seu poder de dar à luz. Voraz, acasala-se sem cessar. Preenhe de sua própria essência, elementar e plena, multiplica-se. Forma após forma nascem todas as formas, frutos da vontade do Uno, são impregnadas do dom divino: conter o germe que acorda a vida, procriar e conhecer a morte. Assim a diversidade se propaga e povoa todos os cantos de um mundo que nasce junto, momento a momento. A cada união, uma transformação. A cada transformação, um elo de continuidade. Com a continuidade, o tempo. Com o tempo o começo e o fim. E o eterno retorno.”

(Texto extraído dos Upanishads, Vedas).

30 de março de 2012

TRÊS ARTISTAS, TRÊS PROPOSTAS: TEREZINHA SOARES, MARILÁ DARDOT E ROSÂNGELA RENNÓ



Fotos: Arquivo de Terezinha Soares e internet de Marilá Dardot

Até os anos 70 os artistas sonhavam com a possibilidade de mudar o mundo, de criar uma arte social e lutavam pela liberdade total de expressão. Nos anos 80, após a queda do muro de Berlim e dos socialismos de um modo geral, os artistas passaram a atuar dentro de um contexto maior da arte, propondo uma política que está inserida no cotidiano da vida urbana, das comunidades e da família.

Na 29ª Bienal de São Paulo, resgataram-se artistas brasileiros que atuaram nos anos 60, como também novos artistas, representantes do momento em que vivemos. O fluxo energético do passado se estende ao presente e se projeta no futuro. A arte continua sendo um radar da sociedade, forma espontânea de abertura de consciência.

Tomei como exemplo duas artistas que participaram da 29ª Bienal de São Paulo, Marilá Dardot e Rosângela Rennó.

Marilá criou uma instalação, uma verdadeira epopeia do livro, homenageando escritores, poetas, artistas e intelectuais que contribuíram para seu crescimento. Ali, cada espectador participante foi convidado a entrar por labirintos e penetrar no universo da leitura. A instalação foi uma homenagem ao livro, à leitura, no momento em que o livro tradicional está se transformando em e-books, blogs, sites, etc.

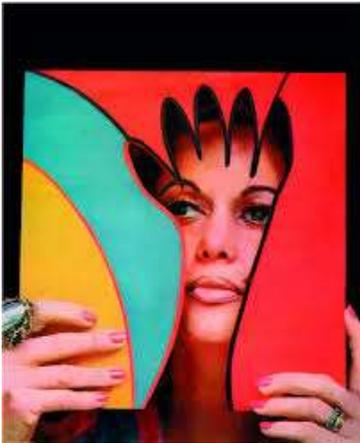
Rosângela Rennó nos mostrou em sua instalação a história da fotografia, apropriando-se de fotos antigas e de câmeras fotográficas. Os objetos ali expostos mais tarde foram leiloados e inseridos no mercado de arte fora da Bienal.

Essas duas artistas discutiram a situação da arte atual, o livro e o mercado de arte. A transversalidade da arte contemporânea viaja pelo passado para se projetar no futuro.

Relembrando as primeiras instalações ocorridas nos anos 60, a editora C/Arte, sempre atenta aos movimentos atuais da arte contemporânea, publica no momento o livro de Terezinha Soares que, na década de 1960, lutou pela libertação da mulher, quebrando corajosamente os tabus sexuais da época. Seu livro não é uma denúncia política, mas do comportamento humano, numa sociedade repressiva. Sua denúncia é também ambiental e questiona a insensibilidade dos seres humanos em relação à natureza.

18 de julho de 2011

QUEM TEM MEDO DE TEREZINHA SOARES?





*Fotos da internet

Conheci Terezinha Soares durante um workshop em BH na década de 60 e desde então percebi o seu grande interesse pelas artes. Terezinha matriculou-se na Escola Guignard onde era considerada pelos professores como uma aluna muito criativa. Mais tarde, na década de 70 viajamos juntas para uma exposição em Washington DC, desta vez como companheira das artes. Agora, depois de tantos anos, revejo Terezinha novamente voltando a atuar no circuito artístico da cidade e lançando um livro de crônicas.

Transcrevo abaixo um texto que escrevi sobre ela, e seu catálogo intitulado “Quem tem medo de Terezinha Soares?”

Terezinha está de
Volta
Seja benvinda
Aconteceu em
São Paulo
No MASP
Expor no MASP
Não é para
Qualquer um.
E nossa mineira
De Araxá
Líder feminista
Dos anos 60
Pioneira
Da revolução
Feminista
Do confronto
Corajoso
Com a
Tradicional
Família.
Terezinha
Das performances
Das caixas

De fazer amor
Das atitudes
Corajosas
Sem temor
Foi agora
Agraciada
Com grande
Mostra no
MASP
De São Paulo.
“Quem tem medo
De Terezinha Soares?”
Pode ser que
Antigamente
Alguém teve
Medo
De quebrar
As estruturas
De perder
A proteção
De seus parceiros
Amarrados
ao passado
Tradicional.
Terezinha
Está de volta
E voltou
Para ficar.
Sua mensagem
Está viva
E não será
Esquecida.
Como mestra
Eu nunca
Esqueço
Os alunos
Talentosos
E vou lembrando
De fatos
De sua forte
Presença
No meio
Artístico
Da década
De 60.
Não precisou
De estender
Sua arte
Por muito

Tempo.
Sua mensagem
Foi feita e
Até hoje
Permanece
Como estrela
Que não
Para
De brilhar.
“Quem tem medo
De Terezinha Soares?”
É o título de
Seu livro
Editado
Em São Paulo.
Se houve medo
Já passou.
Seu recado
Já foi dado.
Agora é
Colher os louros
Desta homenagem
E viver o presente
Que inclui o
Passado e o
Futuro.
Pode chegar
Terezinha
E será bem
Recebida.
Sua arte é
Vigorosa
Corajosa.
Vai ficar
Em sua terra
Que é também
De Adélia Prado
E Carlos Drummond
E Guimarães Rosa
Pioneiros
De muitas ideias.
Minas lança
Ideias novas
E São Paulo
As divulga.

TERESINHA SOARES, UMA GUERREIRA DAS ARTES



*Fotos de Marília Andrés e de arquivo

A exposição de Terezinha Soares no Palácio das Artes, com a curadoria de Marília Andrés Ribeiro, foi um acontecimento de grande repercussão na cidade.

Sua mensagem transmitida através de telas, serigrafias, poemas, esculturas, instalações,

datam dos anos 60 e 70, quando ela movimentou a pacata metrópole de Belo Horizonte com suas invenções.

Terezinha sempre foi à frente de seu tempo. Fez parte do movimento de contracultura que se esboçava naqueles anos repressivos, quando não se podia dizer nada que fosse contrário à ordem vigente. A presença de Terezinha quebrou os condicionamentos da época. Ela deu o seu recado, ganhou prêmios, participou de Salões e Bienais, expôs nos Estados Unidos e Europa. Depois preferiu recolher-se ao silêncio por alguns anos.

A volta de Terezinha ao circuito de arte está sendo coroada de sucesso, com uma grande exposição no MASP e agora com essa exposição no Palácio das Artes, que vai estar em cartaz até o final de junho de 2018.

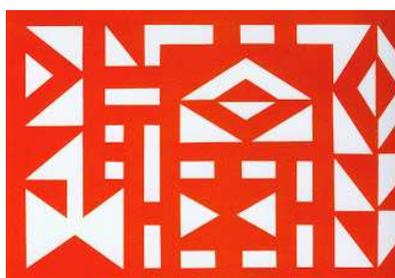
Caminhamos pela Grande Galeria, que tem na entrada um painel com a fotografia de Terezinha vestida de anjo, durante uma performance em que ela representava a ressurreição da mulher. Ao longo do salão, entre luzes e refletores, desfilava a sua trajetória, que apresentava uma série de trabalhos em técnicas variadas, desvendando o seu próprio caminho. “Do corpo da mulher ao corpo da terra” como me disse Marília, a curadora da mostra.

No meio da sala, uma instalação intitulada “Túmulos” servia chopp e queijo de Minas para os visitantes. No final da exposição o “Altar do Sacrifício” nos faz refletir sobre o desmatamento vertiginoso de nossas florestas.

As propostas feministas, sociais e ecológicas de Terezinha, realizadas há quase 50 anos, são mensagens que se enquadram em nosso momento histórico.

30 de abril de 2018

CINCO ARTISTAS, CINCO PROPOSTAS: EYMARD BRANDÃO, PAULO LAENDER, JORGE DOS ANJOS, ROBERTO VIEIRA, JAYME REIS



Fotos: internet

Morar em Minas Gerais, para qualquer tipo de arte, significa persistência e dedicação ao trabalho, apesar de todas as dificuldades e resistências.

Na década de 1950, quando uma turma de jovens artistas, alunos de Guignard, se emancipou da pintura figurativa para abraçar o construtivismo, uma nova mentalidade se formou em Minas. A arte não precisava necessariamente de copiar a natureza, mas de criar uma nova ideia. Seja lá como for a denominação, vanguarda ou neovanguarda, o fato é que a arte como ideia

criadora sobrevive e se manifesta de maneiras diversas, de acordo com a criatividade de cada um.

Essa exposição coletiva de 5 artistas, aberta com grande sucesso na Galeria Errol Flynn, mostra em seu conjunto a unidade na multiplicidade própria do espírito do artista mineiro. Cada um segue o seu caminho, abraça uma ideia diferente, mas todos revelam sua ligação com a terra e a persistência do mineiro, fora do famoso eixo Rio-São Paulo.

A exposição merece ser vista e estudada. Todos se harmonizam numa trilha sonora de notas diversas, como se os sons da terra pudessem falar. Ali estão as propostas de Eymard Brandão, tiradas das cores e pedras dos chãos de Minas. Em seguida, as obras de Paulo Laender, em pintura, escultura e desenho, que estão ligadas à nossa tradição barroca. O ferro, extraído da terra é a base da escultura de Jorge dos Anjos, que faz ressurgir a inspiração dos negros em Minas. Roberto Vieira busca o solo de Minas e dali extrai a matéria necessária para fazer as suas composições e objetos de parede.

Mas, Minas tem também um outro aspecto vindo da contemplação das montanhas. As propostas de Jayme Reis ilustram bem essa necessidade de voar mais alto, além da terra. Seus temas nos revelam a vontade de se transportar, viajar, percorrer outras regiões. Jayme nos mostra esse tema, construindo barcos, aviões, objetos aéreos. Estamos vivendo uma época de comunicações que ultrapassa os limites do espaço físico.

Viajar, percorrer outros mundos, sempre foi o sonho dos artistas. E, nessa exposição, todos já tiveram a sua experiência de se mandar pelo mundo afora e um dia retornar. Paulo Laender, através da internet, se comunica com o mundo e raramente expõe em galerias. Já o encontrei na Índia, no meio de uma confusão numa rua em Delhi. Em 1992, Paulo Laender participou de coletivas na Europa. Eymard esteve comigo em Adyar, sul da Índia, adaptou-se tranquilamente aos hábitos do indiano. Em 1982, Eymard participou de coletivas na Índia e de uma exposição em Londres. Jorge dos Anjos esteve recentemente na Alemanha e Bélgica, levando o nosso Brasil para a Europa. Roberto Vieira representou o Brasil numa coletiva de brasileiros em Bruxelas e Jayme Reis esteve presente na Espanha e participou de vários concursos de arte erótica em Barcelona.

Assim, cada um a seu modo, mesmo residindo aqui nas montanhas, já teve a sua oportunidade fora do Brasil. Viver em Minas é aproveitar o que a terra oferece, para depois trazer de volta, em atitude de reverência, a própria inspiração da terra em forma de arte.

Quem percorrer a exposição descobrirá por si mesmo, a título de participação, um pouco de nossa terra nas obras expostas.

9 de julho de 2013

PAULO LAENDER, UMA TRAJETÓRIA

Estou na Galeria de Arte do Minas Tênis Clube, percorrendo uma exposição de Paulo Laender. Ele mostra sua trajetória na arte, desde a sua primeira exposição no Minas Tênis Clube, a convite de Palhano Junior. Na ocasião ele mostrou desenhos de 1963. No catálogo desta mostra coletiva estão: Paulo Frade Laender, Luiz Antonio Lanza e Antonio Eugênio de Salles Coelho. Para esses três artistas, a vida foi mostrando caminhos diferentes.

Paulo Laender viveu etapas diversas de sua arte, sempre conservando uma ligação de uma fase com a outra.

Talvez poderíamos dizer: crescimento orgânico, como uma árvore que vai conservando as características de sua espécie e vai crescendo, tomando formas variadas mas sempre ligadas umas com as outras, com uma coerência impressionante. Exemplo de Unidade na Diversidade. Isto porque na diversidade de materiais, gravuras em metal, desenhos, pinturas, esculturas, há sempre uma unidade que caracteriza o artista.

Paulo Laender foi meu aluno, e desde os desenhos dos primeiros barcos, já demonstrava a sua escolha pelas formas curvas. Há também uma característica que nos mostra a busca dessas formas curvas. Os barcos de 1963 nos mostram o jovem talento despertando para uma viagem ao desconhecido. O barco simboliza viagem e Paulo Laender viajou, percorreu o mundo, mas agora em seu atelier de Nova Lima, continua a grande viagem pelos caminhos da arte. O perfeccionismo de suas obras é fascinante e a sensualidade de suas formas nos lembra os grandes mestres do barroco mineiro. Os portugueses trouxeram para nós o barroco e, em terras brasileiras, produziram suas melhores obras que até hoje estão nas igrejas de Ouro Preto, Tiradentes, São João Del Rey e Sabará.

Paulo retoma o barroco em seu espírito, transcendendo a forma e elevando-a a um plano de grande contemporaneidade.

Ele é um artista barroco e contemporâneo, está presente no seu tempo, corajosamente enfrentando as dificuldades que a arte nos impõe. Em suas esculturas, inspiradas em andanças pela Índia, admiramos a figura de Ganesh, aquele que abre os caminhos. Sem reproduzir a figura de Ganesh, ele nos mostra o seu espírito e a sua atitude resoluta e firme.

Voltando ao Brasil, encontramos o escultor trabalhando na forma de barcos. Grandes troncos de árvores são esculpidos lembrando a forma dos nossos barcos indígenas e dos barqueiros do São Francisco.

Agora, o barco não é mais desenhado, mas esculpido na madeira laminada, colada e cavilhada, característica muito especial de seu estilo como escultor. Paulo desce às nossas origens,

rebusca seus antepassados indígenas e os artistas e artesãos que construíram o patrimônio artístico de Minas Gerais.

Ser universal e ao mesmo tempo regional é a grande lição que este artista mineiro está dando para as gerações futuras.

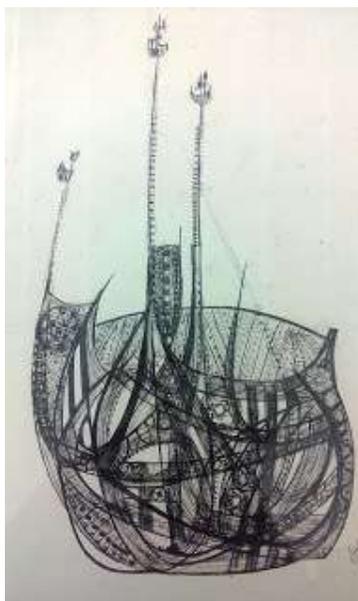
Paulo Laender é um artista consciente, maduro. Não busca modismos nem influências externas, mas é dentro dele mesmo, em seu interior que ele vai buscar motivações para o seu trabalho.

Esta busca interior às vezes é também figurada em esculturas ou objetos, onde outras formas menores estão colocadas mostrando o mundo externo e o mundo interno que continua existindo em toda a natureza e na criação.

28 de novembro de 2016

EXPOSIÇÃO “DESENHOS” DE PAULO LAENDER





O texto abaixo, mostrado na exposição de Paulo Laender, é uma introdução de minha autoria, ao catálogo da sua primeira exposição coletiva realizada também no Minas Tênis Clube na década de 1960.

“O desenho como base de toda e qualquer forma de arte é aquele que desperta a sensibilidade do artista para ver as formas da natureza e recriá-las.

Não será nunca um desenho rígido, acadêmico, mas uma disciplina necessária, uma educação da capacidade de observar e de sentir.

O desenho simples, linear, bem construído, visando uma compreensão maior da composição, constitui o primeiro passo para a formação do jovem artista.

Hoje o desenho pode equilibrar-se perfeitamente com as outras artes, obedecendo em princípio às mesmas necessidades plásticas. Linhas e massas, texturas e nuances, expressam-se por si, falando sua própria linguagem. Desenhar bem não é necessariamente copiar bem. A densidade maior ou menor dos traços, as linhas que se cortam, a mão que se comprime nervosamente, para depois expandir-se de maneira mais leve, constituem a mensagem sensível da alma do artista, difundindo o seu pensamento mais profundo. O desenho traduz um estado de alma, e o traduz de modo mais direto do que as outras formas de arte, onde às vezes a necessidade técnica condensa e controla a emoção criadora.

Aqui estão três jovens desenhistas reunidos numa primeira exposição.

Paulo Laender, com um desenho equilibrado, meditado, procura o tema de barcos e figuras centralizando a composição. As formas surgem dentro de outras formas, num ritmo organizado e inventivo, revelando vida interior e grande capacidade de concentração no trabalho.

Antônio Eugênio Salles Coelho, usando também o mesmo material, valoriza a textura dos grandes espaços com uma infinidade de pequenos traços, que não chegam a determinar, mas apenas sugerir o mundo fantástico das formas orgânicas.

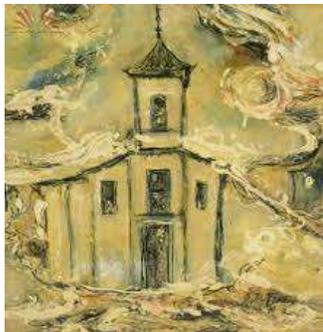
Luiz Lanza utiliza-se da figura humana demonstrando grande segurança em seu traço rápido, que, muitas vezes é interrompido, para acentuar a expressão da forma através da linha inacabada.

Aí estão seus trabalhos e o esforço de muitos dias e noites dedicados à arte. Espero que eles sirvam de estímulo a outros jovens e de incentivo ao Departamento Cultural e Artístico do Minas Tênis Clube que, de maneira tão simpática se prontificou a auxiliá-los.

Maria Helena Andrés.” (Apresentação do catálogo da exposição “Desenhos”)

6 de dezembro de 2016

NELY FRADE NA HISTÓRIA DO DESENHO E DA PINTURA DE MINAS





A trajetória de Nely Frade, uma das minhas grandes amigas dos tempos de Guignard, vai me surgindo a partir de seus desenhos em bico de pena, elaborados em forma de um rendado.

Às vezes esses desenhos nos lembram pedras preciosas onde o intrincado das linhas parece se introduzir para dentro de cavernas em busca da pedra bruta, riqueza das terras de Minas Gerais. Através deste intrincado de linhas, vou relembro a trajetória de Nely, figura simples e espontânea como uma criança que se deslumbra com o mundo.

Lembro de Nely na Escola Guignard, à sombra das árvores, desenhando e fazendo suas aquarelas. Nely gostava das árvores do parque municipal e suas aquarelas eram estimuladas pelo mestre Guignard. Nas férias, Nely viajava para Caxambu, e até hoje podem ser vistos nas coleções de sua obra, os seus registros figurativos dos parques de Caxambu, realizados em aquarela e óleo. Desde então estava firmado no seu caminho a sua predileção pelo uso das cores.

Voltando às nossas cidades históricas, Nely deixou a marca da sua personalidade em pequenos quadros que registram o nosso barroco visto através de uma paisagem onde prevalece um expressionismo cheio de vigor.

Nely usava as cores com maestria e essas cores também a conduziram ao abstrato geométrico, ou construtivismo, que vigorava naquela época.

Formamos na ocasião um pequeno grupo de concretistas mineiros e Nely participava daquele grupo, criando quadros pequenos, mas muito bem resolvidos dentro da estética concretista.

Viajávamos juntas para São Paulo onde participávamos das palestras dos críticos e da convivência com artistas tais como Volpi, Maria Leontina e Milton Da Costa.

Naqueles encontros artísticos, Nely estava sempre presente.

Ela acompanhava com entusiasmo a minha evolução no campo das artes, e ainda me lembro de Nely subindo a rua Santa Rita Durão com um jornal de São Paulo na mão.

“Maria Helena, você entrou na Bienal!”

Aquele entusiasmo pelo sucesso do colega era uma virtude preciosa que Nely sempre manifestou. Ela era muito modesta e se esquivava de concursos e publicidades.

Em 1967, quando Marília Gianetti me chamou para dividir com ela uma exposição em Paris, preparamos uma viagem à Europa e Nely nos acompanhou.

Lembro-me do seu entusiasmo diante das obras de arte da França e da Itália, países que visitamos na ocasião.

Nely parecia uma criança descobrindo o novo a cada instante e seu entusiasmo era contagiante.

Naquela ocasião, o embaixador do Brasil em Paris, o Dr. Bilac Pinto, compareceu à exposição.

Marília Gianetti era organizada, traçava metas, convidava os diplomatas para a inauguração, enquanto nós duas dávamos preferência para um passeio de charrete pelas ruas de Paris.

Mas, apesar das diferenças, éramos boas amigas e apreciávamos juntas as riquezas do Velho Mundo.

A história de Nely poderá ser analisada melhor pelos historiadores e críticos de arte que descobrirão no futuro o quanto aquela artista silenciosamente contribuiu para a história da arte de Minas.

Nely Frade era tia de Paulo Laender e foi ela que me trouxe o artista, quando ainda adolescente para estudar desenho comigo.

6 de dezembro de 2016

CELSO RENATO, 100 ANOS





Fotos de Ivana Andrés

A série de pinturas construtivas de Celso Renato, no momento em exposição na Grande Galeria do Palácio das Artes marcou a sua presença definitiva no cenário das artes plásticas de Minas e do Brasil. Percorrendo a mostra, reproduzo aqui trechos dos depoimentos de Claudia Renault, Marcio Sampaio e Amílcar de Castro, amigos do artista e admiradores de sua obra.

“Celso aparece nos anos 60, no cenário das artes de Belo Horizonte, já como um homem maduro, com uma pintura expressionista, com traços fortes e largos. A ideia é de um sujeito à procura de si, da sua alma, na maneira mais íntima de se expressar.

É nesse momento que as coisas do mundo começam a conversar com ele. Celso parece escutar o silêncio e outros materiais que não a tela. Nessa hora ele revela a sacralidade das coisas mais rudes. É com um gesto mínimo, certo, de quem lança uma seta, que Celso Renato inicia suas intervenções nas madeiras – restos de materiais de construção civil. Uma vez que o material utilizado já carrega em si texturas, falhas, pregos, Celso inclui esses materiais e cria uma relação muito especial entre sua proposta geométrica e a organicidade do suporte. É nesses tapumes que o artista enfatiza as formas e revela a sacralidade e a verdadeira alma das coisas. Nessa hora lembro-me de Manoel de Barros ao dizer que as “coisas sem importância são bens de poesia”. Celso Renato me ensinou isso antes de Manoel. Ele retira do refugo da madeira e trava com ela um diálogo. Nesse diálogo amoroso com a matéria, dá vida ao que já estava perdido.

É com suas interferências com a madeira que Celso marca presença nas artes plásticas do Brasil e do mundo. Estabelece uma conversa com deuses e ancestrais. Formas e cores puras que nos remetem a rituais, conversas veladas com povos que fazem arte com verdade, como religião, como necessidade de registro da existência.” (CLAUDIA RENAULT, curadora)

“O trabalho atual de Celso Renato parte dessa experiência, desse diálogo com a matéria. Sua arte só é possível na medida em que a matéria respondeu a seu apelo e se entregou totalmente para que a mão a detenha e a transforme. O suporte é a madeira que ele encontra nas construções

– já usada, recosturada, escarificada pelo uso e condenada à deterioração – e que o artista recupera, modificando-a com traços, formas pintadas, sempre seguindo as sugestões que lhe trazem as erupções naturais e os acidentes sofridos antes pela própria matéria.” (MARCIO SAMPAIO)

“É madeira de construção

Cheia de sinais, riscos e ranhuras

Frinchas, frestas, buracos e rachaduras

São algumas tábuas juntas a martelo

Com pregos aparentes

Às vezes aparecem pedaços como tramelas

Tramelas de portas que não se abrirão jamais.

Como se guardando imenso segredo perdido

Segredo agora revelado

E que mostra o caminho dia

Da noite

Do sol esquecido

Que volta a nos envolver

Na música de tambores longínquos” (AMILCAR DE CASTRO)

19 de novembro de 2018

EXPOSIÇÃO DE LÓTUS LOBO





*Fotos de Ivana Andrés

Estamos na Galeria do Centro Cultural Minas Tênis Clube, num salão de uma brancura deslumbrante, onde aos poucos vai surgindo a mostra de Lótus Lobo, conhecida artista de Minas Gerais, gravadora e mestra da Escola Guignard, onde deixou vários seguidores no campo da gravura.

Antes de entrar para o Atelier de Litografia de Thais Helt, a Oficina 5, aprendi muito com a gravura de Lotus Lobo. A exposição nos convida a pensar sobre nossos antepassados, produtores de pequenas fazendas.

Lotus nos trouxe de Juiz de Fora, de uma fábrica fechada, as pedras litográficas relegadas ao esquecimento e resgatadas por um olhar de artista e pesquisadora.

Hoje, na arte contemporânea, os artistas são também pesquisadores. Eles nos apresentam obras que não são realizadas apenas para decorar paredes. Suas obras permitem a todos, momentos de reflexão.

Lotus redescobriu a mensagem escondida nas pedras litográficas e, como gravadora, organizou uma série de quadros, painéis, tendo como base os desenhos feitos em épocas anteriores. Ela nos conta a história do nascimento da era industrial em Minas Gerais.

Os desenhos fazem lembrar a art-nouveau de inspiração europeia, adaptados para uma divulgação muitas vezes ingênua, mas de grande valor publicitário.

Os pequenos fazendeiros de Minas Gerais, fabricantes de uma manteiga de qualidade, chegaram a exportá-las para outros países em grandes latas com desenhos sugestivos. Algumas latas vinham com nomes de mulheres: Odete, Juracy, Cidinha, Maria de Lourdes, etc.

Percorrendo a exposição aprendi muito da história de Minas, através dos fazendeiros que usaram a era industrial para mostrar ao mundo que Minas Gerais não é somente um estado de riquezas extraídas da terra. Minas também produz um leite de qualidade, e é deste leite, retirado de nossas vaquinhas que se fabricou manteiga vinda de várias regiões, inclusive de Entre Rios de Minas. E os queijos, tão apreciados por todos nós.

Saí da exposição motivada para visitar os pequenos produtores do nosso queijo.

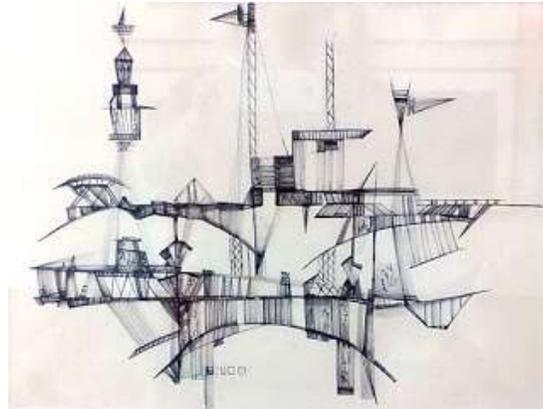
E não é preciso ir longe. Muito perto de mim, na fazenda Luizânia, o Euler, meu filho, está se dedicando com o maior carinho a esta produção. Decidi ir visita-lo no local de trabalho para aprender um pouco com este artista que, de forma modesta, sem grande publicidade, tem produzido um queijo artesanal que recebo em minha casa semanalmente.

Parabéns à artista Lotus Lobo que, com sua exposição de alto gabarito, foi nos conduzindo para dentro de nós mesmos, em nossas terras, para aprender com os mais jovens um artesanato rural de grande valor para nossa saúde.

Amanhã devo ir à fazenda e vou conhecer esta fábrica de queijo que até hoje não pude visitar.

14 de janeiro de 2019

EXPOSIÇÃO 75 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD NA GALERIA AM





*Fotos de Ivana Andrés

A exposição inaugurada na Galeria AM, em comemoração aos 75 anos da Escola Guignard, nos fez chegar a algumas reflexões sobre o ensino de arte deste grande mestre.

A exposição mostra logo na entrada da Galeria, quadros de Guignard e seus primeiros alunos. Foi uma forma muito simpática de revisitar os meus colegas e também constatar o fato de que, apesar de recebermos os ensinamentos do mesmo mestre, cada um seguiu um caminho diferente. Guignard não nos marcou com o seu estilo de arte. Isto devemos ao incentivo do mestre à criatividade de cada um.

Guignard era quase um psicólogo, para descobrir tendências diversas.

O mestre autêntico não é aquele que julga segundo suas inclinações e preferências, mas é aquele que, de forma desinteressada, compreende e conduz o aluno. Ele não traz valores fixos a decretar, mas desperta valores novos ao contato de sua presença e seu estímulo.

Além de se ocupar com o aprendizado de técnicas, Guignard procurava despertar o aluno para toda uma filosofia de vida.

Seguindo o desdobramento da exposição, podemos encontrar também, nos artistas atuais da mesma escola, tendências diversas.

Guignard abriu as portas da criatividade em Minas e deixou entrar luz. Esta luz da criatividade de cada um vai nos conduzindo a novas reflexões.

“Coisa nova!”, dizia Guignard, entusiasmado com os rabiscos de seus alunos. Ele não dava regras fixas a seguir. Ao mesmo tempo incentivava o lápis duro e a disciplina, como forma necessária à descoberta interior.

Por que relaciono o ensino de Guignard com Krishnamurti, que conheci anos mais tarde na Índia? Naquele país tive a oportunidade de visitar várias de suas escolas. Tanto Guignard quanto Krishnamurti buscaram dar ao discípulo uma independência criativa.

“Seja você mesmo, não se prenda a fórmulas tradicionais”, dizia Guignard.

“Seja seu próprio mestre”, dizia Krishnamurti.

Voltando à exposição da AM Galeria de Arte, fiquei muito feliz de estar colocada entre Guignard e Sara Ávila, tendo à minha frente Amílcar de Castro e Franz Weissmann, todos eles colegas e amigos. As gerações mais jovens mostraram a força de suas ideias. Independência criativa chega até os dias de hoje, numa exposição onde o passado e o presente se impõem na distância do tempo. 75 anos de buscas, do encontro com o novo que está dentro de cada um.

Independência criativa é enxergar além das fórmulas, dos conceitos antiquados, das exigências externas, das pressões da moda, das imposições vindas de fora. O caminho da independência criativa se desdobra até os dias de hoje.

O importante no momento é seguir a intuição, buscando cada um o seu próprio caminho.

A redescoberta do cotidiano como forma de arte, foi apresentada por uma mesa de pães e biscoitos, onde todos os presentes tiveram a oportunidade de fazer o seu próprio café.

Esta ideia, de trazer o cotidiano para uma Galeria de Arte, da jovem artista Teresa Portes, nos mostra a importância de estender a arte à vida.

25 de março de 2019

YARA TUPINAMBÁ



*Fotos da internet

Entre flashes
No meio do vozerio
De gente passando,
Entrando e saindo,
Um rosto familiar.

Revejo o tempo
Da Escola Guignard,
Quando eu era professora
E ela aluna.
O mesmo rosto ativo,
Interativo,
De quem espera do futuro
E tem certeza da vitória:
Yara Tupynambá.
Revejo Yara
Na curva da vida,
Quando as coisas
Já aconteceram e
Ainda esperam
Por acontecer.
Viagens pelo mundo
Painéis monumentais,
Tão grandes
Quanto expressivos,
Trazendo a memória
Da história de Minas
Com vigor e firmeza.
Yara é guerreira
Na arte e na vida.
Trabalha incansável
Nas telas, desenhos,
Gravuras.
Ela cuida da filha e
Dos quadros.
Hoje está
No meio do povo,
Que se aglomera
Nesta exposição.

“Trabalho é vida.

Nunca parei de trabalhar,

É isto que me permite

Não envelhecer.”

Yara está jovem

Como aquela moça

Que conheci

Na escola Guignard.

2 de setembro de 2019

EXPOSIÇÃO LAMA DE ROBERTO SUSSUCA





*Fotos de Marília Andrés

A lama desceu
a ladeira
e cobriu tudo
de vermelho.
Sepultou pessoas
que ainda estavam
vivas.
Animais, paisagens
pastos, casas, casebres,
tudo foi coberto
pela lama vermelha.
Vermelho terra,
terra que foi verde,
cheia de flores,
virou uma
argila pastosa, tóxica.
Foi neste ambiente
de destruição e morte
que o artista plástico
Sussuca,
natural de Ouro Preto,
criou a sua grande instalação,
denominada “LAMA”.
Sussuca esteve presente
no local onde a lama
derramou seus rejeitos.
Fotografou, dialogou com
as pessoas, recolheu
as imagens e as
recriou de forma
impactante.
Não há quem não se sinta

abalado com a exposição.

Ali está, em forma

de arte, o cenário

fúnebre, tenebroso, a

que foram reduzidas

duas cidades mineiras,

Mariana e Brumadinho,

cobertas de tinta, feita

com as terras da região.

Elas dão testemunho da

tragédia de Minas Gerais.

As montanhas com

todas as suas riquezas

mataram tudo o que

tinha vida.

Sussuca assistiu, anotou,

chorou junto com os

órfãos e as viúvas,

com os parentes, que

ali permaneceram noite e dia

à procura dos corpos,

pedaços de braços,

mãos, pernas, a criança

deitada no berço,

a noiva à espera do

noivo, os bombeiros

também sepultados.

A exposição é um

testemunho importante

de todo um cenário

de morte.

Sussuca não escreve,

ele mostra.

Saímos da exposição

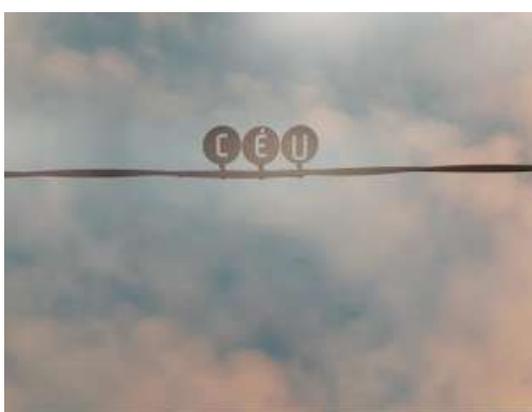
Abaladas...

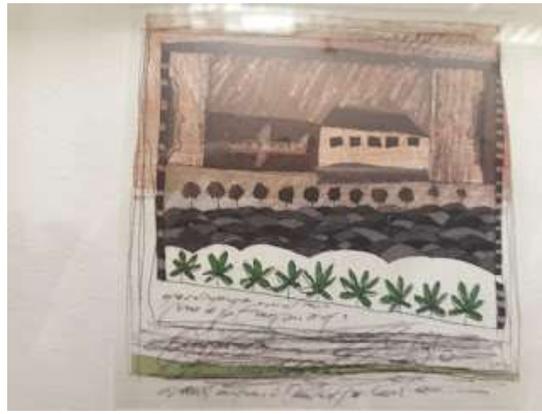
A exposição precisa correr o Brasil. “Não é comercial, não pode ser vendida separadamente, mas deve ser adquirida por algum museu para guardar testemunho do que estamos passando aqui em Minas”.

A arte de denúncia é uma arte que não nos sai da memória.

10 de dezembro de 2019

LINHAS SENSÍVEIS





*Fotos de arquivo

A exposição *Linhas Sensíveis* de professores da Escola Guignard, em sua sede no alto das Mangabeiras, me fez refletir sobre as aulas do mestre Guignard, reunindo com entusiasmo e alegria seus alunos no Parque Municipal.

A mesma alegria e espírito de união pude observar quando entrei na Grande Galeria da Escola. Fui recebida com um carinho inesquecível e me senti como uma sobrevivente de uma Escola que nunca se perdeu no tempo.

Foram 75 anos de trabalho intenso, de altos e baixos no caminho, mas sempre carregando a bandeira da arte como uma dádiva da vida.

A força da tradição de Guignard nunca esteve na repetição de fórmulas, mas na constante renovação de ideias. Guignard valorizava a “coisa nova” e percebia o aluno como um ser criativo, com possibilidades de crescimento e renovação. Sua didática se colocava na valorização do desenho, como forma de criar raízes seguras para os alunos. Essas raízes não vinham de fora, mas atingiam o ser interno de cada um, para dali se projetar no espaço externo.

A colocação do desenho como um companheiro constante para todas as formas de arte, sejam elas bidimensionais ou tridimensionais, possibilitou uma grande diversidade de estilos entre seus alunos. Desenhar sempre, registrar o mundo externo e o interno de cada um, rabiscar sempre, pois são desses registros que surgem as ideias.

Na inauguração da mostra, me senti participante de um grupo que dá continuidade e vida à semente plantada pelo mestre. Ali está presente a linha sensível, não estereotipada, aquela que brota do coração e traz à tona o novo, o inesperado.

Acredito na arte como a grande transformadora do ser humano, é ela que nos faz perceber, através da sensibilidade, o mundo que nos cerca e a nossa participação num universo mais amplo. Somos parte desse universo de estrelas e a ele estamos ligados desde a nossa origem.

Parabéns a esta Escola que eu aprendi a amar desde o tempo em que ela foi criada. Parabéns ao jovem diretor que sempre incentiva os alunos a crescerem como pessoas humanas. Parabéns aos curadores da exposição que propiciaram uma troca criativa entre alunos e professores. Parabéns ao trabalho exemplar dos professores que dão continuidade às propostas de Guignard.

Transcrevo aqui parte do texto curatorial da exposição:

“Um dos ensinamentos do mestre Alberto da Veiga Guignard a seus alunos, que até hoje é difundido por meio dos professores de sua Escola, é o de que cada artista deve buscar o seu caminho criativo e a sua expressão individual, sem imposições, respeitando o estilo próprio de cada um. Nesse sentido, os valores da liberdade de expressão e da diversidade podem ser considerados uma das marcas desse grande professor e artista, os quais se mostram presentes aqui, nas obras de 32 artistas, que são atuais professores da instituição”.

22 de julho de 2019

A REVELAÇÃO DO AVESSO, EXPOSIÇÃO DE FERREIRA GULLAR



Fotos: Maurício Andrés

Ferreira Gullar esteve em Belo Horizonte para a inauguração de sua exposição de colagens em relevo. Não me foi possível chegar a tempo para conhecê-lo pessoalmente, mas sua obra falou por ele. Falou de um potencial criador que se multiplica em diversas facetas, sem perder a

essência.

Segundo o depoimento do próprio artista, todas as obras foram feitas seguindo a direção do acaso: “Inicialmente, desenhava garrafas, bules e cálices, recortava papéis coloridos e colocava em cima. Um dia, porém, já havia posto os recortes sobre o desenho para em seguida colá-los, quando meu gato deu um tapa na folha de papel e desarrumou os recortes. Colei-os tal como estavam: disso resultou que o desenho era a ordem e os recortes coloridos, a desordem. Depois não mais desenhava: jogava os recortes de papel e, conforme caíssem, os colava. Assim nasceram aves, dragões, cobras e lagartos, com os quais compus livros para criança (e para adultos também). E foi então que surgiram as colagens em relevo.”

Ferreira Gullar liderou o movimento neoconcretista no Rio, tendo como parceiros vindos de Minas, os artistas Amílcar de Castro, Lygia Clark e Franz Weissmann.

O movimento concretista surgido em São Paulo na década de 50 inspirou artistas que não pertenciam ao famoso eixo Rio-São Paulo. De Minas Gerais um pequeno grupo era formado por Mario Silésio, Marília Gianetti Torres, Nelly Frade e eu. Nossa amiga e colega Mary Vieira também se entusiasmou pelo concretismo de Max Bill e foi buscar na Suíça um aperfeiçoamento para o seu trabalho, tornando-se uma artista de renome internacional. O grupo de Minas, considerado independente, era ligado com grande entusiasmo às ideias concretistas nascidas na 1ª Bienal de São Paulo. Tínhamos o apoio de Mário Pedrosa, que muitas vezes nos visitava em Belo Horizonte. Nosso grupo foi pequeno, mas atuante. Agora, percorrendo a exposição de Ferreira Gullar, vou relembro o passado e refletindo sobre o presente.

Os trabalhos de Gullar expostos na Galeria Lemos de Sá, em Nova Lima, revelam sua origem neoconcretista retomada em nova linguagem, em 2015. Gullar é crítico e também artista. Acompanho de longe o trabalho desse grande poeta, recentemente eleito como imortal na Academia Brasileira de Letras. Pertencemos à mesma geração e somos “sobreviventes” que testemunharam uma grande mudança que ocorreu no Brasil na década de 50, e até hoje se desdobra em novas linguagens e novos caminhos.

3 de julho de 2015

TRAMA, UMA EXPOSIÇÃO DE JOÃO DINIZ



Fotos de Fred Pinheiro, João Diniz, Marília Andrés e Raquel Miranda.

Quando as diversas formas de arte se encontram, acelera-se o processo de criação. Assim foi no passado, assim está sendo no presente. Neste encontro feliz de artes plásticas, música, arquitetura e poesia, podemos situar o múltiplo artista, artesão, poeta, fotógrafo e arquiteto João Diniz.

Conheci João quando ele era criança e morava no meu condomínio no Retiro das Pedras. Sua mãe era minha companheira no Coral Domus Áurea, cuja maestrina e orientadora de música era Ângela Pinto Coelho. João estava sempre atento ao chamado da música e aos apelos da arquitetura.

Desconstruir música e arquitetura para reuni-las numa só proposta, foi o chamado do interior deste poeta das artes.

A palavra, antes contida em livros, desdobra-se para o espaço e se transforma em caixas com poemas em letras vazadas. Cores e formas continuam a se manifestar em arquiteturas, onde a marca do pintor, poeta e escultor continua a aparecer.

A música, geradora e maestrina de todas as artes, sintoniza sons eletrônicos e ritmos tribais.

João Diniz não para. Caminha sempre para a frente, em ritmo acelerado, incorporando o pensamento e a emoção de forma nova, inesperada.

João é amigo da família e vem sempre em nossa casa.

Segue abaixo um texto de Marília Andrés sobre este artista:

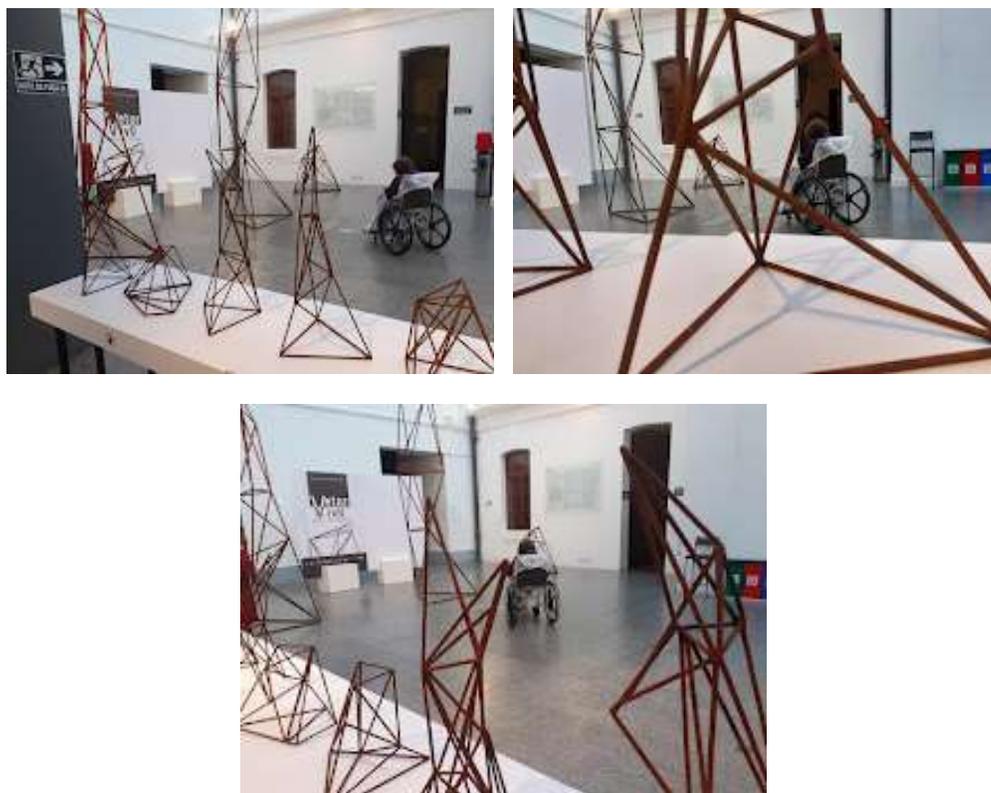
“A Asa de Papel Café & Arte tem o prazer de apresentar as pesquisas do arquiteto João Diniz no campo das artes visuais com a série *Trama*. Esta se desdobra em colagens, objetos e esculturas, que se intercomunicam através do movimento experimental inserido num processo estruturante.

Uma trama pode ser uma rede comunicante, envolvendo o espectador/participante numa obra aberta como as *Reticuláceas* da artista venezuelana Gego. Pode ser um projeto utópico, racional, estruturado, como o projeto do *Monumento à Terceira Internacional* do artista/arquiteto russo Vladimir Tatlin. Mas, uma trama pode se transformar em um processo que se inicia com os projetos bidimensionais para uma torre utópica, se desdobra nos objetos tridimensionais de madeira e se concretiza nas esculturas de aço de João Diniz.

O depoimento do artista nos revela o significado das obras a partir de seu pensamento:

"TRAMA são investigações através de esculturas, objetos e colagens sobre a linha no espaço, ou a linha como vetor rígido, que em combinações tridimensionais, propõe geometrias poliédricas gerando espaços e volumes num diálogo com a arquitetura, a engenharia e as artes visuais. Nessas composições, as articulações matemáticas que promovem a estabilidade das estruturas construídas se opõem à manipulação gestual e intuitiva das dimensões dos componentes, gerando resultados ao mesmo tempo racionais e orgânicos." (Depoimento de João Diniz, janeiro de 2018). Mais uma vez o artista multimídia João Diniz nos surpreende com novas criações poéticas, no momento focalizando o trabalho com as artes visuais."

EXPOSIÇÃO “VETOR VIVO”



A exposição de João Diniz

No Museu de Mineralogia

Na Praça da Liberdade,

Sugere uma viagem cósmica,

Pelos espaços interplanetários

Do Universo.

Ela nos conduz,

Desde

As profundezas

Da terra,

E nos aponta
Para um céu
De estrelas.
Um emaranhado
De aço,
De linhas
Que se recruzam,
Com a geometria dos cristais.
E percorrem,
Extraídas da terra,
Caminhos desconhecidos.
Às vezes, suas torres
Sugerem transmissores
De energia,
Que vemos pelas estradas
De Minas.
Segundo João Diniz:
“O Vetor Vivo
Nasce na harmonia
Da teia
Projetada e construída,
Revelando o fluxo
Das forças invisíveis
Através da geometria
Organizada.”



*Fotos De Ivana Andrés

15 de outubro de 2021

PAULO MENDES, ARTISTA ENGENHEIRO





*Fotos de Fred Pinheiro

Fui ver a exposição “Urbanasque” de Paulo Mendes na Asa de Papel Café & Arte.

O tema principal de suas pinturas é o aglomerado de pessoas, homens, mulheres e crianças, o ser humano que palpita e está presente nas grandes cidades, nos ônibus, nos cafés.

Lembra um pouco Montmartre em Paris, quando os primeiros impressionistas se encontravam para a grande aventura de renovação das artes.

Paulo faz um retorno à figura humana como principal elemento de seus quadros. As figuras passam a ser motivação para suas composições, sempre nos tons baixos, sem contrastes.

Elas emergem de um sonho, de uma nuvem cinza, branco, rosa...

Sem contar uma história, elas têm sua vida própria.

Paulo tem uma empresa de construção metálica, situada em Rio Acima, nas montanhas de Minas. À sua formação técnica como engenheiro, ele soube acrescentar a sensibilidade do artista plástico.

Com grande experiência em estruturas metálicas, tornou-se apto a construir também esculturas de aço, tendo realizado com segurança uma obra de minha autoria para a minha casa. A escultura foi colocada no meu gramado e lá está, curtindo a paisagem das montanhas.

Abaixo, segue depoimento de Marília Andrés para a exposição “Metrô”, que aconteceu em 2018, também na Asa de Papel Café & Arte:

“Paulo Mendes estreia na cena artística de Belo Horizonte com a exposição *Metrô* que está em cartaz na Asa de Papel Café&Arte.

Autodidata, o artista, que é também construtor e músico, apresenta pinturas em acrílica sobre papel, revelando cenas urbanas que acontecem no interior dos metrôs. Ali se mesclam pessoas humanas e não humanas, “os porquinhos”, no movimento dos trens que transitam em alta velocidade.

Mas essas cenas tornam-se cada vez mais abstratas, revelando o movimento interior que se expressa na emoção do artista. Como ele fala em depoimento, a emoção está sempre presente no seu processo criativo: “Entro em transe e pinto a catarse. Jogo a tinta no quadro e surge uma cena explosiva”.

Dessa forma, Paulo Mendes nos mostra uma nova pintura, expressiva, vigorosa e divertida, que revela a sua maneira de ser no mundo. (Marília Andrés Ribeiro, fevereiro de 2018) ”

Segue também um depoimento do próprio artista, Paulo Mendes:

“Embora seja um apaixonado pela natureza é no cotidiano urbano que encontro motivação para minhas pinturas. Em especial nos metrôs, nas filas de supermercados e em outras situações rotineiras encontro a matéria prima e a inspiração para meus trabalhos. São situações diversas compostas de stress, ternura, compaixão, correria, enfim uma profusão de sensações causadas pelas pessoas no seu dia a dia. Aquilo que é comum revela-se extremamente rico quando visto com atenção através dos olhos do observador. Nesse contexto, cenas banais e corriqueiras tornam-se gigantes e extremamente cheias de significados. Em outras situações, quando assisto a um espetáculo que envolva música e dança, também percebo o público como um “coadjuvante”, o que o torna uma figura de grande importância na composição daquele momento. Por isso introduzi a música e a dança nas cenas urbanas. Sou um observador contumaz do diálogo entre o artista e o público. (Paulo Mendes)”

Parabéns, Paulo, por sua competência e sua feliz introdução no caminho das artes visuais.

1 de abril de 2019

LIVRO OBJETO



Fotos: Marília Andrés

A Editora C/Arte, sempre à frente das iniciativas de vanguarda, inaugurou em novembro de 2009 uma galeria de arte com uma bela exposição de livros intitulada “Livroobjeto”. Ali os livros tomaram formas diversificadas dependendo da criatividade de cada artista. Os visitantes podem não somente contemplar os objetos, como também tocá-los com uma luva. O Livro-objeto, ou livro do artista, contém mensagens, frases, textos, desenhos, memórias. Deixa de ser um relato pessoal, para se transformar em pensamento poético, como o livro feito em lona de Marcos Coelho Benjamim ou os dizeres caligráficos de Maria do Carmo Freitas. Percorrendo a mostra encontramos a busca do vazio de Isaura Pena e as miniaturas de livros que não sei de Waltércio Caldas. Logo na entrada, o livro de Jorge dos Anjos, com as impressões gravadas em ferro quente sobre feltro, pode ser visto e manipulado. Ao fundo, Cláudia Renault reflete a transparência do vidro na madeira e Paulo Bruscky realiza suas experiências com peças de um computador. Arlindo Daibert é lembrado como pioneiro dessa arte, resgatando os castelos de Santa Teresa de Ávila. Daniel Escobar faz uma releitura dos guias de Belo Horizonte e Hilal Sami Hilal trabalha o livro em cobre, como as rendeiras do Nordeste.

Destacamos a apresentação de Vera Casa Nova, introduzindo o público à exposição:

“Livro=objeto; objeto=livro. O óbvio se instala diante do que olhamos. Um livro sob a forma de códice: díptico, tríptico, políptico; outras formas, cuja dobradura, pela dobradiça, vem a ser um desdobramento. Uma tautologia que não se reduz à repetição da forma. Volume de registro de artistas com sua dynamis particular. Tabuinha de inscrição transformada em escultura. Objeto semiótico. Transparência de signos da vida do artista, com suas faltas, desejos e afetos. Poemas que se dão a ver. Diagramas possíveis. A página consútil em relevo, com suas narrativas infinitas, da literatura ao cinema, à fotografia, à pintura, à gravura, à escultura.

Marcas, impressões do gesto, da palavra escrita no corpo da matéria escolhida,

experiências do dentro e do fora. Invenção dos restos, dos dejetos, dos fragmentos. Livro-jogo: jogo de forças, de efeitos, livro do acaso. Diferença que se realiza na história”.

A exposição é uma experiência muito boa. Mostra caminhos diversos com técnicas variadas trazendo à tona um caráter intimista e poético, uma revelação da alma de cada artista ali presente.

Imagens:

1 - Jorge dos Anjos, Sem Título, madeira, ferro e presilhas, 2009

2 - Hilal Sami Hilal, Caderno da Série Seu Sami, cobre/corrosão, papel feito à mão, 2007/2009.

3 - Marcos Benjamim, Sem Título, grafismo sobre lona, 2008

4 - Isaura Pena, Sem Título, nanquim sobre papel, 2007/2009

5 - Paulo Bruscky, Intersigne VIII, técnica mista, 1993

6 - Arlindo Daibert, As Sete Moradas, fragmentos de livro sobre papelão, 1992

15 de janeiro de 2010

EXPOSIÇÃO LIVRO DE ARTISTA





*Fotos de Ivana Andrés

Estou no Palácio das Artes em Belo Horizonte, percorrendo a exposição do livro de Artista da Coleção ITAÚ CULTURAL. Muito bem montada, livros nas vitrines, desenhos e gravuras nas paredes recobertas com fundo cinza.

Fiquei meditando por algum tempo naquele imenso salão. Aos poucos a gente vai recordando como as ideias surgiram, desde o movimento concretista até os dias de hoje. Há uma linha criativa que abriu perspectivas novas para a arte brasileira. Esta linha se prolongou no tempo e de forma sutil vai trazendo sua luz para o presente e continua apontando para o futuro.

O livro de artista é um documento vivo que evoca reminiscências passadas, alcança a poesia e a música, sai do plano bidimensional para o tridimensional, transforma-se em objetos.

As pessoas passam, leem os versos, param para ver os livros atrás de caixas envidraçadas. Uma vibração de paz e quietude envolve o ambiente da Galeria e me faz recordar que os livros estão registrando um sentimento, uma emoção, um momento de silêncio.

Há por detrás dessas obras o registro invisível do Grande Livro que todos nós escrevemos e que nunca será lido: o Grande Livro de nossa própria vida.

Desci para o andar inferior do Palácio das Artes e procurei um banco para contemplar o Parque Municipal. As árvores foram me trazendo histórias do passado, quando a Escola Guignard estava situada nos porões do Palácio das Artes ainda em construção.

Não havia conforto, muitas vezes as chuvas invadiam as salas. Mas, apesar da pobreza, dali surgiram talentos.

No hall de entrada uma escultura de Amílcar de Castro é o testemunho desses talentos que começaram debaixo das árvores do Parque Municipal.

Terminei a manhã escutando a Orquestra Sinfônica de BH, que se apresenta ao meio-dia da primeira terça feira de cada mês.

30 de julho de 2019

REFLEXOS DA ART RIO



Fotos: Beatriz Lemos de Sá, Carlos Andrade e Roberto Andrés

Os antigos armazéns do cais do Porto no Rio de Janeiro, agora desativados, estão se tornando um grande espaço de arte. Ali o povo comparece em massa, revelando uma outra face do carioca, como participante ativo do mercado da arte. A I Feira Internacional de Arte Contemporânea do Rio, muito noticiada pela mídia, suplantou a feira de São Paulo e colocou o Rio de Janeiro como um ponto de cultura da maior importância para o Brasil. Num sinal do crescente interesse pela arte brasileira, a primeira edição da feira ArtRio levou ao píer Mauá, na zona portuária do Rio, 46 mil pessoas e gerou negócios de R\$ 120 milhões durante os cinco dias do evento.

Encerrada no domingo, a feira contou com 83 galerias – quase metade do exterior. Nos estandes estavam à venda cerâmicas do espanhol Pablo Picasso, pinturas e esculturas do colombiano Fernando Botero, obras de modernistas brasileiros como Volpi e contemporâneos como Ernesto Neto.

“Nossa intenção é nos tornarmos a quinta maior feira de arte do mundo”, disse Elisângela Valadares, uma das idealizadoras da ArtRio.

Beatriz Lemos de Sá, nossa galerista de Belo Horizonte, participou ativamente do evento com o maior sucesso. Em seu estande figuraram artistas representantes da arte de Minas e alguns de São Paulo e Rio que trabalham em sua galeria. Ali estiveram presentes com esculturas,

desenhos e pinturas os seguintes artistas: Amílcar de Castro (escultura e desenho), Maria Helena Andrés (esculturas e desenhos), Jayme Reis (objetos), Pedro David (fotografia), Célia Euvaldo (pinturas), Sérgio Sister (objetos), Fernando Cardoso (desenhos), Tunga (objetos) e Antônio Dias (pinturas). Assim, entre mineiros, cariocas e paulistas o seu estande esteve movimentado nesses cinco dias.

Houve grande procura pelas minhas esculturas que um dia deixam nossas montanhas para se harmonizarem com outras montanhas nos gramados de Itaipava, Araras e Teresópolis.

20 de setembro de 2011

DIÁLOGO ÁFRICA-BRASIL



Fotos: internet

Há países de que só podemos captar a impressão momentânea, o que nos sugere o impacto do primeiro encontro. Do alto do Boeing 707 da Air France, sentimos o sol e a terra em baixo. O deserto a se perder de vista. Parece-nos ver fotografias da lua, com seus desenhos e crateras. A civilização aproxima homens e terras. Um jato super cheio sobrevoa o deserto. A conquista do espaço, neste movimentado século XX, é o sinal do domínio do homem sobre a natureza. Em baixo, continua desfilando o panorama da areia quente, ensolarada, sem vegetação, sem casas, sem animais; somente a secura e a monótona repetição do mesmo tom rosa alaranjado, tão diferente de nossa floresta amazônica, onde o verde se perde de vista, como um tapete.

A África é o próprio sol vermelho laranja. E o colorido quente do sol do deserto está repetido nas cores das mantas africanas, dos pufes de couro, das joias populares. Um grande mural visto no restaurante do aeroporto de Dakar, sugere todo este clima que é também o calor temperamental do negro africano. O mural é imenso, tem formas redondas, sensuais. Há um relacionamento interior, a pulsação do mesmo sangue, nas linhas e cores que movimentam o

painel e no balanceio erótico das danças negras. Cada país reflete em sua arte, por mais internacionalizada que seja, um espírito ligado à terra, ao sangue, às condições de vida do povo. É o regional que se liga ao universal, através de cores características, de ritmos diferenciados. Não se poderia, sem ferir a autenticidade, fazer arte pura, fria, intelectual, nesta África quente que eu vi apenas de relance, mas que me foi possível sentir na monumentalidade, no dinamismo, no ritmo do tambor e da dança, deste imenso mural do aeroporto de Dakar.

Em Zimbabué, que significa “Casa de Pedra”, existe o Museu Monte Palace que abriga a coleção Berardo de Arte com artistas africanos conhecidos internacionalmente. À frente do museu o visitante pode caminhar em um jardim oriental com vegetação exuberante, cercada de fontes, quiosques japoneses com as tradicionais pontes de madeira. Esculturas de pedra com temas africanos surgem no meio do verde, trazendo o passado ao presente.

A influência africana trazida às Américas através da escravidão, misturou-se à raça branca, e despertou vitoriosa nos Estados Unidos, no ritmo que veio do jazz à música trepidante de nossos dias, e, no Brasil, no espetáculo plástico das capoeiras da Bahia, no calor do samba brasileiro e nas comemorações do Maracatu, de grande beleza plástica. Contemplando o mural, lembro-me dos candomblés, das histórias de Iemanjá e das cores festivas dos berimbaus.

A arte africana atravessou os mares e veio se expandir no Brasil, sendo os seus expoentes mais conhecidos os artistas plásticos Rubem Valentim, Emanuel Araújo, Mestre Didi, Maurino Araújo e Jorge dos Anjos.

22 de novembro de 2009

VIAGENS ESPACIAIS ONTEM E HOJE: MARIKO MORI





Fotos: Maurício Andrés

As viagens espaciais continuam presentes no imaginário dos artistas.

Percorrendo a exposição de Mariko Mori no CCBB de Brasília, os objetos aéreos estão pousados na terra e as crianças podem brincar com os extraterrestres. Há uma escadinha para se entrar num dos objetos. Lá dentro a pessoa pode se relaxar e, enquanto isto, ver no teto seus pensamentos projetados em formas e cores. São propostas diferentes e realizações diversas sobre o mesmo tema. *Oneness*, com a curadoria de Nicola Goretti, apresenta obras em grandes dimensões onde a artista funde espiritualidade, fotografia e moda sob uma ótica peculiar que pretende rever e recriar um mundo repleto de referências contemporâneas.

“Mariko Mori é um grande nome das artes visuais no Japão com grande relevância no ocidente e expõe no Brasil pela primeira vez, nos CCBBs de Brasília, Rio e São Paulo. “Um artista vê o mundo, olha para o momento presente, com um ponto de vista único. Minha missão é dividir o que vejo no meu campo de visão. Preciso criar um novo espaço para poder respirar no mundo. Isso vai abrir as portas para um novo futuro”, declara a artista ao enfatizar a necessidade de uma consciência espiritual universal.

Ao unir sua arte com o design de ponta, Mariko usa da tecnologia para transcender valores humanos e levar o fruidor a uma experiência sinestésica, como o que acontece ao adentrar Wave UFO, uma nave espacial de mais de seis toneladas que proporciona uma gama de sensações advindas de recursos que aliam a computação gráfica, animação, ondas cerebrais, som e engenharia arquitetônica e resultam em uma obra mutável em si mesma a partir do olhar do outro. Wave UFO esteve na Bienal de Veneza em 2005 e foi um grande sucesso.

Oneness é a obra que nomeia a exposição e traz figuras confeccionadas em technogel que interagem ao toque do visitante e discute a conectividade como a perda dos limites entre si mesmo e os outros, um dos preceitos budistas mais difundidos que reafirma que o mundo existe como um só elemento. *Transcircle* é uma releitura dos monólitos pré-históricos com nove pedras

de vidro coloridas e brilhantes. A mostra apresenta também vídeos, fotografias e desenhos.

Recuo ao passado nos anos de 1969, quando o homem conseguiu pousar na lua pela primeira vez. Naqueles dias eu inaugurava uma exposição no Rio de Janeiro no Copacabana Palace. Os quadros ali expostos representavam objetos aéreos, voos espaciais carregando pessoas da Terra para outros planetas. Na época fui entrevistada por vários jornalistas cariocas. Reescrevo alguns textos publicados na época:

“Uma coleção inteiramente inspirada em foguetes, plataformas espaciais, gigantescas máquinas interplanetárias, marca a nova fase da pintora Maria Helena Andrés, que abandona os barcos e as engrenagens de guerra – suas duas fases anteriores – para ocupar-se de uma temática mais otimista, o quixotismo espacial.”

“Maria Helena Andrés, sobretudo em suas grandes telas, com domínio perfeito da técnica, espatulada, organizada e rítmica, obtém efeitos de grande beleza cromática. São aparentes suas referências dramático-poéticas, de naves naufragadas ou aviões estraçalhados no espaço” (Aracy Amaral, JB, 5/8/69)

“Maria Helena Andrés é uma pintora que, lenta, mas conscientemente, avançou por todos os meandros da arte moderna e que, no momento, a “Odisseia do Espaço” também a conquistou e foi incorporada à sua obra.” (José Roberto Teixeira Leite)

“Explorando ainda a fase espacial, imagino um encontro poético do passado com o futuro – Naves espaciais sobrevoando nossas cidades históricas – Denominei esta série de “Encontro no tempo” (Maria Helena Andrés)”.

Aquela exposição de naves espaciais marcou o início de minhas buscas no campo da unidade planetária e unidade cósmica. Foi também o início do meu interesse pelas religiões orientais e minhas viagens à Índia. Tomar consciência de que somos Um, é o grande passo a ser conquistado.

A era espacial está sendo anunciada não só pelos artistas, mas também pelos físicos. Stephen Hawking, grande físico inglês, em entrevista ao site Big Think, se diz otimista em relação ao futuro do planeta. “Fizemos muito progresso nos últimos cem anos, mas se quisermos ir além dos próximos cem, o futuro é o espaço”.

26 de fevereiro de 2011

NUNO RAMOS



Fotos: internet

Contemplo o trabalho do artista contemporâneo Nuno Ramos. Peço uma cadeira para sentar-se e ficar quieta, simplesmente olhando para aquela sequência de triângulos que se justapõem, de formas geométricas em terceira dimensão. Sombras e luzes, pretos e brancos, reflexos no espelho d'água onde as formas submergem. A arte contemporânea permite o uso do espaço para construir e realizar memórias escondidas nos subterrâneos do inconsciente. Foi justamente realizando e concretizando essas memórias que Nuno Ramos produziu, com o auxílio fundamental do arquiteto Alen Roscoe um trabalho de grande impacto.

“Pare e olhe, não fique se dispersando em conversas. Pare, olhe, observe, sinta o presente em toda a sua beleza e intensidade.”

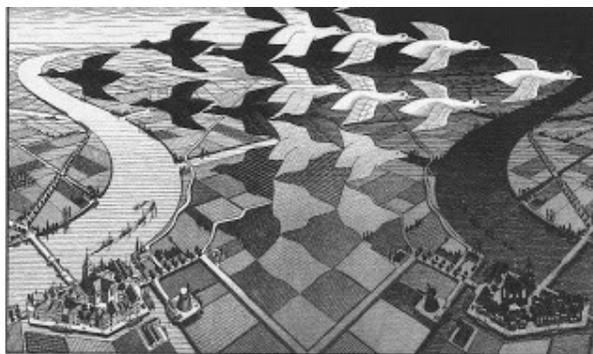
Estas palavras me vêm de dentro, é necessário chegar até o trabalho do jovem artista Nuno Ramos com total despojamento de ideias pré-concebidas. Sentar e contemplar foi o que fiz e o significado da obra foi me despertando momentos de reflexão. O primeiro toque me sugeriu serenidade e paz, uma paz originada, não da sugestão do conteúdo, mas da forma. Conteúdo e forma são importantes na realização de qualquer trabalho de arte, mas o que me tocou logo de início foi a harmonia dos triângulos e retângulos, das sombras e luzes. A demolição de 3 casas motivou o artista a produzir essa obra monumental. Veio do sofrimento, da perda, do sentimento de compartilhar a dor, de transmutá-la e transformá-la em arte, como uma flor de lótus que emerge do lodo. Esses momentos de vida são importantes se vivenciados em toda a sua intensidade. Conduzem o artista a uma criação que se liga intrinsecamente à sua própria vida, suas memórias e experiências. Na obra de Nuno, exposta na Galeria Celma Albuquerque, senti o

impacto da transmutação e superação de uma experiência dramática vivida pelo artista.

Sobre a experiência artística, temos uma página admirável do grande poeta que foi Rainer Maria Rilke: "Versos não são, como tanta gente imagina, simplesmente sentimentos - são experiências: é preciso ver muitas cidades, homens e coisas, conhecer o voo dos pássaros e o gesto das flores, quando se abrem pela manhã; voltar em pensamento aos caminhos das regiões desconhecidas, aos encontros inesperados, às separações já de longe previstas, às doenças da infância carregadas de profundas e graves transformações, aos dias fechados ou de sol, às manhãs de vento ao mar, às noites de travessia e de fuga. E tudo isto não basta. É preciso, também, as memórias das vivências passadas e mesmo estas não bastam. Pois é preciso também saber esquecê-las, quando são muitas, e ter-se a imensa paciência de esperar que voltem novamente. E, quando então tudo tiver retornado dentro de nós, como o sangue, a brilhar e a gesticular sem se distinguir de nós mesmos, só então pode acontecer que, na hora rara, a primeira palavra de um poema se levante no meio daquelas experiências e delas prossiga."

5 de novembro de 2012

ESCHER, UM DESPERTAR DO "VER"



Fotos: internet

A exposição do artista holandês Escher no Palácio das Artes, de uma beleza extraordinária, foi para mim um toque de consciência e um despertar da percepção visual. Lembrei-me das aulas do mestre Guignard, quando ele fazia um quadrado pequenino, dentro de uma cartolina branca. O aluno teria de ver o mundo através daquele orifício e o mundo se desdobrava em mil facetas diversas, apontando direções inusitadas. As coisas eram vistas dentro de um todo imensurável, como um caleidoscópio. Este exercício possibilitava ao jovem a compreensão da multiplicidade da vida visto através do "aqui e agora". Este "aqui e agora", tão proclamado pelos orientais que

buscam o contato com a Essência, é realizado através dos tempos quando a arte é vista como um processo, uma busca, um encontro. Escher nos abre a percepção e nos coloca com uma visão espacial pouco vislumbrada pelo ser humano distraído, envolvido em seus próprios pensamentos.

A volta ao passado muitas vezes é um impedimento para o presente. Viver o presente, o “aqui e agora”, o poço onde nos vemos em profundidade, a ilusão dos espelhos que multiplicam nossa imagem, tudo isto é motivo de reflexão.

Ninguém consegue sair da exposição “A magia de Escher” sem ser atingido pela magia de suas propostas.

Saio de lá refletindo no poder da criatividade que nos permite ver a unidade na multiplicidade sem palavras, apenas com objetos, desenhos, esculturas, instalações. Na rua, já do lado de fora do Palácio das Artes, vou reparando que o “Escher” continua nos prédios em torno, nas avenidas, nas janelas que se fecham escondendo mistérios, nas escadas onde as pessoas estão sempre subindo ou descendo. O mundo é um grande teatro, uma grande performance, sem necessidade de mostrar que é uma performance, simplesmente o mundo a cada instante nos mostra o novo, o não visto, o não interpretado.

Escher é um mestre disfarçado em artista, um verdadeiro mestre, porque faz o espectador, não somente participar, mas recriar seu próprio mundo de sonhos.

Selecionei algumas frases do seu catálogo:

“Trabalhando com conceitos clássicos da arte pictórica, como a perspectiva, o moto-perpétuo e o reflexo, entretecendo-os com sistemas de ladrilhamento do plano e outros conceitos matemáticos, Escher criou universos inteiros.”

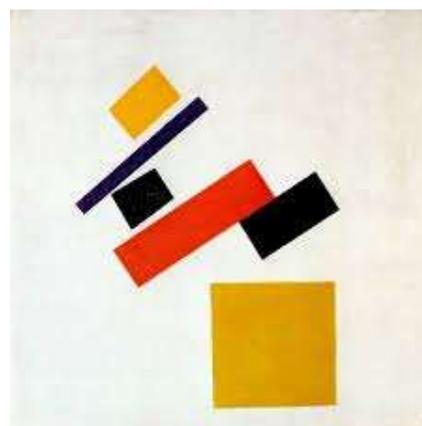
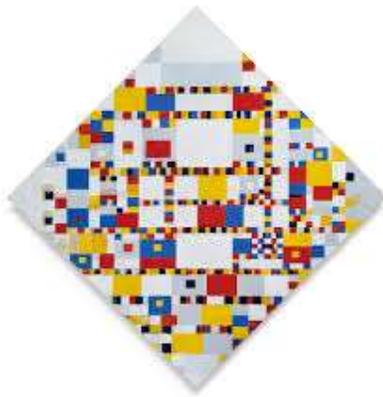
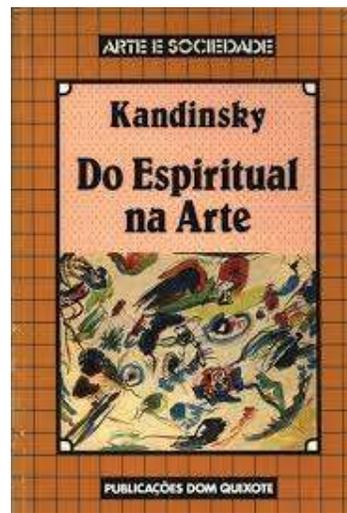
“O mundo de Escher combina objetos incompatíveis. O artista sempre nos propõe a mesma questão: “Por que o mundo - ao menos o mundo retratado na arte – não pode ser uma combinação de diferentes realidades?”

“Talvez eu esteja sempre em busca do espantoso e, por isso, procure apenas provocar espanto no espectador” (Escher)

“Não conheço prazer maior do que errar por vales e montes, de aldeia em aldeia, deixando a natureza sem artifícios agir sobre mim, apreciando o inesperado e o extraordinário, no maior contraste imaginável com o dia a dia caseiro” (Escher)

29 de outubro de 2013

MONDRIAN E A VANGUARDA RUSSA



Fotos de Ivana Andrés e da internet

O Centro Cultural Banco do Brasil, situado no Circuito Cultural Praça da Liberdade é um ponto de encontro de arte em Belo Horizonte. Para o CCBB se desloca um público participante que está

ali para aprender alguma coisa sobre os artistas, sua vida e obra.

Nas diversas salas estão expostos os quadros de Mondrian, mestre holandês que se filiou ao movimento "De Stijl" na Europa.

“A exposição não se esgota com a história artística de Mondrian. Há uma segunda etapa, igualmente relevante para compreender o que aconteceu naquele período (1917-1928), que mostra a agitação provocada pela revista De Stijl (O Estilo), o meio escolhido para que um grupo de artistas, designers e arquitetos, incluindo Mondrian, defendesse o neoplasticismo e a utopia da harmonia universal de todas as artes.

Mondrian acreditava que sua visão da arte moderna transcendia as divisões culturais e poderia se transformar numa linguagem universal, baseada na pureza das cores primárias, na superfície plana das formas e na tensão dinâmica em suas telas. E seus companheiros da De Stijl não só tinham visão semelhante, como aplicaram esses conceitos a todo tipo de arte.” (Trecho do catálogo da exposição do CCBB)

Mondrian foi um artista ligado à Teosofia que naquela época se difundia pela Europa.

O construtivismo teve na Europa do princípio do século XX diferentes manifestações em países diversos, inspirados numa filosofia que estudava o cosmos e a antiga sabedoria do mundo.

Na exposição a vida de Mondrian está projetada em vídeo e cronologicamente alinhada em pequenas fotos da época. Percorrendo a mostra, podemos observar como a sua arte o conduziu a propostas no campo da arquitetura de interiores, do design e do mobiliário.

Quando estourou a segunda guerra mundial, Mondrian mudou-se para Nova York, onde desenvolveu suas propostas e realizou seu famoso “Broadway Boogie Woogie”, inspirado no ritmo americano.

Lembramos aqui de nossos estudos sobre a Vanguarda Russa, pioneira desta corrente artística. Releio o texto que escrevi em 1974, capítulo do meu livro “Os caminhos da Arte”:

“Na Rússia pré-revolucionária, Nathalie Gontcharova e Michel Larionov apresentaram as primeiras telas rayonistas, nas quais a cor buscava a mesma independência do som. A libertação da cor e da forma de qualquer significado real, a ideia de que têm vida própria, marcou o início de uma série de caminhos na arte moderna. Dentro dessa mística, a vanguarda russa, entre 1910 e 1920, teve um papel fundamental. Poetas e pintores aliaram-se em torno das novas ideias. A liberdade pleiteada pelos artistas significava, antes de tudo, um desligamento de pressões externas, dos cânones e padrões tradicionais.

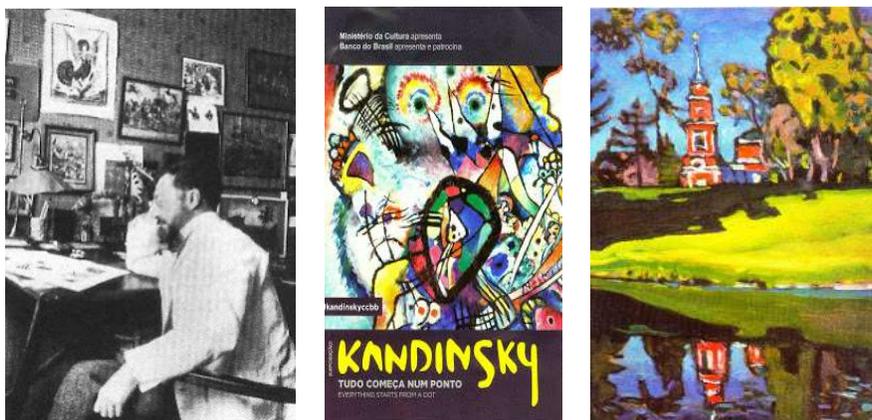
Maiakovski, na poesia, Malevitch, Kandinsky, Tatlin, El Lissitzki, Naum Gabo e Pevsner, nas artes visuais, tornar-se-iam os líderes do novo movimento, gerador de várias correntes estéticas

não figurativas.

Malevitch procurava no suprematismo a essência do sentimento humano. Sua pintura, inteiramente despojada de elementos orgânicos, libertou-se do objeto, buscando na sensibilidade em seu estado mais puro o encontro com o Supremo. Malevitch propunha uma arte desinteressada, inteiramente subjetiva. Gabo e Pevsner, em seu Manifesto Realista, protestavam em favor de uma arte independente. A busca de uma nova realidade, o sentimento de ausência do objeto, o encontro com a essência das coisas motivaram o grupo de vanguarda em torno do Construtivismo e também de uma nova visão da realidade.” (Trecho do meu livro “Os caminhos da arte”)

26 de setembro de 2016

KANDINSKY EM BELO HORIZONTE



Fotos: internet

Percorri a exposição de “Kandinsky, tudo começa num ponto” no centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Belo Horizonte. Observei com muita emoção os quadros deste grande artista, pioneiro da Arte Abstrata. Ao lado de trabalhos de seus contemporâneos e de artistas que o influenciaram, a exposição apresenta a obra de Kandinsky de forma holística, para entendermos como essas influências ecoam, ainda hoje, na arte contemporânea. Vestimentas xamânicas foram incluídas na exposição, assim como pinturas de outros artistas que conviveram com ele na ocasião.

Há mais de 30 anos quando estava escrevendo o livro “Os Caminhos da Arte”, estudei a obra de Kandinsky e o seu livro “O Espiritual na Arte” foi uma referência para mim naquela ocasião. Segue o capítulo escrito na época para o meu livro:

“Kandinsky, considerado o primeiro pintor abstrato, procurou, por meio da arte, o encontro com o seu mundo interior. Empenhou-se na redescoberta da poesia na pintura e na musicalidade das cores. Desligou-se das representações tradicionais do espaço à procura de outra dimensão

situada no inconsciente. Pintou símbolos fantásticos, ligados às antigas civilizações orientais, que o colocaram como intermediário entre o Oriente e o Ocidente. Formas geométricas, triângulos, círculos, misturam-se aos arabescos, estrelas e faixas de cor.

Sua importância, projetando luz sobre o caminho da arte, não se limitou à pintura. Suas ideias, expostas no livro “O Espiritual na Arte”, revelam uma filosofia de vida. Considerava a necessidade interior elemento essencial na obra de arte, sem a qual tudo o mais se esvaziaria: regras, ensinamentos e todos os conceitos teóricos que tentam esclarecer, mas que, quase sempre, fazem secar a fonte criadora do artista.

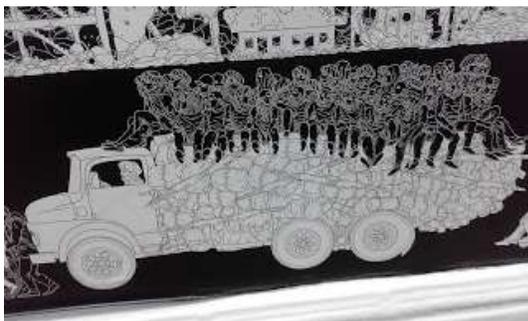
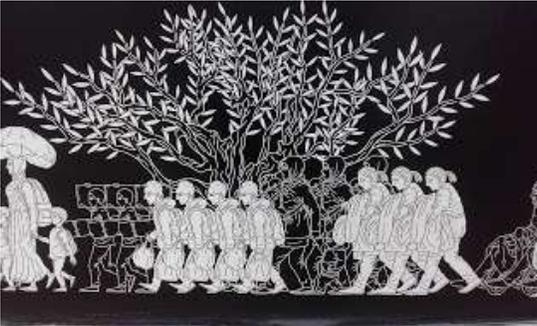
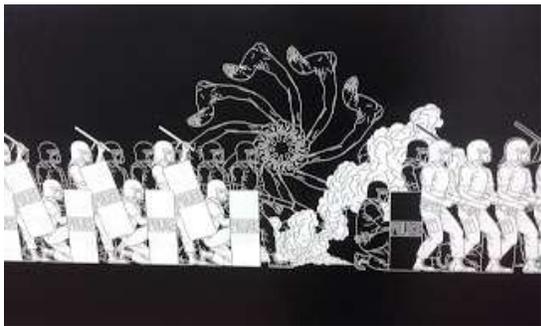
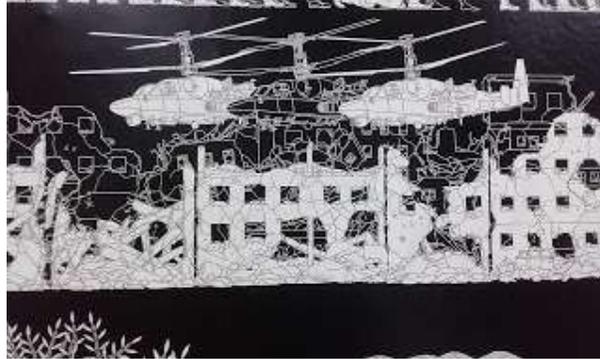
Segundo Kandinsky em “O Espiritual na Arte”, a conceituação a todo custo, de escolas e tendências, a pretensão de querer encontrar numa obra regras e certos meios de expressão particulares de uma época, só pode servir para desorientar-nos e finalmente reduzir-nos ao silêncio. O artista deve ser cego frente à forma, reconhecida ou não, do mesmo modo que deve ser surdo aos ensinamentos e desejos de seu tempo. Seu olho deve estar aberto para sua própria vida interior, seu ouvido, sempre atento à voz da necessidade interior.

Refletindo sobre os problemas artísticos de seu tempo, a efervescência de ideias e conceitos e a rapidez com que eram consumidos e abandonados, Kandinsky refugiou-se no seu interior. Ali encontrou a resposta que lhe permitiu lançar diretrizes para sua arte e para sua vida.

Se a criatividade é uma das forças propulsoras do homem, se ela é uma forma de energia que integra e equilibra, não poderá se firmar nos conceitos exteriores, nas fórmulas, no sucesso, nas promoções. O êxito artístico, considerado por muitos como um fim a ser alcançado a todo custo, muitas vezes bloqueia e paralisa o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Para encontrar essa totalidade, o artista afasta, como Kandinsky, seus olhos das contingências exteriores e os volve para seu interior. Os grandes artistas nos oferecem o exemplo de suas lutas e buscas, conscientizando-nos da necessidade de ampliar as fronteiras da arte para níveis mais altos. Kandinsky, além de pintor e professor, estava também preocupado em estudar a integração entre as diversas artes. Considerava a música uma propriedade do ser humano, e procurou o relacionamento existente entre as cores e os sons.” (Os Caminhos da Arte, Editora C/Arte)

12 de maio de 2015

EXPOSIÇÃO DE AI WEIWEI NO CCBB



*Fotos de Ivana Andrés

Existem exposições que nos causam impacto. Uma delas foi a mostra “Raiz”, do artista chinês Ai Weiwei, no CCBB em BH. Percorrendo a exposição, pude perceber a presença de um grande artista, que consegue expressar em suas instalações o drama de nossa civilização. Além de ser um grande artista, Ai Weiwei se expressa através da palavra. Anotamos algumas de suas frases, que transcrevo abaixo.

“Os artistas não precisam se tornar mais políticos; os artistas precisam se tornar mais humanos”

“Se uma nação não pode enfrentar seu passado, não tem futuro”

“Eles sabem de muitas coisas que não deveriam saber e não sabem algumas coisas que precisam saber.”

“A criatividade faz parte da natureza humana. Só pode ser desaprendida.”

“Não estou interessado em uma região específica ou uma pessoa ou uma história. Estou muitíssimo interessado na situação global”.

“Eu não diria que eu me tornei mais radical: eu nasci radical.”

“Uma pequena ação vale um milhão de pensamentos.”

“Nacionalidade e fronteiras são barreiras à nossa inteligência, à nossa imaginação e a toda sorte de possibilidades”.

“Eu quero que as pessoas enxerguem o seu próprio poder”.

“Os seres humanos não dominam o universo. Somos passageiros temporários.”

Para este artista, com quem eu me identifiquei, ofereço o poema abaixo:

Ai Weiwei assume

A dor dos oprimidos.

Fugitivos

Refugiados.

A dor coletiva

Daqueles que

Se unem na

Mesma energia

Buscando

Uma vida melhor.

Atravessam
Fronteiras
E mares
E, muitas
Vezes não
Chegam
Ao seu destino.
A dor dos oprimidos
É expressa
Com grande intensidade
Nas instalações
De Ai Weiwei.
Artista e ativista
Ele sabe transmitir
Um cenário de angústia
E morte coletiva.
Weiwei
Sente a dor
Desses momentos
Cruciais da
Existência
Humana.
Sua instalação
“Imigrantes” é
O grande impacto
Da mostra.
Ficamos mudos
Diante deste
Ajuntamento
De pessoas
Que se irmanaram
Na dor e morrem
No caminho.

Nas águas do Mediterrâneo

Na lama de Brumadinho

O impacto é o mesmo.

16 de abril de 2019

PHOTOSHOP, UMA LIÇÃO DE VIDA



Fotos: Roberto Andrés

A fotografia, no contexto da arte contemporânea, tornou-se um dos principais meios de comunicar ideias.

Com os recursos do computador, artistas fotógrafos fazem montagens, transformando a realidade de acordo com a sua imaginação.

Dispensando os meios tradicionais, eles podem se tornar poetas ou críticos, levar o espectador ao mundo da fantasia ou ironizar situações. A foto fala por si, dispensa a palavra. Intervenções criativas nas fotos transformam situações, dizem tudo sem dizer nada.

Na revista Piauí, de dezembro de 2009, Roberto Andrés, arquiteto e artista contemporâneo, apresentou um trabalho de intervenções fotográficas que hoje pode ser visto na galeria da Oi Futuro, em Belo Horizonte. Com muita criatividade e coragem, o jovem artista nos surpreende com sua crítica silenciosa à invasão do concreto sobre o verde. Usando a técnica de montagens fotográficas, ele abre a consciência das pessoas para um dos problemas mais difíceis das grandes cidades – a pavimentação excessiva de ruas, inclusive cobrindo os rios que passam pelas cidades.

Enquanto contemplamos suas fotos expostas nas paredes do “Oi”, vamos refletindo sobre os problemas da atualidade, as inundações, o excesso de calor, o excesso de concreto...

Ali estão expostos cenários que todos nós conhecemos, transmutados com o auxílio da foto montagem.

Vou observando e recordando: o asfalto e as lajes de cimento nos remetem ao processo de urbanização das grandes cidades, onde o verde praticamente não existe. São cidades e paisagens

encaixotadas, secas, e conduzem o pensamento para a especulação imobiliária, o corte de árvores, as construções sufocando e impermeabilizando a natureza. Fico olhando o Rio Ganges transformado numa passarela artificial e Notre Dame de Paris sem o Rio Sena.

Roberto morou em Paris antes de se formar em arquitetura, andava de bicicleta pelas ruas para chegar até o seu lugar de trabalho, amarrava a bicicleta num poste, com uma corrente.

“Gosto de andar de bicicleta, me disse ele, acho que herdei do meu avô Luiz...”.

O avô tirou uma foto quando era adolescente, andando de bicicleta no calçadão do Rio e esta foto está colocada na prateleira da casa do Roberto.

Agora, em frente às fotos expostas no Salão do “Oi”, vou rememorando fatos e fotos – e todas as coisas vão se integrando de forma circular. Passado e presente se tornam um único movimento.

Estamos presentes aqui, olhando a exposição, as pessoas circulam em torno como em qualquer inauguração de artes, onde a parte social se sobrepõe à parte artística. Inaugurações são reuniões que permitem apenas um encontro entre as pessoas e os quadros ficam parados, mas nos falam também.

Ali sentada, em frente aos quadros, viajei para Paris e retornei à Índia, sem sair do meu lugar. Essa intervenção arrojada mexeu comigo. Fez ressurgir a necessidade do verde, para respirar. O verde não pode desaparecer das cidades, caso contrário, o ser humano também desaparece, sepultado nas lajes de concreto.

Lemos hoje no jornal Folha de São Paulo uma notícia vinda da Dinamarca, que acena com providências para amenizar o efeito estufa: “hoje, 37% dos moradores de Copenhague, a capital do país, circulam todos os dias de bicicleta, por cerca de 1,2 milhão de km de ciclovias. A meta é chegar a 50% em 2015. ”.

“O foco recente do país, que hoje tem autonomia energética e várias metas ambientais, é a produção de energia eólica.”

Um país pequenino como a Dinamarca está nos mostrando sugestões para o século XXI: usar bicicletas para evitar a aglomeração de carros e moinhos de vento para captar energia.

As fotos de Roberto nos fizeram pensar e o seu exemplo já foi lançado.

Aqui em BH ele deixa o carro em casa e vai de bicicleta para o trabalho.

25 de outubro de 2010

A MUSA PARADISÍACA DE THOMAS NÖLLE



Fotos: Thomas Nölle

No último dia da exposição “Fotografia e Natureza”, recebemos a visita de um casal de artistas, Claudia Giannetti e Thomas Nölle.

Claudia é professora de arte e novas tecnologias em Barcelona e Évora, e ele, artista plástico, pesquisador, fotógrafo, com obras exibidas na Alemanha, Brasil e Espanha.

Thomas nos mostrou um livro de artista de sua autoria, com fotos recolhidas das janelas dos ônibus, trens e aviões.

A rapidez do foco permitiu a realização de fotos de grande beleza, onde a forma desaparece e resta somente cor e luz. Ali, a fotografia se aproxima de quadros abstratos e sentimos afinidade

com os meus quadros informais.

Daquela visita, ficou a lembrança deste álbum de artista que mostrava a leveza e a sensibilidade do fotógrafo. O próprio movimento da câmera criou luzes, sombras e cores com a velocidade exigida pela viagem.

Mais tarde Thomas me presenteou com outro livro de sua autoria, denominado Musa x paradisíaca.

Estou com o livro nas mãos e posso apreciá-lo mais de perto.

O livro é uma viagem interna que descreve o nascer e o morrer. Vou percorrendo as páginas e sentindo a presença do fotógrafo, desta vez como observador da natureza.

Observar o desenrolar da natureza é também observar o ciclo de nossa própria vida.

Neste segundo livro, Thomas fotografou o ciclo de nascimento de uma das árvores mais populares do Brasil – a bananeira.

O artista Thomas Nölle, fotografando o livro Musa x paradisíaca nos mostra como a atenção na natureza pode nos conduzir a percepções sobre o sentido da vida.

“As fotografias de Nölle põe em evidência, de forma generosa como poucos sabem fazer através de imagens – que cada etapa do processo vital dos seres para perpetuar a espécie se faz acompanhada de uma determinada estética: orgânica e sensual, algumas vezes, insólita e fantasmagórica, outras vezes”. (Citado por CN na introdução do livro do artista)

Existe beleza na primeira folha que se impõe solene como uma escultura verde e no desenrolar de outras que crescem, obedecendo a uma certa ordem. Há simetria nas primeiras flores que surgem nesse processo de renascimento.

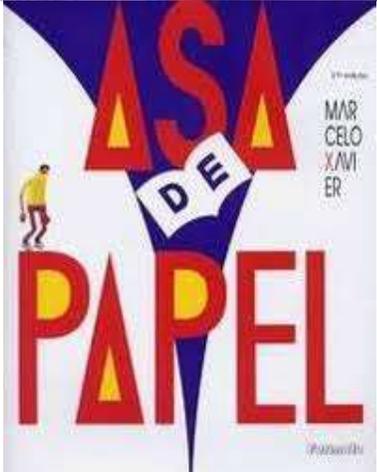
Este pequeno livro nos mostra, através de imagens, as diversas etapas do processo vital de uma simples bananeira e nos conduz à beleza de cada fase de seu crescimento.

Thomas vêm sempre ao Brasil e já percorreu vários países da América do Sul e de modo especial a Amazônia, onde teve contato com os nossos índios e a nossa natureza exuberante.

Musa x paradisíaca é um livro de imagens que aos poucos vão se desdobrando como as folhas de bananeira que se abrem para o sol.

28 de abril de 2015

MARCELO XAVIER, OTIMISTA INCORRIGÍVEL





*Fotos da internet

Hoje vou escrever um texto sobre Marcelo Xavier, um grande amigo que frequenta a Asa de Papel. Está sempre alegre, comunicativo, disposto a ajudar as pessoas. É artista, de múltiplas facetas, trabalha com livros infantis a partir de ilustrações feitas com massas coloridas. As crianças adoram ouvir histórias daquele artista que, sentado em sua cadeira de rodas, se torna também uma criança, da mesma altura delas. Anda pelas ruas da cidade, no meio do trânsito, sempre sorrindo, feliz. Antes de ser cadeirante, descobriu a arte.

“É formado em Publicidade pela PUC Minas e artista plástico autodidata. Já fez muitas coisas na vida. Ilustrou livros, criou e realizou inúmeros projetos gráficos, produziu e dirigiu programas para a televisão, trabalhou em publicidade, com cenografias, figurinos e adereços para espetáculos de teatro, música, dança, carnaval e programas de TV.

São palavras dele: “Num belo dia de 1986, uma bola de massinha caiu do céu e me atingiu em cheio. Misturei-me a ela e saímos rolando pelo mundo das histórias infantis, das ilustrações tridimensionais e exposições. Essa bola cresceu e, hoje, rola pelo Brasil em oficinas de modelagem e, fora do país, nas traduções de alguns títulos em inglês, espanhol e japonês. Entre suas obras estão “Tem de tudo nesta rua”, “Asa de papel”, “TOT”, “Se criança governasse o mundo”, que tornaram-se bastante conhecidas do público e receberam importantes premiações.”

Olho com grande admiração este artista possuidor de tantos prêmios. Marcelo Xavier, em seus textos de muita criatividade, nos conduz ao seu mundo de forma positiva.

“Foi num domingo, rodando em minha cadeira de rodas, por ruas vazias do bairro, que percebi estar ali o transporte do futuro, a solução para o insuportável trânsito nas cidades, enfim – silencioso, limpo, econômico e numa escala humana.

Enquanto o motorista de um carro sai arrastando pela cidade um monte de aço, de combustível caro e espaço ocioso, envolto pela irritante trilha sonora do motor e uma nuvem de gases poluentes, a cadeira motorizada desliza silenciosamente, a uma velocidade segura por locais em que transitam pessoas de todas as idades e condições de locomoção.”

“Sou, sim, um otimista incorrigível

Um bem-humorado irritante.

Como assim? Esse cara que não

Anda, portador de uma doença

Degenerativa sem cura, rindo

Desse jeito?

Sinto decepcioná-los, queridos

Pessimistas, mal-humorados

E fatalistas à minha volta.”

“Todo mundo cabe no mundo” é o título de um bloco carnavalesco criado por ele, que atrai as pessoas pela sua proposta de contemplar a inclusão e a diversidade.”

(Postagem com trechos do livro “A estranha”, de Marcelo Xavier)

6 de agosto de 2018

ARTE NO COTIDIANO



*Fotos da internet

Na zona rural, o aproveitamento de objetos para outra finalidade é comum. Assim, uma banheira daquelas antigas, pode se transformar em bebedouro para o gado. Já vi muitas vacas bebendo água nas banheiras e fiquei pensando: as madames de antigamente já tomaram seus banhos, depois as banheiras caíram em desuso, agora estão matando a sede das vacas.

Uma das características mais positivas da arte contemporânea é a sua profunda ligação com o cotidiano e com a vida.

É o mundo interno do ser humano que precisa vir à tona e ser conscientizado.

No Oriente esta conscientização é feita através da meditação e do autoconhecimento.

No Ocidente a ação criadora das artes promove a abertura de consciência e o crescimento interno.

A inteligência emocional se expressa de forma espontânea, nas obras de arte ligadas à emoção – expressionismo, fauvismo, abstracionismo, ora lírico, ora informal e violento, trágico ou pessimista.

A inteligência mental se organiza nas composições concretistas, construtivistas, cubistas etc.

Foi necessário um esvaziamento de todas as tendências para que a arte chegasse até o cotidiano.

Foi preciso a dessacralização dos ícones e a quebra do mito do artista.

Para descer ao cotidiano, a arte teve de renunciar ao seu caráter elitista.

Qualquer objeto, por mais vulgar que seja, tem a sua própria dignidade e nas mãos do artista pode ganhar novas formas.

Escutei o depoimento de uma professora: meus alunos ficaram radiantes diante de uma exposição contemporânea. “Podemos criar com latinhas, caixotes, isso nós temos em casa...”

Hélio Oiticica uniu sua energia de criatividade a um bloco carnavalesco.

Quando a arte se dessacraliza e se confunde com a vida, já não pode mais ser analisada nos termos tradicionais de arte, ela é a própria vida se manifestando.

10 de dezembro de 2018

EXPOSIÇÃO SOTURNOS NOTURNOS





*Fotos de Eliana Andrés e da internet

Thais Helt e Allen Roscoe moram nas montanhas de Minas Gerais, próximo a Belo Horizonte. Eles procuraram um lugar tranquilo para construir seu atelier, longe do burburinho da cidade.

Ali eles puderam se irmanar com a natureza, escutar o canto dos pássaros, a chegada dos macaquinhos em busca de alimento.

Muitas vezes fui visitá-los em sua residência. Thais Helt e Allen Roscoe são pessoas importantes no cenário artístico de Minas, seja na impressão de gravuras, ou na realização de esculturas. Tanto Thais quanto Allen, realizaram projetos de minha autoria. No momento, Thais se dedica ao seu próprio trabalho.

A exposição “Noturnos soturnos” foi inaugurada na Galeria Lemos de Sá, no Jardim Canadá. Senti um grande impacto quando visitei a exposição.

É um grito de alerta para todos nós. Descreve de forma não verbal, experiências e conflitos de toda uma região agredida em nome do progresso. É a fuga, a travessia, o medo da morte. Para Thais Helt, dedico o poema abaixo.

SOTURNOS NOTURNOS

O papel prensado
De preto se enrosca
Em curvas
Como montanhas
Sacrificadas.
O papel prensado
É um grito
De dor.
É a angústia
Dos oprimidos
Dos retirantes
Dos fugitivos.
O papel prensado
De negro
Papel japonês
É a matéria
Escolhida
Para um
Significado
De luto
E de dor.

8 de abril de 2019

GIOVANI FANTAUZZI, ARTISTA E ARTESÃO





*Fotos de Marília Andrés e Maria Helena Andrés.

“A exposição de Giovani Fantauzzi, no Museu de Congonhas, nos leva a fazer elos com o barroco mineiro.

Giovani molda o ferro com as mãos, assim como os artistas e artesãos da colônia portuguesa esculpam a pedra e entalhavam a madeira. Há uma ideia que se concretiza nas mãos do artista/artesão, transformando-se em figuras de santos, anjos e profetas de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ou em esculturas musicais de Giovani Fantauzzi. Em ambos, o pensamento e o fazer artístico criam formas sinuosas, elegantes e ascendentes que buscam um diálogo entre o céu e a terra.

Nas esculturas de Giovani esse diálogo acontece com a presença da luz e da sombra, configurando imagens musicais que dançam no espaço. As formas elegantes e sinuosas projetadas no chão e nas paredes do jardim de esculturas apresentam uma coreografia que dialoga com o cenário dos profetas de Aleijadinho, no adro do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas.

Mas, na igreja barroca a relação entre o público e as imagens é permeada pela fé, a religiosidade e a contemplação dos objetos devocionais, levando o fiel à relação espiritual com a entidade transcendental. Já no jardim de esculturas do artista contemporâneo, o expectador/participante envolve-se num jogo lúdico e sensorial com os objetos e as imagens projetadas. Este jogo forma desenhos construtivos, e toma diferentes configurações a partir do

movimento do participante dentro da obra.

As perspectivas mudam, e o artista/artesão transforma-se no propositor de uma obra aberta à participação do público, em sintonia com a proposta interativa do Museu de Congonhas, que busca conduzir o visitante a “uma experiência de fruição estética, sensorial e intelectual”.

Marília Andrés Ribeiro

GIOVANI FANTAUZZI

Caminhei pela exposição

De Giovanni Fantauzzi

Seguindo o roteiro de

Marília Andrés e

Sérgio Rodrigo Reis.

Ambos nos deram

Uma visão clara

Da obra de Giovanni.

Perceber o todo,

Sentir a presença

Do expectador nas

Pessoas que passavam

E nas crianças que

Se entusiasmaram

Brincando com as esculturas

Entrando dentro delas.

Sua obra possibilita

A participação do espectador.

Na espontaneidade

Do menino que brincou

Com uma escultura

Gigante, nas sombras

Que as peças esculturais

Projetavam na parede

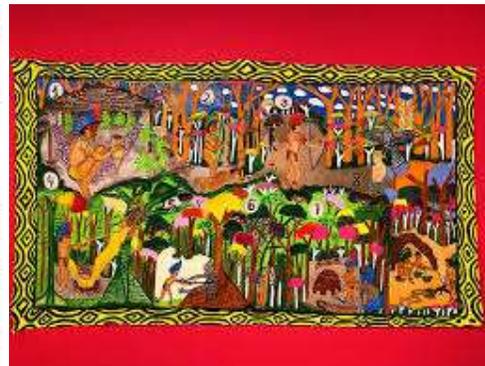
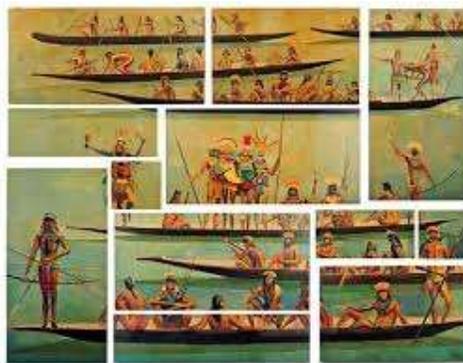
E criavam desenhos e

Luzes.

Participar é
Sentir e ver a escultura
Com o corpo todo, entrando
Dentro dela, brincando de
Esconde - esconde, escorregando
Nas rampas.
Giovani soube
Sentir de perto o
Público jovem que
Percorre uma exposição
E a transforma no lúdico
Na brincadeira.
Maria Helena Andrés

12 de maio de 2019

NAVEGANTES



*Fotos da internet.

Este tema “Navegantes” sempre fez parte da minha vida.

Desde adolescente, quando mudamos de casa, meu pai instalou um vitral representando uma caravela portuguesa.

Quando eu descia a escada, parava para ver a caravela. Ela brilhava ao sol da tarde e resplandecia à noite, quando acendíamos a luz.

Hoje, essa caravela está na minha casa do Retiro das Pedras e ainda posso admirá-la quando

o sol se põe.

Meus quadros se apropriaram do tema “Navegantes” e a minha entrada no abstrato foi através dos barcos, dos navegantes.

Foi com este incentivo que percorri a exposição “O Rio dos navegantes”, inaugurada no Museu de Arte do Rio, o MAR, com grande sucesso.

A exposição é um documentário que vai nos revelando uma história da chegada ao Brasil desses intrépidos aventureiros do mar.

Já participei de um congresso sobre os navegantes em Goa, Índia Portuguesa, onde pude mostrar o intercâmbio de culturas realizado pelos navegantes.

Agora, no MAR, vejo a chegada deles ao Rio, trazendo objetos de arte da China, da Índia e das diversas colônias portuguesas espalhadas pelo mundo.

Os navegantes inspiraram vários artistas e entre eles sobressai um enorme painel de Caribé, com embarcações indígenas.

“O MAR, que traz em seu nome a sua cidade-sede, razão maior de sua existência, saúda os navegantes de todos os portos, culturas, crenças e formações, desejando que mais e mais visitantes aqui estejam, aportem e usufruam do patrimônio que é da sociedade, da população carioca. Bem-vindos sejam!” (Eleonora Santa Rosa, Diretora Executiva do MAR)

11 de novembro de 2019

SÔNIA LABORIAU





*Fotos de arquivo e da internet.

A artista Sônia Laboriau teve uma conversa comigo por zap. Ela mora num apartamento com vista para a cidade. Como eu, ela está criando coisas novas nesta quarentena. Os artistas em geral estão vivenciando de modo muito vivo e criativo este período de quarentena. O fato de ficar em casa propicia um enriquecimento de ideias muito maior do que quando a pessoa tem a possibilidade de circular. Há um contato direto com o ser interno e maior comunicação com a natureza. Quando enviei para a Sônia uma foto da minha escultura, ela me respondeu com o poema abaixo.

QUARENTENA AO QUADRADO

“Embora retangular,

Tem corpo de ferro e muito ar.

Presente Maria Helena,

Por ela se faz o pesado, leve,

Nos leva, nos traz notícias da vida.

Presente, veraz, me move,

Comove amiga Maria,

O presente recebido.

Por esta mensagem, Helena,

Querida artista, tenaz!”

(Sonia Laboriau)

De sua varanda, ela contempla a cidade em pausa, em movimento. Mas a varanda de Sônia está permeada de ideias. Dentro de um espaço pequeno, um corredor de luz, ela toma sol, descansa na rede, cria aquarelas, registra desenhos, medita.

Para um artista o isolamento mostra novas direções para sua arte e caminho de vida. Há muitos vasos e flores na varanda, um testemunho da ligação da artista com a natureza. Ali, no seu

entorno existe um jardim cultivado com amor.

Ainda me lembro, como se fosse hoje, do dia em que Sônia foi me visitar no Retiro das Pedras, presenteando-me com uma linda rosa. Plantei a rosa na entrada da minha casa e todos os anos ela renasce em botões e rosas, numa saudação ao sol e à alegria de viver.

É através do cultivo de plantas que iremos nos sintonizar com toda a criação.

Contemplo o botão de rosa que está começando a surgir na minha porta e o seu perfume me recorda a presença cheia de vida desta artista minha amiga.

17 de agosto de 2020

EXPOSIÇÃO “MEUS BICHOS DO SERTÃO”

Na Galeria de Arte AM, percorri a exposição de pintura “Meus bichos do Sertão” da pintora e escultora Maria Lira Marques, artista natural de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha. Para ela dedico esses versos:



A arte de Lira

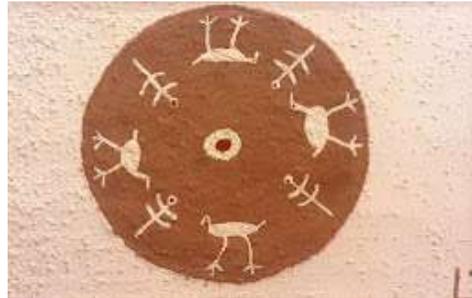
É uma viagem no tempo.

Remete aos antigos

Habitantes das cavernas

Que desenhavam na pedra

Figuras rupestres.



O barro nos diz coisas

Do Jequitinhonha

Daquele povo sofrido,

Mas extraordinariamente

Criador.

O Vale do Jequitinhonha

É um vale fértil

Em artistas.

Região pobre de Minas,

Mas rica em ideias

Que se estendem

Pelo mundo.



Lira,

Seu nome remete à lira

Dos poetas e dos trovadores

Dos cantores e dos anjos,

Onde as pedras se tornam estrelas,

E o rio passa banhando tudo.



*Fotos De Ivana Andrés

8 de outubro de 2021

MONICA SARTORI E VICTOR BRECHERET NO MUSEU INIMÁ DE PAULA

Neste domingo de sol, saímos da Pampulha para visitar duas exposições no centro de Belo

Horizonte, no Museu Inimá de Paula, situado na tradicional Rua da Bahia. Visitamos primeiro a exposição de Monica Sartori, artista da Geração 80, que já expôs em Sala Especial na Bienal de São Paulo. Monica é minha vizinha, moramos no mesmo condomínio, o Retiro das Pedras. Em seguida, visitamos a exposição de Vitor Brecheret, no primeiro andar do Museu.



Percorremos a exposição apreciando como a artista se expressa com maestria através da linha. São linhas paralelas, sinuosas, sensíveis.



Agora, Monica transforma a linha, percorre vales e montanhas e nos mostra as flores do cerrado.

São flores campestres, que nascem espontaneamente, sem ninguém plantar ou regar. São simples e belas, nascem no campo e apreciam o sol nascendo e se pondo, totalmente ao sabor da natureza e dos ritmos de nascimento e morte.



Monica sempre viveu no Retiro e as flores do cerrado são suas companheiras de vida.

Ali no Retiro os campos se estendem a perder de vista. As linhas de Mônica continuam vibrando em música, desta vez espalhando flores pelo caminho.



Sua exposição faz bem à alma.

Descendo para o primeiro andar do Museu Inimá de Paula, visitamos a exposição de Victor Brecheret, que também procura, como Monica Sartori, uma ligação com a natureza, a terra e suas origens. Monica revela ao público as flores do cerrado, que surgem espontâneas, sem ninguém plantar. Brecheret pertence a uma outra geração, anterior, estudou na Itália. Ali encontrou outros modernistas em plena atividade. Sua arte é uma síntese do modernismo que se instalou no Brasil, aliado às nossas origens indígenas. Brecheret era escultor, mas também grande desenhista. Seu

trabalho contínuo e ininterrupto transmite a força de um artista genuinamente brasileiro que estudou e transmitiu as tradições dos povos originários. Sua simplicidade de linhas e formas estavam perfeitamente expressadas pela arte dos indígenas, arte simples e despojada. Os indígenas viveram há milênios nas florestas, mas não se inspiraram nas plantas e nas flores de seu meio ambiente.



São padrões geometrizados que se enquadram perfeitamente nos padrões da arte construtiva.

Quando Brancusi nos trouxe a pureza das formas, Brecheret encontrou nas origens brasileiras esta mesma característica.

Percorrendo a exposição podemos sentir perfeitamente esse encontro da arte europeia com a arte simples e despojada dos indígenas brasileiros.



“Eu nunca te encontraria se antes não estivesses comigo” (Saint Exupery)

Este despojamento do supérfluo, próprio do modernismo, dialogava de forma penetrante com as características vindas da Europa.

Brecheret se debruçou no estudo dos indígenas e percorreu o mundo maravilhoso dos habitantes das nossas florestas.

Conheci em 1951 a arte de Brecheret que foi premiada na I Bienal de São Paulo. Nossas

origens brasileiras ressurgem das florestas, levantando a bandeira da simplicidade de formas.

Nas palavras de Maria Izabel Branco Ribeiro, curadora da exposição: “Brecheret não registrava as peculiaridades dos diferentes grupos indígenas, mas o mundo novo que vislumbrava.”

Visualizando as duas exposições, percebemos que existe uma ligação entre elas, que não se expressa em estilos diversos, mas têm uma ligação profunda com as nossas origens. A pesquisa da terra e da vegetação do cerrado, caracterizado pelos desenhos de Monica Sartori se encontram com a arte de Brecheret sob o mesmo teto, no Museu Inimá de Paula, apesar de pertencerem a épocas diferentes. Elas têm em sua origem mais profunda o “eterno agora”, a busca incessante do ser humano em torno da mesma ideia: Quem somos, de onde viemos e para onde vamos?

*Fotos de Marília Andrés

s á b a d o , 1 7 d e j u n h o d e 2 0 2 3